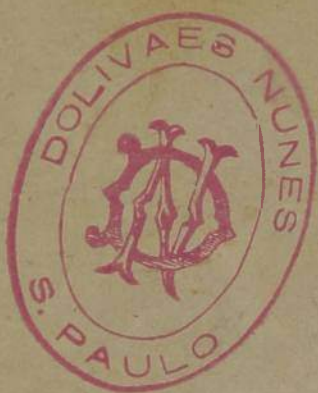


PADRE BELCHIOR DE PONTES



Typ. da «Gazeta de Campinas»

et Alberto Fraujo

JULIO RIBEIRO

Reconhecimentos

PADRE BELCHIOR DE PONTES

Amisach

ROMANCE HISTORICO ORIGINAL

Julio Ribeiro.

Tomo II

CAMPINAS

EDITORA A GAZETA DE CAMPINAS

1877

PADRE BELCHIOR DE PONTES

TERCEIRA PARTE

OS EMBOABAS

Sapho

Caprichosamente accidentadas protrahem-se as montanhas mineiras conhecidas hoje pelo nome de —Serra do Lenheiro—: aqui alterosas, alcantiladas, irregulares, severas vão a entestar com o céu, desferrindo lampejos metallicos ao sol ardente de verão, tocando-se de neblina nos dias brumosos de inverno; além baixas, arredondadas, suaves, lascivas quasi á vista como os seios de uma virgem, sorvem soffregas as virações inebriantes do oeste, exhalam de sua coma de florestas odores exquisitos, pagam á briza aroma com aroma, caricia com caricia, fremito com fremito... A's suas fraldas verdejantes, em vaile estreito, murmura a corrente que scenas de sangue estigmatizaram para sempre com a denominação sinistra de—Rio das Mortes—.

Na margem direita desse tributario do soberbo gigante do sul, em uma planicie declive, erguia-se no anno de 1708 um nucleo de casas baixas, cobertas de folhas de guarycanga: era a povoação nascente que com o veio de agua partilhava do mau agouro do nome, era o arraial do—Rio das Mortes—.

A' distancia de um tiro de funda, sósinha sobre o

cabeço de um outeiro pouco elevado, alapardada como uma féra á espera de prêa, avultava extranha fabrica.

Ao longe parecia ella um amontoado de pedras em sosso; vista de perto era um reducto grosseiro e amplo, uma cidadella improvisada de cantos de granito, de seixos rolados, de traves rijas, desgraciosa, informe, mas inexpugnável: dous cubellos e uma espaçosa portada davam-lhe ares de castello antigo.

As muralhas em talud por fôra, perpendiculares na face interna, esplanavam-se no cimo em andadeiros adarves. Era vasto o recinto por ellas limitado: renques de commodas choupanas, extensas cavalhariças, celleiros, paiões, redis, cortelhos deixavam ainda espaço para folgada praça de armas.

No centro de entre os penedos nativos jorrava uma limpida fonte.

Grosso de muralhas, a cavalleiro da planicie, abastecido de agua perenne, tinha todavia esse forte um lado fraco: uma eminencia visinha ensenhoreava-o.

Da morraria fronteira descia, serpeando, a estrada: no fim da sua ultima voluta visível, campeava um rochedo escalvado, especie de obelisco natural, sentinella de pedra perdida nos terminos do deserto...

Era ao cahir de um dos ultimos dias de Maio: o sol afogueava com seus derradeiros raios as cumiadas das montanhas, ao passo que nos valles já dominavam sombras: esse clarão melancolico da despedida do astro rei, cortado em perfeita horisontal, semelhante um velilho de ouro desdobrado nas cristas da serra.

O arraial estava como morto: suas casas abertas não resfolegavam com o alegre bulicio do mourejar

das familias ; nas lareiras frias não ondeava a mais tenue espiral de fumaça... A não contarem-se algumas velhas lavadeiras que recolhiam da beira do rio roupas enxambradas, e uns poucos de rapazes occupados em pastorejar na planicie numerosa cavallhada, a população, e com ella toda a vida, parecia concentrada no forte.

Ahi tudo era faina e movimento. Mais de seiscentas pessoas, homens, mulheres e meninos, enxameavam pela praça, pelas choupanas, pelas cavallhariças: aqui dispunham nos celleiros volumosos saccoes, além enchiam tulhas de graõs, em outra parte empilhavam lenha, em outra ainda açacalavam armas... Creanças semi-nuas, com o descuido da idade, atroavam os ares, soltando gritos pranteiros... Nos redís balavam ovelhas, nos cor-telhos grunhiam porcos... Sobre fogueiras e brazidos ferviam os caldeirões e gyravam os espetos em que se-aprestava a cêa para essa numerosa mó de gente.

De subito no alto de um dos cubellos assomou um homem empunhando uma corneta: embocou-a e um toque melancolico de recolhida ecoou pelas quebradas...

As lavadeiras alçaram as trouxas, das mattas assomaram madeireiros e lenhadores e, á excepção dos guardas da cavallhada, acolheram-se todos ao reduto cujo portão se-fechou.

O sol se-tinha-sumido, e as sombras sempre crescentes iam-invadindo as alturas.

Na varanda aberta da maior das choupanas do forte estava uma mesa coberta por alvissima toalha: dous copos e dous talheres indicavam que dous commensaes ahi tinham de cêar.

De braços cruzados e cabeça pendida ia e vinha pela quadra um homem de meia idade, de fórmias delicadas e todavia robustas: a longa barba, os ca-

bellos negros, a tez morena, a pequenez dos pés e mãos, tudo nelle accusava a mais apurada raça da Europa meridional, a linhagem filialga portugueza: as rugas fundas que lhe-sulcavam perpendicularmente a fronte faziam com que se-juntassem duras as sobranceiras vigorosamente accentuadas, denunciando character firme, animo decidido e tenaz no proposito.

Profundo era o scismar que o-absorvia: não dera elle fé de uma mocinha que, voluteando travessa, adejando quasi como uma borboleta, entrára e sahi-ra por vezes, e trouxera para a mesa pão, vinho, luzes, e cêa e todos os seus adereços.

Quando completou-se essa tarefa, a engraçada se-vente sustou a marcha ao abstracto pensador, rodeou-lhe o pescoço com os braços e, alçando-se nas pontas dos pés, beijou-o na face, a papaguear com adoravel volubilidade :

—Que frente mais ensombrada de cuidados, papae! parece um horisonte tempestuoso! Os paulistas... deixal-os vir!... Vamos, vamos cêar. Em nosso Portugal tem-se que a cêa deve ser comida sem-moscas e sem luz: aqui ou com moscas ou com luz, não ha crepusculo. Mas... passaremos sem elle !

—Guiomar, minha Guiomar!

E sorrindo, com os olhos humedecidos, com expressão de ternura infinda o pae beijou a filha na testa.

—Ai, filha! o que me-aperta o coração, o que o-enegrece, é ver-te entre estas muralhas que dentro em pouco, batidas por balas, vomitando chammas, calcinadas pelo incendio, serão, a imagem viva do inferno... Oh! a guerra é uma cousa horrivel e esta, esta, principalmente, em que estamos mettidos...

—Não-ha-de-ser peor que as da India, de que reza e nosso Jacyntho Freire: o forte do Rio-das-Mortes

resistirá tão bem como o de Diu, e papae será o nosso João de Mascarenhas. Demais disse Camões:

«Que nos perigos grandes o temor
«E' maior muitas vezes que o perigo».

—F' verdade, filha, o que diz o poeta. Mas Ambrosio Caldeira nunca poderá egualar João de Mascarenhas: Ambrosio Caldeira tem junto de si a sua filha mimosa, a sua Guiomar querida que o-faz fraco, que o-torna até covarde...

—E que deveria fazer com que elle fosse para defendel-a

«Qual parida leôa fera e brava.»

—Sem contar que Manoel Nunes Vianna não é nenhum João de Castro.

—Que fique-se por lá, na sua fazenda do Escuro, pescando no Carunhanhã; não o-havemos cá mister. Para debellar os paulistas bem basta Ambrosio Caldeira.

—*P'ra debellar os paulistas
Bem basta Ambrosio Caldeira!*

São dous versos excellentes, minha Sapho lisongeira.

—Quem herda não furta: papae completou a rondilha! E nem a rima lhe-falta: tem-na rica:

*São dous versos excellentes,
Minha Sapho lisongeira!*

—Maliciosa!

—Oihe, vamos cêar; e, si ficar bem desassombrado, bem amovavel, bem ledo, ler-lhe-ei depois um

rimance-xácara que suggeriu-me a vistado forte isolado no alto do outeiro: é composição do genero tão em voga entre o povo nos tempos idos, e de mais a mais em estylo antigo, na linguagem dos velhos *soldos* portuguezes de que papae tanto gosta.

—Recita-a, recita-a já.

—Podera! E a cêa a arrefecer?! Depois, depois: tenha um poucachinho de paciencia. Sabe que sou teimosa.

—Então é resolução assente?

—De pedra e cal.

—Não cedes?

—Não.

—Pois sujeito-me, já que não ha remedio.

E sentaram-se á mesa.

A luz, batendo de chapa no rosto de Guiomar, envolvia-a em uma como athmosphera de fogo, e punha-lhe em relevo até as mais miudas feições. Sua cabeça, de contornos esculpturaes, assentava firme sobre um collo bem lançado, sobre hombros que em nada invejariam os da Venus de Milo. A testa elevada ensombrava-se com fartos caracões de cabellos negros e sedosos, e avincava-se na base, como a do pae, mas quasi imperceptivelmente. Os supercilios distinctos e correctos, como si a pincel tiveram sido traçados, sobrepujavam uns olhos pretos e buliçosos, antes vivos do que ternos, e quiçá um tanto pequenos. O nariz, de purissimo typo grego, não formava angulo algum com a recta do perfil frontal. Os labios moveis e voluptuosos, entreabertos por habito em zombeteiro sorriso, deixavam verem-se a meio dentinhos aperolados. O que, porém, a penna não pode descrever é o colorido de vida, de saude, de frescor com que o sangue virgem animava-lhe a cutis levemente dourada pelo requeimar do sol dos tropicos... A suavidade dos seios, a breveza do talhe advi-

nhavam-se, que se-não-viam, occultas, escondidas pela discrição egoistica das amplas dobras de um roupão escuro...

A cêa foi alegre: o encanto, o feitiço irresistivel da conversação da moça seduziu, arrastou, dominou Ambrosio Caldeira: sua fronte desenrugou-se, suas feições expandiram-se. O pae e a filha conversavam franca e desimpedidamente, como dous homens.

—Josephal chamou a moça ao acabarem de cêar.

Appareceu uma india que de braços cruzados aguardou as ordens de sua ama.

—Levanta a mesa.

A serva obedeceu.

—Guiomar, agora a tua promessa, o *rimance*.

—Vou recital-o, papae, ou antes, si o-prefere, cantal-o.

—Uma e outra cousa: quero o recitado para comprehendel-o, cantado para admiral-o.

—Condescendo: estou tão grata a papae por não ter desdenhado da cêa em que collaborei, e que por minhas mãos servi, que tudo farei. Não avalia quanto me afflige vel-o de viseira derrubada como um Orestes de aldêa.

—Junto de ti quem o-estará? Vamos ao *rimance*.

Guiomar tirou do bolso do roupão um papel, desdobrou-o e, chegando-se á luz:

—Sabe que titulo tem a minha semsaboria? perguntou.

—Si ainda mo-não-disseste, sacrilega.

—O *Conde Negro*.

—O titulo promette.

—Mas não cumpre.

—E' o que vamos vêr. Lê.

—Ainda não por ora: ouça-lhe primeiro a historia. Eu tinha ido além do rio visitar a Sylveria Moreira que achava-se de cama com um insulto do

seu rheumatismo : a boa da velhinha azafamou-se toda ao ver-me e, lastimada de que nada tivesse com que obsequiar-me, acceden gostosa ao pedido que lhe-fiz de que me-cantasse alguma *lôa* antiga das muitas que sabe. Repetiu-me aquella singela e graciosissima—*Donzella que vae á guerra*—e o—*D. Gayfeiros*—que forneceu a Cervantes o burlesco e immortal episodio do titereiro. Impressionou-me e muito nessa occasião a chã e por isso mesmo encantadora poesia do povo : a toada septisyllaba dessas cantigas tão maviosamente monotona, e que a mim me-parece que é a verdadeira matriz do rhythm portuguez, adormentou-me o cerebro em um scismar doce e langue que transportou-me a plena idade-media, ao tempo dos cavalleiros-menestreis, dos castellos roqueiros, das mouras encantadas, das captivas formosissimas, dos gigantes, dos anões, dessas mil parvoçadas pueris que valem mil vezes mais do que todas as cogitações graves e pesadonas deste seculo positivista de faisqueiros e captivadores de indios... De volta, ao adregar com o forte isolado no cume do outeiro, tive um como deslumbramento : antolhou-se-me que elle crescia, que se-coroava de amêas, que tinha fossos, ponte levadiça, cavallo de frisa... Um pobre lavrador que atravessava a campina figurou-se-me um campeão dos torneios antigos, de gorjal e cervilheira, de peito de armas e fraldão de malhas : o pacato burrico em que ia montado assumiu as proporções de corredor bardado de ferro... Eu senti tambem uma revolução em meu ser, uma oppressão de animo, uma tristeza funda... vi-me castellã perseguida, chêa de receios e temores, anciando por um libertador...

Então escrevi.

—Açulas-me a curiosidade : lê, filha, lê !

Com voz forte, mas doce, e expressiva Guiomar leu :

O CONDE NEGRO

I

Em nua e triste charneca
se-ergue maciço castello,
velho, fendido, medonho ..
Treme o corpo só de vel-o!

O castello é todo negro;
côr de sangue é seu pendão:
semelha o genio das trevas,
meditando em solidão...

Vê-se luz pelas setteiras;
ouve-se a vela bradar...
O famoso *Conde Negro*
ora vive no solar.

II

Dez horas soam na torre...
A grossa ponte baixou...
Cavalleiro á redea solta
a charneca atravessou...

Negro o corsel, armas negras,
o manto é branco e maltez...
Quem será tal cavalleiro?
O *Conde Negro*? Talvez!

III

Alzêma, a linda morena
canta ao som de um bandolim;
de tristura repassado
seu cantar dizia assim:

«Velho castello deserto
«era guarida ao morcêgo,
«mas veio novo senhor,
«quebrou-lhe o morno socego.

«Ai! chegou o *Conde Negro*;

«consternada é toda a terra...
«A' lenda do *Conde Negro*
«de medo o peito se-cerra!

«Delle não posso lembrar-me
«sem de horror estremecer...
«passando per mim, o *Conde*
«parou-se para me-vêr.

«Viseira, tinha-a calada,
«mas vi-lhe o fogo do olhar...
«--Serás minha! disse e presto
«se-sumiu a galopar!

«Dizem hi que o *Conde Negro*
«jámais prometeu em vão...
«Quem me-livra destes sustos
«que trago no coração?

—Eu, meu braço e meu mon-
tante!

(Sôa voz doce lá fóra)
E' meu dever o servir-vos,
que de mi vós sois senhora!—

ALZÊMA

—Cavalleiro que assi falla
que paga quererá ter?—

A VOZ

—A meu alcacer levar-vos,
thesouros vos-offrecer!—

ALZÊMA

—Vou comvosco, mas azinha
dais-me paz, ó cavalleiro?—

A VOZ

—Ao *Conde Negro* amanhã
Será dia derradeiro!—

IV

Dama e guerreiro se-vão;
vôa o valente murzello,
já vão correndo fronteiros
ao tenebroso castello.

Bem rente da barbacan
toma a trompa o cavalleiro,
e, veloz a perpassar,
vibra ao ar clangor guerreiro

Ter vida mostra o castello,
p'ra combater se-prepara;
que na torre da menagem
brilha presto uma almenára.

Encontram troço de gente
que pr'a o castello se-váe.

CHEFE DA GENTE

—Por quem, por quem caval-
leiro?

CAVALLEIRO

—P'lo pendão rubro—.

CHEFE DA GENTE

—Passae.—

V

Nasce alegre a madrugada,
como sóe de verão sel-o:
Vão besteiros, vêm besteiros
nos adarves do castello.

Ante a ponte levadiça
campa altivo um trophéo
d'armas.

seus guardas são dous guer-
reiros,
dous guerreiros com bisar-
mas.

Sobreposto ao trophéo nobre
um brazão vê-se a brilhar,
e em seu campo, que é de go-
les,
aguia negra a negrejar!

IV

Arreda! vem cavalleiro,
vem veloz e vem do sul!
armas brancas quarteadas
traz elle d'ouro e d'azul!

Seu corsel fouveiro, forte
vinga o espaço sem parar:
a lança que traz mirada
co'o brazão vae topetar!

Retrôa o ferro no ferro;
responde agudo clarim!
Quem provoca está sósinho...
E' pasmoso ousar assim!

Eis a ponte levadiça
um arauto a atravessar,
e sobre o nobre brazão
denso crepe a desdobrar.

VII

Já chegam dous escudeiros
e uma dama tambem;
cavalgam mulas possantes;
traz a dama um palafrem.

VIII

O cavalleiro o silencio
por esta guisa a quebrar:

CAVALLEIRO

—Que é do nobre *Conde Negro*?

Não quer o repto aceitar?—

ARAUTO

—Porque nãe sahe a terreiro o crepe bem no mostrou: si as armas provar não vem é que, triste, se-finou!

Grande respeito catava-lhe

o arauto quando dizia:
vòlta a dama ao cavalleiro
tal pergunta lhe-fazia:

ALZÊMA

—Cumpriste, esposo, a palavra?
O *Conde Negro* morreu?

CAVALLEIRO

Ai! não, ó luz de meus olhos,
o *Conde Negro* era eu!—

—Soberbo, filha, soberbo, exclamou Ambrosio Caldeira, com os olhos brilhantes do orgulho de pae que se-revê nos talentos da prole.

—Nem tanto, papae; o muito amor que me-vota esconde-lhe os defeitos das pobres redondilhas e...

—Avulta-lhes as bellezas?

—Não, que bellezas não as-ha.

—Olha, eu começo a desconfiar que debaixo dessa exaggerada modestia, esconde-se uma montanha de orgulho. Pois negará; merecimento a essa criação tão poetica de uma donzella apprehensiva, a descantar queixumes aos sons de melancolico bandolim, invocando a protecção do desconhecido que porventura ouvisse-lhe a voz?

—Cousa velha, papae. Não lembra-lhe que o antiquissimo *rimance* da *Bella Infanta* tambem assim principia:

« Dona Clara, dona infanta
« estava no seu jardim,
« penteando tranças d'ouro
« com seu pente de marfim,
« sentada numa almofada
« de velludo carmezim.
« Botou os olhos ao mar
« e avistou formosa armada

« que bem a-traz preparada !
« Saltou em terra elle só,
« com a viscira calada;
« vem saudar a dona infanta
« que assim triste lhe-fallou:
«—Viste tu o meu marido
« que ha tempo que me-deixou? »

—Entre Alzema e a Infanta ha um abysmo: não se-póde-comparar a matrona que ancêa por novas do marido ausente com a donzella dominada por extranhas incertezas, por vagos terrores. A primeira é muito nobre, muito honesta, muito virtuosa, mas é trivial; a outra é leviana, louquinha mesmo, mas é poetica. E a manifestação do Conde?

—Plagio ainda da *Bella Infanta*, papae. Atten-da:

«—Vinde cá, criados meus,
« castigae este soldado!
«—Não chames os teus criados,
« que criados são de mi.
«—Si tu és o meu marido,
« Porque me-fallas assi? »

—Cala-te, Guiomar, cala-te, que estás ultrapassando as raias da injustiça, e entrando pelo terreno dos despropositos. O infante é um marido commum, chato, grosseiro até: olha a resposta que dá elle á casta esposa:

« Por vêr si me-eras leal
« é que disfarçado vim. »

E' mesmo de embarcadigo; tresanda a salsugem. O *Conde Negro* é um cavalleiro de imaginação exaltada, phantazioso, que quebra a monotonia do viver com aventuras que forja, acolhendo-se com seus homens de armas a um castello velho e de muito abandonado, fazendo correrem lendas sinistras, sahindo sóinho a correrias nocturnas... E' de muita imaginação, de imaginação muito delicada, de infindo primor aquelle remate :

« Ai! não, ó luz de meus olhos,
« o Conde Negro era eu ! »

—Decididamente que me-deito a perder com tantos elogios... A tentação é grande... emboral vençel-a-ei! Isso, mesmo, papae, não é a descoberta de nenhum mundo novo. O *soláo de D. Claros de Além-Mar* tem desfecho semelhante: chega um frade a confessar Claralinda que se ia a queimar, e, em vez de preparal-a para o horrivel transe, falla-lhe de amor...O frade era D. Claros disfarçado. A moça repelle-o :

« Dom Claros que tal ouviu
« não poude o riso occultar.
«—Por esse riso que dais
« Sois Dom Claros de Alem-Mar.
«—Cala-te, ó Claralinda,
« que te-venho-libertar ! »

—Tá, tá, tá! Dom Claros cumpre apenas o dever de livrar da morte quem por amal-o a-merecera : é innegavel que ha engenho e delicadeza no seu disfarce, mas está longe do do teu Conde.

—Então as minhas redondilhas...

—Valem mais do que todas as *xacaras, rimances* e *soláos* que conheço, e que sabes tanto aprecio. Mas vou cahindo como um patinho no laço que me-armas, minha sonsal! Estás tanto como eu convencida do merito do *Conde Negro*, e, si o-deprecias, é para mo-ouvires gabar... Bem diz a *xacara da Infeitizada* :

« Arrenego eu das mulheres ;
« mais de quem n'ellas se-fia ! »

—Oh! papae! Repare que vae descambando para os logares communs de declamação contra as mulheres. Não tarda muito a que me-pespegue com o que disse'aquelle truão herege de nome arrevezado —*Perfida como a onda*... Escute, porém, escute! Que som é aquelle? Não é a corneta do forte!

De facto, ouviam-se ao longe as notas roucas de uma trompa de caça.

—Não sei o que seja... Os sons avizinham-se... Quem quer que é vem subindo o outeiro.

—Não sahe a vêr?

—Não: a sentinella mandará parte do que houver. Inimigos não são.

—Em tempo de guerra tudo é para recear.

—Por ora não: os paulistas estão longe.

—Póde ser que appareçam quando menos se-espere.

—Temos piquetes em todas as estradas, que nos darão com antecedencia aviso da sua marcha.

—Porque então foi tão cedo abandonado o arraial, porque recolhe-se a gente ao entardecer?

—Por firmar costume para a occasião. Si houvesse algo a temer, deixaria eu fóra todas as noutes a cavallhada que é o nosso mais precioso recurso?

—Não, por certo. Mas estou morta por saber quem toca tão descompassadamente em tão fanhosa buzina

—Curiosa! E' algum Coude Negro que te vem-offerecer os serviços de seu braço e de seu montante.

—E eu que me-sinto disposta a aceita'-os!

—Permissão, commandante! gritou de fóra uma voz.

—Cheguel foi a resposta.

Entrou na varanda um dos homens da guarnição.

—Que ha de novo? perguntou-lhe Ambrosio Caldeira.

—Vem subindo o morro uma partida de cavalleiros com bandeira branca á frente.

—Aquella trompa...

—E' um delles que a-tange.

—Quantos são?

—Doze.

—Si fôr embaixada a mim, entre o chefe e venha aqui ter.

—Os outros?..

—Aguardarão fóra minhas ordens.

O homem fez uma continencia e sabiu.

Cessaram os sons de trompa. Avinçou-se de novo a frente de Ambrosio Caldeira. Guiomar levantou-se.

—Onde vais, filha?

—Retiro-me. Papae tem de conferenciar...

—Fica: não se-tratará de cousas que não possas ouvir.

—Mas...

—Não tenho segredos para ti. Fica, já te-disse. A moça tornou a sentar-se.

Flos procellæ

Houve por alguns minutos silencio na varanda.

Guiomar pensativa dobrava e desdobrava o papel do *rimance*; Ambrosio Caldeira meditava.

Ouviram-se passos e tiuidos de esporas: o pae e a filha olharam.

Precedido do mesmo homem que trouxera a mensagem da sentinella, aproximava-se um moço desconhecido.

A entrada da varanda pararam ambos.

—E' aqui, disse o guia, e retirou-se.

—O sr. Ambrosio Caldeira Brant? perguntou o recémchegado em tom ceremonioso.

—Sou eu, responden, erguendo-se, o chefe portuguez.

O moço descobriu-se e cortejou.

—A quem tenho a honra de fallar?

—A Antonio Francisco que dá-se por feliz em ter occasião de conhecer pessoalmente um varão que, de ha muito, estimava e respeitava.

—O mestre-de-campo de Manuel Nunes Vianna?!

—Fui-o, senhor. Hoje sou apenas um portuguez que vem offerecer á causa de seus irmãos o concurso leal de seu braço e de sua espada.

Guiomar córou a um sorriso que percebeu nos labios do pae

—Entre, senhor, disse este ao moço. Ha tempos já que o-conheço de nome, e creia que me-orgulho em ter por patricios homens da tempera de v. s..

Permitta-me apresentar-lhe minha filha a sra. d. Guiomar Caldeira Brant.

Guiomar levantou-se e correspondeu á inclinação que lhe-fez Antonio Francisco.

—Sentemo-nos, convidou Ambrosio Caldeira com gesto affavel.

Sentaram-se.

Antonio Francisco era homem bem apessoado e de presença distincta; comquanto um pouco irregulares, eram suas feições expressivas e agradaveis: sua voz mascula e sonora produzia no ouvido uma sensação voluptuosa, indefinivel, analoga á que experimentam os dedos ao contacto macio do velludo. Extrema polidez temperava-lhe os modos naturalmente desembaraçados. Era um perfeito cavalheiro.

—Vem tomar parte connosco, principiou Ambrosio Caldeira, nos transe de tempos bem desastrosos. Horrivel é a quadra que atravessamos.

—Horrivel, diz bem, sr. Ambrosio Caldeira: fermentos de antigos odios têm azeçado os animos, as paixões estão axaltadas, parece que todos os peitos têm sede de sangue.

—E de que sangue? Do sangue de irmãos.

—Não são tanto irmãos os povos que ora combatem-se: a natureza das raças modifica-se com a influencia do clima, do modo de viver, das necessidades novas. As colonias tem-sido e hão-de-ser sempre inimigas das metropolis. Si são irmãos os povos de paizes colonizadores e colonizados, são irmãos como Jacob e Esaú, como Polynice e Eteocles, como Romulo e Remo, isto é, são irmãos pela origem commum, mas irmãos separados por um oceano de despeito. De uma parte milita para acirrar esse sentimento o orgulho da supremacia adquirida; de outra, o amor proprio ferido, o aneio de independencia. O que se-passa hoje nesta capitania de S. Vi-

cente é o que se-dá tambem na de Pernambuco. Aqui é Piratininga que se-levanta contra as Geraes; lá, é Olinda que se-ergue contra o Recife; aqui os Portuguezes são vilipendiados com o nome de *emboabas*; lá, com o apellido de *mascates*. O mesmo se-dará com a America Hespanhola, o mesmo tem-de-acontecer com a America Ingleza. Mais cedo ou mais tarde estes paizes novos levantarão as suas vistas, combaterão pela sua independencia, conquistarão a sua autonomia. Seria loucura affagar a illusão de que as gerações nascidas nestes continentes se-nos-conservarão sempre fieis: os americanos não podem ligar idéa de patria a uma terra que nunca viram, cojas aguas nunca beberam, cujos ares nunca respiraram. Como já disse, elles tem necessidades diversas, conseguintemente, diversidade de habitos. A propria lingua tende a modificar-se: cousas novas exigem palavras novas, novo torneio de phrase. Interesses oppostos criam separação, e todos os interesses do velho e do novo mundo são oppostos entre si. E' questão de tempo: quando os filhos das colonias forem em numero maior do que os nascidos nas metropolis, rebentarão as revoluções, e nada poderá impedir que vingnem. Enquanto esperam odeiam.

—Terriveis principios...

—Provados, porém, pelo estudo da natureza humana, firmados pelo direito das gentes, sanccionados pela logica da historia. E' uma verdade dura para o orgulho dos povos do velho continente, mas é uma verdade—a europa pertence aos Europeus e a America aos americanos.

—Pensando por semelhante modo, sr. Antonio Francisco, não lhe-parece incoherencia tomar armas em prol da causa da motropoli contra a da colonia?

—Portuguez nasci, e portuguez hei-de-morrer.

Si se-tratasse de independência — eu cruzaria os braços, não tomaria parte na luta: trata-se de desforço, de represalias sangrentas — estou com meus irmãos.

Guicimar escutava como embevecida: suas faces se-tinham rosado, seus olhos luziam, seus seios arfavam.

—Represalias sangrentas mesmo, disse Ambrosio Caldeira após breve pausa, que os Paulistas são implacáveis na vingança. Seu amor proprio que os-leva a committimentos assombrosos, que lhes-dá essa tenacidade inquebrantavel que todos admiram, faz tambem com que considerem sacrilegio imperdoavel qualquer offensa que lhe-é irrogada.

—E elles estão offendidos...

—Mortalmente. O acto de Bento do Amaral Coutinho não tem qualificação. E o que é triste é que tenhamos de carregar com a odiosidade que inspirou e inspirará sempre o morticínio horroroso do *Capão da Traição*.

—Mas Bento do Amaral Coutinho não é do reino, nasceu no Rio de Janeiro.

—Pouco importa: obrava em nome de Vianna, e a responsabilidade recae sobre os Portuguezes. E' justo, e eu tanto o-compreendo, que não procuro declinar essa responsabilidade.

—Oh! que Vianna não teve culpa, eu posso garantir! Eu estava com elle quando chegou a noticia do que fizera Coutinho, eu vi-o chorar de indignação e vergonha, eu ouvi-o amaldiçoar o dia em que conhecera o renegado.

—Não gosto de Vianna, mas faço-lhe a justiça de crer que não teve parte, nem sequer indirecta, em tão nefanda violação de todas as leis divinas e humanas. Mas isso a que monta? As aguas todas do mar não poderão lavar o nome portuguez da viltza que sobre elle pesa: só um caminho nos-resta.

—Qual?

—Não nos-mostrarmos covardes, depois que sem culpa ficamos infames: vender caro as vidas, morrer combatendo.

--Para isso aqui vim, sr. Ambrosio Caldeira. Conte comigo e com os meus homens.

—E' verdade! Mandei que elles aguardassem fóra as minhas ordens, suppondo ser v. s. o chefe de alguma embaixada. Querem elles então fazer parte desta guarnição votada ao exterminio?

—São onze portuguezes ás direitas, onze corações leaes, onze bravos que se-uniram comigo em Sabaráboçú para vir combater, para vir morrer com seus irmãos.

Um soluço rompeu do peito oppresso da moça, e duas lagrymas deslisaram pelas faces do chefe portuguez que exclamou com voz intercortada:

—Mande-os entrar, sr. Antonio Francisco; que venham esses leaes portuguezes augmentar o numero das victimas que vão ser sacrificadas em expiação do crime monstruoso do vilissimo Bento do Amaral Coutinho... Mande-os entrar.

--Dê v. s. as ordens necessarias para franquear-se-lhes o ingresso.

—As ordens? De ora em diante é v. s. meu logar-tenente, manda tanto no forte do Rio-das-Mortes como eu proprio. Reservo-me apenas o nome de commandante para corresponder á confiança dos que me-chamaram de Ouro-Preto para depositar em minhas mãos a honra e a vida de suas familias. Aqui está por em quanto a sua nomeação.

E Ambrosio Caldeira, puxando de um livro de lembranças, escreveu a lapis algumas palavras, rasgou a folha, e apresentou-a a Antonio Francisco.

—Senhor, que é isto? perguntou o moço depois de a-ter-lido. Aqui estou para combater, não para

obter accessos; vim em cata de perigos, não em busca de honras; almejo o logar de soldado, não acceitarei o de chefe.

—E' mais perigoso nesta guerra o logar que despreza, e por isso é que lho-dou. Divido comsigo a responsabilidade que sobre mim só pesa demais. Nada de modestias, que são descabidas: é hoje a primeira vez que o-vejo, mas de ha muito que o-conheço, e si-eu fazia algum voto, era o de tel-o junto de mim na quadra presente.

—Vejo que me-ayalia bem, sr. Ambrosio Caldeira: as palavras de v. s. trazem o cunho da sinceridade. Aceito o logar.

—E tambem um amigo. Aperte esta mão: que se-nnam as mãos de dous portuguezes leaes como já estão unidos seus corações.

Antonio Francisco levantou-se, apertou com força a dextra que lhe-era offerecida, cortejou a Guiomar, e sahiu para a praça de armas.

—Não tem preço, disse Ambrosio Caldeira quando se-viu a sós com a filha, a aquisição que fez hoje o forte do Rio-das-Mortes.

—Papae é homem de criterio, e tem grande experiencia do mundo; soube de certo o que fez. Eu, porém, confesso que fiquei muito e muito admirada de que constituisse seu immediato uma pessoa que via pela vez primeira.

—Mas que de longos annos conhecia pela reputação. Character mais nobre, Guiomar, ainda não passou-se do reino ao Brazil. Filho bastardo, ao que se-diz, de um dos mais illustres e conceituados fidalgos de Lisboa, este moço tinha ante si uma esplendida carreira quer na patria, quer no estrangeiro; honras, cabedaes, consideração, fama, tudo lhe-acenava, e elle tudo desprezo, porque lhe-vinha de fonte que fôra tambem a da desgraça da mãe... Emigrando para este continente, serviu como sol-

dado raso na colonia do Sacramento, ás ordens do capitão José de Sousa que o-amava como a irmão. Aborrecido do serviço deu baixa, e para aqui veio quando romperam as primeiras hostilidades desta guerra. Manuel Nunes Vianna conseguiu attrahil-o para junto de si, e nomeou-o seu mestre-de-campo. Pois quer quando soldado raso, quer quando official superior, quer quando simples particular, seu procedimento foi sempre ditado pelo mais severo requinte dos principios da honra: sua valentia é inexcedivel, sua prudencia summa, sua lealdade a toda a prova. E' um homem que vale por um exercito.

—Parece instruido.

—Estudou em Coimbra o que os escolasticos chamavam *trivium et quadrivium*.

—As sete artes liberaes.

—E' isso.

—Vejo agora que papae o-conhecia bem.

—Foi de Vianna que soube todas estas particularidades: fallava-me sempre nelle. Mas, a proposito: não lhe-dirigiste uma só palavra!

—Sou acanhada, como sabe; só com papae é que me-abro sem reserva. Demais tratavam de cousas em que não fica bem metter-se uma mulher.

—Não uma mulher como tu, que sabes mais de guerra do que sabia D. Nuno Alvares Pereira; que sobre politica poderias dar regras ao João das Regras; que em materia de governança serias capaz de desbançar o proprio Mestre de Aviz.

—Irra, papae! nem tanto! E quando assim fosse, mais vale para uma moça o renome de discreta do que a fama de sabichona.

—Olha, Guiomar, eu attribuo a outra causa o teu silencio.

—A qual?

—Tu córaste quando o moço offereceu-nos o concurso de seu braço e de sua espada.

—Porque papae riu-se maliciosamente, alludindo de certo ao gracejo que poucos minutos antes tinha dito sobre o Conde Negro.

—Guiomar, tu ficaste gostando de Antonio Francisco...

—Distingo. Si por *ficar gostando* papae entende dizer que apreciei os seus modos, que reconheci n'elle um cavalheiro distincto, que votei-lhe estima sincera, concordo—*fiquei gostando*. Si entende, porém...

—Guiomar, os olhos de um pae não se-enganam. Vê que nunca mentiste. Antonio Francisco mereceu-te alguma coisa mais do que simples estima...

A moça erguen-se e, com as faces ardendo em pejo, fugiu precipitadamente da varanda.

—Pobre filha, murmurou Am'rosio Caldeira com fundo suspiro, sob maus auspicios começa seu amor! E' uma flor que desabrocha aos sopros da tempestade.

Virginio e Lucrecia

O forte estava garantido.

Não havia tentar assalto.

Para assalto se-faziam mister escadas, ; escadas teriam de ser-conduzidas pelo morro acima ; tal conducção custaria a vida aos conductores, que muito a seu salvo os-espingardearia a guarnição.

Si existisse artilharia para batel-o, talvez que o forte não pudesse resistir dous dias : mas os paulistas não tinham artilharia.

Contra balas de mosquete eram mais que sufficientes muralhas de pedra, de páu, de terra : essas havia.

Collocado no cimo de um outeiro, o forte dominava o arraial, dominava o rio, dominava a planície.

Mas era tambem dominado.

Uma collina visinha elevava-se algumas dezenas de braças mais : era o ponto vulneravel, o calcanhar de Achilles.

Esse erro de construcção militar fôra imposto ; era necessario : a collina mais alta não tinha agua.

A fonte abastecia o forte e enfraquecia-o : roubava-lhe em segurança o que lhe-dera em provisão.

Essa collina que descortinava-lhe o interior era uma ameaça constante, um alliado do inimigo.

Ha materia bruta em que figura-se haver paixões humanas, vida para o mal.

A collina tinha não sei que de feroz ; inanimada,

immovel, muda, parecia que ella votava ao forte odio de morte, que pendia o cabeça para espreital-o, que lhe-dizia no seu mutismo.—Eu estou aqui.

Antonio Francisco, depois de se-ter-feito-reconhecer pelo commandante da guarda como logar-tenente de Ambrosio Caldeira, depois de ter-mandado recolher e alojar seus homens, passou a examinar o-forte.

Bastou um volver de olhos para que avaliasse-lhe as vantagens e defeitos.

Cravou as vistas no topo da cellina, e entregou-se a profunda reflexão.

—Sei em que está pensando, disse alguém junto delle.

Era Ambrosio Caldeira.

—Sim?... Vejamos.

—Está a accusar-me pelo erro de ter edificado o forte em logar descortinado.

--Não foi um erro.

—Como não?

—Antes dormir ao relento do que ser pela sede obrigado a capitular.

—Dormir ao relento?

—Sim : dalli nos-queimarão as casas.

—Receio que o inimigo estabeleça allí um posto, que nos-espreite os movimentos, que nos-envie mesmo alguma bala com pontaria certa : acho, porém, pouco provavel que nos-possa queimar as casas.

—Acha?

—Acho : não ha braço humano que tenha forças para atirar dalli aqui uma panella de fogo.

—Mas qualquer arco póde atirar dalli aqui uma flecha envolta em algodão inflammado.

Ambrosio Caldeira mordeu os beiços.

—Não me-tinha-occurido, disse.

—E' que ainda não combateu com os indios : elles sempre empregam esse meio de guerra.

—Sabel-o-ão os paulistas ?

—Não ha manha de indios que os paulistas desconheçam.

—Vejo que enganei-me quando supuz ter-lhe adivinhado o pensamento.

—Engano apenas de classificação: eu estava—*não accusando-o pelo erro de ter edificado o forte em lugar descortinado*—mas pensando nos meios de obviar aos inconvenientes que nos touxe—*essa necessidade*.—

—Haverá meios ?

—Ha.

—Quaes ?

--A cortina occidental da muralha tem, como as outras tres, altura bastante. Construindo-se-lhe ao pé, em todo o correr, um rancho grande, haverá commodo abrigado de incendio em que se-poderão-recolher os viveres, e estabelecer um hospital para os feridos.

—Excellent plano ! amanhã mesmo pol-o-emos em pratica. Mas fica ainda uma difficuldade por solver.

—E' agora a minha vez de perguntar : Qual ?

—O posto que o inimigo estabelecer na collina nos-crivará de balas muito a seu sabor.

—Pois crival-o-emos tambem de balas.

—Como ?

—Dispondo uma linha de atiradores no adarve da mesma cortina occidental.

—Que poderão tambem impedir que nos-arremecem flechas accesas...

—Não. Flechas podem ser atiradas por elevação sem que o atirador se-descubra. Com espingardas o caso é diverso : uma espingarda tem-de-ser apontada mais ou menos horizontalmente ; para se-apon-

tar horizontalmente mostra-se a cabeça; cabeça que se-descobre é alvo que se offerece.

—A este respeito estamos em egualdade de condições.

—Mas ha outra egualdade ainda que se-converte em favor do inimigo.

—O arraial abandonado.

—O arraial abandonado.

—Lembrou-me incendial-o.

—E porque o-não fez?

—Oppuzeram-se os donos das casas. Pobres homens! Choraram quando os-consultei sobre a destruição do que lhes-custou muito labor, muita fadiga.

—Antes lagrymas do que sangue. V. s. deveria ter incendiado o arraial.

—Não tive animo: demais receei uma revolta.

—Em nossas circumstancias, sr. Ambrosio Caldeira, permitta que lho-diga, deve-se ter animo para tudo, até para abafar uma revolta.

Ambrosio Caldeira deu um profundo suspiro.

Antonio Francisco continuou:

—Estamos protegidos pelas muralhas do forte; as casas do arraial protegerão o inimigo. Abrigo contra abrigo, paredes contra paredes, trincheira contra trincheiras—é uma egualdade. Nós temos a posição, o inimigo tem o campo livre—é uma differença, e contra nós.

—Destruído o arraial...

—Haveria differença em nosso favor: teriamos o inimigo em campo raso.

—Pois que se-abrigue nas casas! desalojal-emos.

—Não é provavel sr. Ambrosio Caldeira: uma vez de posse das casas os paulistas as-conservarão. Sempre que tentarmos desalojal-os, seremos repellidos com perdas enormes.

—Será então melhor plano aguardar no forte sem dar batalha.

—Aguardar o que ?

—Que nos-venham auxiliares.

Um pallido sorriso esboçou-se nos labios de Antonio Francisco.

—Sr. Ambrosio Caldeira, só com um auxiliar podemos contar.

—Com um só ?

—Sim.

—E qual é elle ?

—Um de que fallou-me v. s. ; que não tem-de vir porque já está comnosco.

—Não me-lembra.

—E' o unico auxiliar possivel em nossas circumstancias—é a resolução de morrer.

—Oh ! triste juizo estará v. s. formando a respeito de mim ! Corre-me desapercibido o que nunca deveria escapar a um chefe ; caio em contradicções grosseiras ; nem sei o que digo... Do mais negro desespero passo a afagar esperanças loucas, puerís ridiculas...

E' que o coração afoga-me o entendimento, é que em mim o militar se-deixa absorver pelo pae... Sinto esvair-se-me a razão... Receiava, receio, sr. Antonio Francisco, não ter a cordura precisa para desempenhar no momento critico as melindrosas funcções de chefe... Creia que é não pequeno allivio a meu espirito abatido tel-o para substituir-me no commando do forte.

Calou-se por momentos. Depois continuou :

—V. s. não é pae... mas quem ha que não possa avaliar o atroz do equuleo em que se-estorce um pae ao vêr junto de si radiante de mocidade, de belleza, de innocencia a filha querida, a quem desde o berço serviu de mãe, em quem revê a imagem da unica mulher que amou, para quem sonhava o mais

esplendido futuro, e sabel-a votada á morte entre torturas, ou a servir de instrumento de prazer á sensualidade torpe de cruelissimo inimigo...

Um soluço embargou na garganta a voz do chefe portuguez. A luz da lua que vinha despontando espelhou-se nãs lagrymas que, correndo-lhe pelas faces crestadas, iam se-lhe-perder na longa barba.

—Sr. Ambrosio Caldeira, disse o moço com voz repassada de sentimento, comprehendo e respeito a sua dôr: é a dôr santa de paé. Mas não é ainda tempo de cerrar o coração, de repellir consolo como a Rachel biblica. Ainda ha esperanças, que ainda existe quem pode dissipar os negroses do futuro!

—Quem?!

—Deus.

—Oh! sim! Elle pode.

E Ambrosio Caldeira cahiu de joelhos, e levantou para o céo as mãos supplices e tremulas.

Só desconhece o poder da oração quem desconhece grandes amarguras.

A oração é a alavanca do espirito.

Quando o fardo do viver pesa como chumbo sobre a alma quasi asphyxiada, quando o circulo de ferro dos dissabores estreita-se, estreita-se, envolvendo-a, tocando-a, parecendo prestes a aniquilal-a, o homem prostra-se e volve um olhar para Deus... As phrases que mal traduzem o pensamento atribulado rompem-lhe dos labios múrmuras e inconexas...

E um balsamo suavissimo de esperança percorre-lhe as vêas resequidas; na escuridão que-o-rodeia esboça-se um albor tenue, diffunde-se, tinge de rosicler o horisonte alargado; sopram auras de vida: é um alvorecer.

E o homem levanta-se revigorado, atira-se á luta, derruba obstaculos, vence, triumphá.

Ambrosio Caldeira levantou-se : seus olhos brilhavam ; as lagrymas tinham-seccado.

—Antonio Francisco, disse elle, atuando o moço e apertando-lhe a mão, és honrado e tambem eu : ambos temos crenças. Pois vais jurar-me pela memoria de tua mãe que cumprirás a risca o que te-vou-pedir que faças.

—Não sei o que seja, sr. Ambrosio Caldeira ; mas estou quasi... não, estou mesmo certo de que v. s. não será capaz de exigir de mim cousa que se-não-compadeça com a honra, com a dignidade. Todavia não me-ligarei por juramento sem que saiba o que deseja.

—Vou dizer-te, porém longe, longe de nós formalidades hypocritas ! Trata-me por *tu* como te-eu-trato. Olha que o momento é solemne, que é como irmão que te-fallo, que é um sacrificio que requer resolução mais que humana o que de ti vou exigir.

—Bem. Dize o que queres, Ambrosio Caldeira.

—Estudaste a Historia Romana ?

—Li Tito-Livio, Tacito... Estudei-a.

—Lembras-te de Virginia ?

—A donzella que teve a infelicidade de agradar a Appio Claudio ?

—Sim.

—Lembro-me.

—Sabes então que o poderoso decemviro, tendo perdido as esperanças de corromper com promessas de dinheiro o pulor da virgem plebeia, incumbiu a um cliente seu o encargo odioso de reclamar-a como escrava ; que um dia no *forum* esse vil sycophanta deitou mãos violentas á misera menina, e que, não conseguindo arrebatá-la, citou-a para o tribunal de Appio Claudio... A sentença iniqua foi proferida com frieza de animo pelo abutre que já sentia estremer-lhe nas garras a desditosa rolinha...

—Mas o centurião Virgínio chegou a tempo, e,

preferindo vêr a filha defunta a sabel-a barrega de um devasso, vibrou-lhe o golpe mortal.

—Eu penso como Virginio.

—Que dizes ?

—Eu tenho a coragem de Virginio.

—Para que ?

—Eu farei o que fez Virginio.

—Estás louco ?

—Não estou. No dia em que o fôrte do Rio-das-Mortes, dizimado em sua guarnição, exaustado de recursos, impotente para continuar a luta, render-se sem condições aos paulistas, elles entrarão... mas Guiomar e seu pae terão deixado de existir.

—Matarás tua filha ?

—Com a mesma coragem do centurião romano o chefe portuguez livral-a-á da deshonra.

Antonio Francisco ficou livido.

—E' horrivel, disse, esse pensamento.

—E justo.

—Mas quem te-diz que chegarão as cousas a tal extremo ?

—E como deixarem de chegar ?

—Sim... mas... pôde vir algum corpo dos nossos descercar o forte...

—Tresvarias por tua vez ; já contas com auxiliares ! Não sabes que nosso auxiliar unico é a resolução de morrer combatendo ?

—Render-nos-emos com condições...

—Os paulistas não darão quartel.

—Hão-de-dar.

—Quando o-promettam, não devemos crêr.

—Jurarão.

—Tambem Amara ! Coutinho jurou.

—Oh ! é pavoroso !

—E necessario.

—Guiomar morta !

—Antes morta do que deshonrada.

—Tens razão. Dize, dize, Ambrosio Caldeira, o que queres de mim?

—Quero que, si eu por acaso morrer, ficando Guiomar viva...

—Prosegue.

—E si o forte tiver de render-se...

—Vamos.

—Que tu...

—Que eu...

—Faças as minhas vezes !

—Matando-a ?

—Matando-a.

—Matal-a-ei.

—Juras ?

—Juro.

—Pelo que tens de mais sagrado ?

—Pelo que tenho de mais ragrado.

—Pela memoria de tua mãe ?

—Pela memoria de minha mãe.

—Obrigado, Antonio Francisco.

—Não me-agradeças, Ambrosio Caldeira. Tu o-disseste, o momento é solemne. Mas cumpre confessar. o que me-leva a tomar sobre mim o encargo nefando de algoz não é só a amizade que te-voto : essa por si só não teria forças para tanto. Não ha uma hora que vi pela vez primeira tua filha ; mas amo-a como se-ama uma só vez na vida. E será esse amor quem me-ha-de-dar forças para cumprir a missão terrivel que acceitei. Julga-me como entenderes : revelei-te um segredo que esperava morresse comigo.

—E porque não revelal-o ?

—Porque era sem esperanças, porque era uma flôr que brotou á beira da sepultura, e que na sepultura devia fenecer.

—E porque não ter esperanças ?

—Porque quando transpuz o limiar do forte foi com a resolução assente de soterrar-me sob as suas

ruínas. Demais, quem sou eu, miserrimo aventureiro, marcado na fronte por estigma indelevel, para conceber a esperança louca de fazer pulsar o coração de uma virgem?...

—Que é da mesma argila de que as outras são, que sente como mulher que é...

—Pois Guiomar?

—Ama-te, meu filho, ama-te como soem amar almas da tempera daquella. E eu to-digo sem acanhamento, enche-me de orgulho essa afeição reciproca. Não podiéis ter sido mais felizes na escolha dos corações: sois dignos um do outro.

—Ambrosio Caldeira!

—Grande é o meu jubilo de pae, mas esse jubilo entre os horrores que nos-cercam é tambem magna, magna cruel, dor atrocissima.

—Guiomar amar-me...

—Sim, ama-te.

—Insania!

—Não é insania, Antonio Francisco, disse vagarosamente Guiomar, que mostrou-se entre os doos como uma apparição phantastica, como si da terra surgira. Conheço-me, conheço o meu coração: ora que te-ouvi, que ouvi a meu pae chamar-te *filho*, confirmo sem rubor nas faces—Es o eleito da minha alma; scu tua esposa perante Deus.

Antonio Francisco cambaleou como um homem ebrio.

A moça foi por diante.

—Uma mulher vulgar não daria o passo que estou dando; quereria reservas, hypocrisias de pudor, mysterios: um homem commum avaliar-me-ia mal, desprezar-me-ia até. Meu pae disse bem—somos dignos um do outro. Sei que nada perco da tua estima, que não desço no teu conceito por manifestar-te o sentimento de meu coração, sentimento que conta uma hora apenas de existencia, mas que

só tem de acabar quando acabar-se-me a vida. Fui testemunha do pacto de sangue que fizestes a meu respeito, e orgulho-me do pae que tenho, e orgulho-me do homem que me-captivou. Do imo da alma vos-agradeço a ambos. Tu, meu pae, nunca te-envergonharás de tua Guiomar: quem é Virginio tem por filhas Lucrecias. Fica sabendo que o que determinaste já estava por mim determinado, que a tua resolução já era a minha: prevendo a entrega do forte aos paulistas, assentei de não cahir-lhes viva nas mãos. Lucrecia apunhalou-se virgem de alma, mas manchada no corpo: o corpo de Guiomar descerá á cova tão puro e immaculado como é immaculada e pura sua alma. Junto do meu coração repousa, desde que vim para o forte do Rio-das-Mortes, o ferro libertador.

Isto dizendo, a moça fez reverberar a lamina polida de uma pequena adaga que tirou do seio.

Branca, vestida de escuro, com os olhos a coruscar, illuminada pelo luar, brandindo uma arma mortifera, dir-se-ia a donzella um *avatar* do sinistro anjo do Korão, do pallido Azraeli....

Antonio Francisco contemplava-a: na fixidez de suas vistas, no tremor de seus labios, no nutar de seu corpo havia quer que era do mysticismo fanatico dos adoradores de Kali.

—E's uma verdadeira portugueza, filha, disse Ambrosio Caldeira: não me-admira a tua resolução, que em ti me-revejo. Mas guarda essa arma. Guiomar obedeceu.

—Não sei que entreluzir de esperança, continuou o chefe portuguez, afaga-me o coração, desde que orei. O futuro é negro como uma noute de procella, mas Deus o-póde, Deus o-ha-de-aclarar.

Depois, travando da dextra de filha e unindo-a á de Antonio Francisco exclamou:

—Recebe, meu filho, a tua esposa, que ella o-é

perante Deus, e em breve sel-o-á perante os homens.

Antonio Francisco apertou convulso a mão da moça.

● posto

Cheio de sobresaltos, angustioso é o viver de quem, acantonado em uma praça, espera a todo o momento a chegada do inimigo.

O espirito vagueia dubio; inconstante, versatil como os reflexos de um espelho que expõe ao sol a mão ligeira de menino travesso, passa com rapidez de raio de um a outro polo do pensamento—desespera e affaga as mais loucas illusões; tem alternativas de covardia e de heroismo; considera tudo como sendo nada, e avalia um nada como si fôra tudo.

E a digestão perturba-se, irregularisa-se o sono, o corpo definha.

.
Despontavam manhãs, cahiam tardes, os dias iam-passando, e ao forte do Rio-das-Mortes não chegava noticia alguma dos Paulistas.

A guarnição aproveitava a delonga: sob a direcção intelligente de Antonio Francisco tinham-sido levadas a cabo importantes obras de defeza.

Em todo o comprimento da muralha occidental construiu-se um vasto rancho: atopetavam-no munições, viveres, leitos de campanha. Era a um tempo paiol de polvora, armazem, hospital.

No centro da praça de armas cavára-se um pequeno tanque alimentado pela vertente. Renques de tinas estendiam-se-lhe pelas bordas. O incen-

dio estava previsto: contra o fogo dispuzera-se a agua.

Como excesso de cautela, como armas contra assaltos, aliás improvaveis, cantos de granito, tóros de madeira pesadissima tinham-sido empilhados por sobre os parapeitos grosseiros dos adarves.

A infatigavel e atilada superintendencia do logar-tenente de Ambrosio Caldeira levantára os animos, despertára os brios dos cercados.

Já não eram rezes que aguardavam resignadas a vinda dos magarefes: eram soldados que esperavam com impaciencia a chegada do inimigo.

Era ao entardecer de um desses afanosos dias.

As sentinellas iam e vinham pelos adarves com o passo medido e lento de quem a contar ladrilhos quebra a monotonia do mister.

Os homens que não estavam de serviço conversavam em grupos na praça de armas, comiam, bebiam, folgavam.

Junto de um brazido, em que crepitavam, assando-se, os fructos farinhentos da *araucaria* mineira, estavam reunidos seis dos companheiros de Antonio Francisco.

—Que saudades que me-fazem dos bons magustos da terra estes ensossos caroços, disse um delles, levando á bocca um pinhão com parte da casca. São duros de britar, e mal gostosos de levar!

--E não contas, Joaquim, volveu-lhe outro, que temos agua da fonte por aquelle verde de Bastos.

—Ail não fallemos, que o que lá está, lá está. Já que aqui nos-achamos, toca a comer magustos de pinhões, a beber agua da pura, e a esperar pelos Paulistas.

—Que tanto tardam em mostrar-se. Olha que o forte sempre está um brinco para recebê-los.

—Agua, pedras, champrões e boa vontade, isso ha que farte.

—E pelouros e settas tambem, que nossos patricios destas paragens usam do arco que nem uns *bugres*, salvo seja!

—Estamos bem apercebidos.

—Graças aos cuidados do sr. Antonio Francisco. Aquillo é que é um homem.

—Si o-é! Nem toma folego. Ainda agora lá anda elle não sei por onde, a explorar não sei o que.

—Sahiu?

—A cavallo desde o pino do meio dia, e não ha-de-tardar muito por ahi.

—Não tarda, não tarda, que aquillo é como o furação: quando-se-o-espera pela boca da toca, surge pelo respiro.

—E tu já fizeste um reparo?

—Qual?

—Que *ha cousa* entre elle e a filha do comma-dante.

—A'gora não! Si até já os-apanhei em segredinhos. A mim me-parece que são *conversados* velhos.

—Lá isso é que não: foi aqui no forte que se-viram pela vez primeira.

—Pois então é desde que se-viram.

—Que os-ajude S. Gonçalo de Amarante, coitadinhos! Merecem-se um ao outro, merecem-se.

—Merecem-se, que a cachopa é de truz.

—E da terra.

—Que dentes que ella tem!

—E os olhos então? Parecem mesmo uma noute de escuro.

—Os cabellos são como retroz de macios.

—Já os-apalpaste?

—Não, mas vê-se.

—Cá o que me-mata é a cintura: é de um homem abarcal-a entrambal-as mãos.

—E que andarzinho de mafarrico.

—Ai, peccados!

—Quem me-dera ser o sr. Antonio Francisco!

—Vejam só o palerma... Mas, fallar no mau, aparelhar o pau. Lá brada a sentinella ás armas: eil-o que chega.

Era com effeito Antonio Francisco.

Aberto o portão, entrou elle a cavallo, suado e coberto de pó.

Desmontou de um salto, e bradou:

—Preciso de dez homens!

Levantaram-se todos.

—Preciso só de dez. Tomem machados, montem a cavallo e apresentem-se. Venham dous com capotes, que terão de passar a noute fóra.

Minutos depois dez homens estanceavam a cavallo em frente ao portão.

—Qual dos senhores, perguntou Antonio Francisco, conhece bem estas cercanias?

—Todos.

—Qual é então o mais velho?

—Eu, disse um.

—Saia á frente.

O homem fez seu cavallo dar dous passos.

—Conhece a pedra que está na ultima volta da estrada, e que daqui se-vê?

—Conheço.

—Sabe que é possivel subir-lhe até o pico.

—Não.

—Pois é: eu subi. Contorna-se-lhe a base, e do lado do matto encontram-se saliencias que formam uma escada natural, facil, commoda mesmo.

—Subiremos.

—Subirão só os dous que mandei viessem com capotes. No alto ha uma esplanada: ahi ficarão de sentinella.

—E os outros?

—Descerão até o rio que passa por baixo do morro, cortar-lhe-ão a ponte, e voltarão.

—Mas têm de ficar as sentinellas?

—Até serem rendidas.

—E qual a ordem?

—Ha luar, e o rio corre perto: ninguem poderá atravessal-o sem que seja visto. Assim que perceberem qualquer grupo de gente na margem opposta, dispararão dous tiros, montarão nos cavalloos que deverão ter conservado á sogá no matto, e acolher-se-ão ao forte.

—E si fôr uma só pessoa ou duas que tentem atravessar esse rio?

—Deixarão que o-façam, que sigam mesmo para cá até terem passado a pedra. Darão então um só tiro para signal, e permanecerão no posto que sob nenhum pretexto abandonarão.

—E' tudo?

—E' tudo. Incumbo ao sr. a tarefa de velar pela execução destas ordens.

—Serão executadas.

—Pódem partir.

A cavalgada poz-se em movimento, sahiu. O portão fechou-se.

—O que é isto, Antonio Francisco? perguntou ao moço Ambrosio Caldeira que se-aproximára sem ser presentido.

—Isto é que o inimigo está proximo.

—Sim?! interrogou ancioso e pallido o chefe portuguez.

—Sim.

—Como sabe?

—Em virtude de não sei que presentimento sahi a estudar o terreno, e a explorar os arredores.

—E qual o resultado?

—Verifiquei que o unico caminho praticavel do lado do inimigo é a estrada.

—Mas isso era sabido.

—Verifiquei mais que a estrada passa por uma

ponte lançada sobre um rio largo e profundo, confluente do Rio-das-Mortes.

—Tambem não se-ignorava.

—Mas a ninguem tiuha lembrado de que, cortada a ponte, quem quizer atravessar o rio tem de fazer-o a nado, que para isso tem de gastar tempo, e que não pôde deixar de ser visto por uma ou duas sentinellas postadas no alto da pedra que daqui se-enxerga.

—No alto da pedra ?

—No alto da pedra. E' um posto excellente que examinei por mim proprio.

—Pois galgaste-a ?

—Galguei-a.

—Esses homens que partiram...

—Foram cortar a ponte e estabelecer-se no posto.

—Mas o inimigo ?

—Tive noticias.

—Positivas ?

—Quasi. Um caçador indio que encontrei a legua e meia daqui affirmou-me que viu, e que seguiu até por espaço de tres dias uma grande comitiva de gente armada que se-dirigia para estas bandas.

—Serão os paulistas ?

—Com certeza.

—A que distancia estarão de nós ?

—Faz quatro dias que o indio deixou-os na raiz da outra serra.

—Vinte leguas.

—Isso era ha quatro dias. Hoje devem estar a oito.

—Vêm elles, conseguintemente, a marchas de tres leguas.

—Pouco mais ou menos, segundo informou-me o indio.

—Então depois de amanhã...

—Estarão aqui.

—Resta uma duvida.

—Qual?

—Tenho gente em todos os desvios da serra.

—E ainda não recebeste aviso?

—Exactamente.

—Não tira e nem põe. O indio veio de longe, veio pelo matto, atalhou muito. E' possivel que os Paulistas ainda não tenham-chegado onde estão os teus homens. Demais, não seria absurdo suppôr que tivessem sido aprisionados.

—Nãc, por certo.

—O inimigo está a chegar, Ambrosio Caldeira : preparemo-nos para recebê-lo.

—Preparemo-nos para morrer.

—E para matar.

—Cumpre dobrar de vigilancia...

—Não havemos mister mais. O posto que estabeleci no alto da pedra premuniu-nos contra toda a surpresa. Por estas duas noites podemos dormir em socego.

Julietta e Romeu

Terrível cousa é a esperança.

Quando por entre os negreiros do viver alveja em horizonte longinquo uma restea de luz, o espirito fita-a, deseja-a, procura-a...

Alvo de seus anhelos, escopo de seus esforços, objectivo de suas faculdades, essa luz fascina-o, e elle tende para ella, e, tendendo, mede obstaculos, receia, apavora-se, torna-se pusillanime, torna-se covarde.

Que comettimento de que não seja capaz o homem que não espera?

Socrates dependendo da galera de Delos, Regulo atormentado em Carthago, Cesar cahindo no Senado, Guatimozim sobre a grelha esbrazeada foram grandes, foram homericos, porque não tinham esperança. .

Os martyres que, risonhos, iam ao encontro das bestas do circo, que subiam placidos ás fogueiras christianissimas da Santa Sé, que se-estorciam sem gemidos nos potros e nas polés da Egreja Unica tinham os olhos cravados no céo, anciavam por entrar na patria, não sabiam mais o que era esperança da terra.

Quem não sente no coração o bafo enervador desse dissolvente do espirito que se-chama—esperança—nada teme, a tudo se-abalança, tudo consegue...

Como o carbone que resiste á acção roaz de todos os acidos conhecidos, a alma que não espera faz fren-

te a todos os successos, zomba de todos os horrores, permanece no meio de todos os cataclysmas.

Que assombro, que prodigios ha que não tenha realisado a fé? E' que a fé varre do coração a esperança para dar logar á certeza: quem é crente não espera, aguarda.

Ambrosio Caldeira e Antonio Francisco estavam fortes, invenciveis, socegados até: tinham perdido toda a esperança.

Emquanto os inimigos longe, seus animos tinham-vogado a mercê de pensamentos contrarios, de illusões pueris, como um destroço de naufragio ao caprichoso embate das ondas. Ora que os inimigos sabiam-se perto, a chegar, uma tranquillidade fria e inquebrantavel como aç substituiria o tumultuar de loucos anceios.

Noivo e pae tinham desaparecido: havia apenas dous cabos de guerra que, certos de morrer, só cuidavam do exicio do inimigo, de não deixar inulta, ao succumbirem, a guarnição que commandavam.

Ambrosio Caldeira recuperára a antiga energia, o volver seguro de olhos, a promptidão de animo que o-distinguia. Suas ordens multiplicavam-se sem confusão, sua intelligencia tudo dominava, sua vontade se-fazia sentir por toda parte.

O forte concentrára e dispozera todas suas forças, todos seus recursos: a cavallhada fora recolhida; a guarnição, dividida por esquadras: cartuxame e munições tinham sido largamente-distribuidas.

A não contarem-se as sentinellas da pedra, não havia mais fóra pessoa alguma.

O reducto do Rio-das-Mortes era como um cortiço de *ichús* que, immovel, morto na apparencia, só espera ser acomettido para vomitar torrentes de guerreiros alados, de batalhadores incançaveis na cólera, tremendos pelo veneno do aguilhão.

Dous dias tinham passado depois das ultimas noticias : o sol do terceiro tocava a meridiana.

No tugurio de Ambrosio Caldeira, recostada a meio sobre tosco esprigueiro Guiomar scismava sósinha.

Suas faces estavam pallidas, e uma como nuvem azulada orlava-lhe os olhos cujo fogo amortecera. Os cabellos soltos ao desdem beijavam-lhe, encaracolando-se, as faces setinosas em que se-ainda-podia-perceber o vestigio de lagrymas recentes.

Volvendo a miudo vistas para o terreiro, mostrava-se a moça dominada por impaciencia febril : ora crispavam-se-lhe os labios em nervoso sorriso, dilatavam-se-lhe as narinas, contrahiam-se-lhe os sobrolhos com expressão quasi feroz ; ora morbida calma expandia-lhe as feições, e o olhar se-velava no comprimento avelludado dos cilios.

De subito, violento estremeção agitou-lhe os membros, como si a-tocaram os rheophoros de uma bateria de Volta. Levantou-se.

Alguem se-aproximava : era Antonio Francisco.

— Entra, vem : estou anciosa por fallar-te.

— Recebi o teu recado, e eis-me aqui.

— Senta-te, e a meu lado, com as tuas mãos nas minhas diz—Tu me-occultas alguma cousa...

Antonio Francisco não respondeu.

Guiomar continuou :

— Occultas, sim, e tambem meu pae. Desde ante-hontem noto no forte movimentos desusados. Hontem foi a cavallhada recolhida, e hoje fez-se larga destribuição de munições de guerra. O que ha, conta-mo.

— O que ha... é...

— Não digas uma inverdade, Antonio Francisco. Desconhece-me e insulta-me quem procura embaahir-me com subterfugios pueris : desconhece-me, porque julga-me criança inexperta e parva que se-

contenta com explicações absurdas; insulta-me, porque nivela-me ao commum das mulheres, suppondo-me fraca e medrosa, capaz de ser indiscreta. O inimigo está a chegar...

— Bem, está.

— Hoje talvez?

— Hoje.

— E porque não communicar-mo?

— Teu pae pediu-me que o-não-fizesse.

— E que mentisses-me?

— Mentiu-te elle?

— Não, mas illudiu-me sempre as perguntas.

— E eu?

— Tu me-evitaste: desde hontem que te-não-vejo.

— Oh! e a mim quanto me-custou essa abstenção!

— E deixaste de vêr-me por vinte quatro longas horas só por guardar uma reserva frivola?

— Não, Guiomar: busquei apenas treguas ao acendrar de pensamentos acerbos que me-retalham o coração.

— Acendram-se-te pensamentos acerbos ao vêr-me?

— Acendram-se, torturam-me, suffocam-me... Quão intenso é o meu soffrer, julga-o tu mesma, Guiomar. Ouve a historia de minha vida intima, de minha vida de peitos a dentro, que só eu e Deus conhecemos. Nasci cercado de commodidades, de luxo, de tudo quanto a riqueza proporciona. Minha infancia correu alegre entre brincos e gosos; mas um problema contristador offereceu-se insolúvel ao alvorecer de minha razão: eu surprehendia por vezes minha mãe a chorar, e não podia descobrir a causa de suas lagrymas.

Perguntei-lhe um dia por meu pae e ella, a so-luçar, apontou-me para o céo: entendi que tinha-morrido, e chorei com ella.

Cresci, aprendi a ler, comecei o estudo do latim;

ao terminar o curso de grammatica obtive uma corôa de louros. Um collega que a-pretendia, e que fôra por mim supplantado nas provas, chamou-me *bastardo* ao sahir da classe.

Chegado á casa perguntei a minha mãe o que queria dizer essa palavra. A martyr explicou-ma, confessou a sua culpa, e desfalleceu de vergonha. Não voltei mais á escola, e pouco tempo depois parti para Coimbra onde estive até que, chamado a Lisboa, recebi o ultimo suspiro da infeliz. Meu pae, fidalgo devasso que eu não conhecia, veio então ter comigo e, como quem faz uma graça, annunciou-me que eu tinha a honra de ser seu filho, e que meu futuro ficava a seu cargo.

Doestei-o de *vil* e de *lacaio*, sahi e, embarcando-me no primeiro navio que se-me-deparou, vim para o Brazil com o simples e não infamado nome de Antonio Francisco. Dizer-te agora a agonia do meu viver, lancinado sempre pela lembrança do martyrio de minha mãe, pela infamia de meu pae, é que não no-pôdem meus labios...

Soffri sempre: a misanthropia, a descrença, eis os sentimentos que dominavam como senhores no deserto sáfaro de meu coração. Desambicioso e ignorante do que fosse amor, riquezas e mulheres me-eram indifferentes; eu só anhelava pelo descanso da sepultura que aqui vim procurar...

Achei-o, que os que encerra este reducto são moribundos cheios de vida... Mas encontrei-te tambem, Guomar, e as cinzas frias de meu coração viveram, o homem surgiu como Lazaro do sepulchro do scepticismo... Amei-te, mas recalquei esse amor, zombei até delle... E tu não repelliste o infeliz marcado pelo estigma de Caim, não te-affastaste do misero que nem ousava confiar dos labios seu segredo, que baixava os olhos para não trahir-se... Vies-te mesmo ao encontro da paixão que se-acolhia

medrosa e envergonhada ás entranhas lobregas do silencio, que mais me-fazia ancian pelo batalhar de morte...

E ora que sinto poder ainda inflorar-se-me a existencia, occupar eu um logar no convivio da humanidade, haver um echo que responda a minhas queixas, uma alma irmã da que sinto tão ardente, tão sedenta do infinito, é que cerra-se-me o futuro entre estas muralhas de pedra, é que corta-se-me pelo hastil a flor mal desabrochada do esperar, é que surgem inexoraveis os fios das espadas paulistas ? ! Zombaria do destino, sarcasmo satânico da sorte !

Oh ! Guiomar ! porque te-conheci eu ? porque não morri ignorado em um combate obscuro da Colonia, porque não trago o Atlantico o navio em que eu demandava estas plagas ?

—Foi para me-ouvires, disse a moça com voz tremula e intercadente, apaixonada, dulcissima, foi para me-ouvires a confissão de um affecto immenso como o espaço, profundo como o oceano... egual ao teu ! E's triste e só no mundo ; serei a tua companheira. Não tens amigo, não tens irmã, não tens mãe ; pois eu serei tua amiga, tua irmã, tua mãe, tua esposa, tua escrava ; serei tudo para ti ! Oh ! eu te-amo como soem amar as naturezas altivas que reconhecem senhor, com todas as energias da alma, sem pejo, loucamente ! Pertença-te, faze de mim o que quizeres ; sou nas tuas mãos o que é o barro nas do oleiro... Fugamos para o deserto, e o deserto viverá animado por nosso amor... Nós nos-bastamos um ao outro... O mundo para mim és tu, e eu saberei desentranhar de meu coração ternuras que te-façam esquecer o universo... Eu mesmo me-não conhecia antes de te-ver : a tua vista deu-me a chave dos arcanos do sentimento... Como eu entendo agora a—*Historia Calamitatum*—do miserrimo

Abelardo, a— *Vita Nuova*—do sombrio Florentino!... Como me-é claro o hymno de amor que soluça a natureza no murmurar do regato, no ciciar da briza, no gorgueio da avezinha...

O dourado lascivo dos raios quentes do sol, acho-o hoje mais vivo, o céu é mais azul, o prado mais verde, a floresta mais magestosa, a emanção da serra mais perfumada...

Que mais te-direi?... amo-te, amo-te.

E, proferindo esta torrente de palavras que accusavam o estado perturbado de seu espirito, a donzella azira a mão esquerda de Antonio Francisco, e cobria-a de fervidos beijos...

Comprimida a fronte pela dextra, entregava-se o moço a extranha allucinação: a voz de Guiomar acariciava-lhe os ouvidos como o zumbir de um insecto mysterioso: cada idéa que lhe-era-apresentada estampava-se-lhe no cerebro, materialisava-se, vivia: ora a eleita de seu coração confundia-se com a imagem augusta de sua mãe; ora era-lhe a irmã querida que nunca vira, mas que reconhecia por uma reminiscensia innata; já tomava ella o vulto ascetico da desditosa Heloisa, já assumia a formosura esculptural da languida Portinari... Exagerava elle no horisonte sciintillações metallicas, sentia perfumes exoticos a ondular no ambiente, o oxygenio penetrava-lhe nos pulmões a golpes largos... Arvores, flores, passaros, borboletas voltejavam-lhe ao redor em gyro vertiginoso, conglobavam-se num vulto só que delineava-se, que accentuava-se, que era Guiomar...

Depois a scena cambiava.

Via-se em um quarto allumiado pelo clarão frouxo de uma lamparina opaca...

Sobre uma cadeira uma anágoa, sobre outra um roupão, um véo atirado a um canto, no tapete um

laço de fita amarrotado, um par de mimosos pantufos...

No leito divisava uma forma vaga, ouvia uma respiração suave, attentava nos lençóis de cambraia e renda, que ondeavam mollemente ao arfar de um peito virgem...

E seu amor platonico desnaturava-se : ardia-lhe o organismo ; manifestava-se ancia, sede de gozo...

E soffria.

Os beijos de Guiomar queimavam-lhe a mão como ferro candente, e um, dez, mil, innumerous homens tismados pelo sol, armados, implacaveis, sarcasticos, surgiam, não sabia donde, e interpunham-se, vedavam-lhe o accesso ao objecto de seus anhelos...

E Guiomar continuava :

—Antonio Francisco, meu amado, meu esposo, miuha vida, não me-ouves? Falla-me, quero ouvir tua voz chamar-me *tua* ! Não respondes? Eis-me a teus pés, eis-me rojando a fronte no chão...

E fóra de si, completamente dementada, a moça varria o pavimento com seus formosos cabellos, abraçava os joelhos do mancebo, desfazia-se em pranto...

• • • • •
Mysterio sublime do Creador, erro bello da natureza, na phrase de Milton, a mulher é um ente incomprehensivel : sensitiva mimosa, descahe a uma palavra que offenda-lhe o pudor, córa a um olhar, adivinha um desejo... E todavia quando desperta-se-lhe o sentimento, quando vibra-se-lhe a coroa escondida da paixão, ella transforma-se... Não é mais a avezinha fugidiga e medrosa, a violeta que espalha na sombra, cheia de recato e de pejo, suavissimos odores: converte-se em bacchante, em leoa furiosa, capaz de mostrar-se na praça pu-

blica vestida só da sua inviolabilidade, capaz de dissecar perante as turbas seu coração ulcerado, capaz de affrontar o veredictum da sociedade, capaz de tudo.

Entre mulher e mulher medeia a mesma distancia que entre o Capitolio e a Rocha Tarpeia : um impulso mais, um impulso menos, e Helena seria Penelope, e Lucrecia converter-se-ia em Messalina.

A princeza de Lamballe e Théroigne de Mirécourt tinham isto de commum—eram mulheres.

• • • • •
Guiomar, dotada de imaginação opulenta, caprichosamente educada pelo pae, vivendo sempre no mundo chimerico da litteratura, tinha estragado o espirito na contemplação e no estudo dos modelos da arte.

Grosseiros, vulgares em excesso eram os homens da colonia para que pudessem corresponder aos ideaes creados pela phantazia da moça. Levantando as vistas para mundos imaginarios, radicou-se ella na crença de que o conjuncto de perfeições que exigia seu coração não era realisavel na terra.

Dahi uma isenção altiva, desdenhosa, feroz quasi : parecer-lhe-ia sacrilegio cortejar-a um homem.

E todavia bastou que apparecesse um moço acima do commum, para que essa deidade encastellada nas nuvens baqueasse em terra, rojasse no pó, humilhada, supplice, mendigando o que lhe-não-era-negado.

Aos accentos de uma voz viril, de uma linguagem correcta, ao luzir de uns olhos expressivos Galatée se-animára, o marmore se-tornára mulher.

E os ardores dessa organização nervosa, latentes até então, surgiam, jorravam, espadanavam como a lympha que desemboca despeada pelo orificio estreito de poço arteziano. Um affecto immenso que se-accumulára, sopito á falta de objecto, resfolgava

enfim, reivindicando direitos, fazendo gala da humilhação, descendo do plintho excelso para os laggedos da calçada.

E nesse supplicar sem motivo, insansato, allucinado, gostava a moça o prazer acerbo da panthera vencida pelo olhar magnetico do domador, a angustia voluptuosa do fanatico que se-flagella...

Antonio Francisco emergindo da scisma aos transportes delirantes que lhe-soluçavam em torno, attentou naquella fórma adoravel de mulher que real, palpavel, louca de paixão formosa, de si, formosissima pelas lagrymas, rojava-se-lhe aos pés.

Teve um raptó : ergueu-a nos braços, cingiu-a ao peito...

Os labios de ambos encontraram-se...

Nesse momento soou ao longe um tiro repetido surdamente pelos echos da serrania.

Antonio Francisco arredou de si a donzella, e, segurando-a tremulo pelos hombros, poz-se á escuta...

Troou segunda detonação.

—Guiomar, bradou o moço, ouves ?

—Aquelles tiros ?

—Sim.

—Que significam elles ?

—E' um signal, é que chega o inimigo. Adeus !

—Oh ! não partas ! Não, ainda não !

—Mas o inimigo vem vindo, está á beira do rio...

—Separares-te de mim...

—Tenho de pôr-me á testa da guarnição: o alarma está dado...

—Não, não partas ainda...

—Ficar é a deshonra...

—Aquillo não é o signal. Eu sei o que aquillo é, eu sei : são caçadores que andam pela serra. O inimigo está longe. Não tens necessidade de ir...

E a moça abraçava-o, retinha-o, forçava-o a ficar.

Espantosa calma debuxou-se nas feições de Antonio Francisco: sorrindo dolorosamente, deixou-se elle cahir sentado no esprigueiro...

Depois disse com voz lenta:

—Ficarei infamado, mas que importa, já que é a tua vontade? Os tiros que ouvimos não tem mesmo significação: são, como dizes, caçadores que batem o matto. Talvez se-lhes-disparassem as armas por acaso... Tenho mesmo mais desejos de ficar do que vontade de ir... Vem, deshonra, e sê bemvinda: Guiomar assim o-quer... Então, que dizias? Conversemos, temos tempo. Não são os inimigos.

—São, são! Parte, Antonio Francisco, que te chama o dever... O signal está dado, o inimigo se-acerca... Parte!... Meu coração...

—Teu coração!... E o meu?

—Parte, vae, Antonio Francisco!

—Um beijo ainda, e adeus!

Antonio Francisco ia sahir quando quasi simultaneamente ouviu-se um toque de clarim, rangeram os quicios do portão, estrondeou pelo forte alarido medonho...

Surgiu á entrada da cabana um troço de emboabas de carabinas em punho, pallidos, espantados...

Ao darem com Antonio Francisco, duas palavras, duas só, romperam-lhes dos peitos offegantes:

—OS PAULISTAS!!!

Fim da terceira parte

PADRE BELCHIOR DE PONTES

QUARTA PARTE

PADRE BELCHIOR DE PONTES

QUARTA PARTE

A GUERRA

Tigris et Leo

Como uma rajada de vento impetuoso correrá pelo forte a nova assustadora.

Do alto dos cubellos as sentinellas alongavam as vistas, cravavam-nas com insistencia nas paragens que circumdavam o rochedo, nos pontos donde se esperava surdisse o inimigo.

Após curto lapso de tempo enxergou-se uma nuvem avermelhada que erguia-se do solo como uma emanação, que expandia-se nos ares, caminhando, avançando para os lados do forte. Por sob essa nuvem uma cousa escura desdobrava-se pela estrada, acompanhava-lhe as curvas, parecia engulil-a. Nessa cousa escura, nessa mancha que dir-se-ia viva, havia um relampaguear sinistro, uma como continua scintillação.

Ouvia-se ao longe um rumor abafado, mas que gradualmente crescia.

Depois tudo accentuou-se, distinguiu-se. Mostrou-se exercito o que seme'hava mancha: discriminaram-se estandartes e signas, cavalleiros e peões.

O rumor abafado se-convertera em tropear distin-

cto de centenares de pés e de patas, a calcarem simultaneamente o chão; em vozear horrífico de que já se-tornava percebida nma outra palavra.

A cerca de duzentas braças das primeiras casas da povoação parou toda essa mó de gente.

Achavam-se em terreno inimigo, tinham visto o forte com que não contavam : era preciso deliberar antes de romper o ataque.

Entretanto avultavam em numero. Da serra um, dous, muitos magotes se-tinham-vindo-unir ao grosso das forças, que, como açude transbordado, ia-se espreado pela planície.

.

Emfim representadas pela vez primeira por dous exercitos defrontavam-se a metropoli européa e a colonia americana.

Entre o Brazil nascente e as instituições do Velho Mundo sem pêas, sem reservas, ao ar livre, pela bocca das carabinas ia emfim soar o dialogo tremendo do ajuste de contas, dialogo de sangue começado no resmonear balbuciante do escravo, e que dura até hoje, cuja ultima palavra ainda não foi dita.

Encastellados no forte, alapardados por traz de suas muralhas como uma idéa retrógrada em consciencia polluta, os Europeus dir-se-iam o transumpto dos evos caliginosos, do monarchismo feroz, do espirito do passado.

Avançando a peito descoberto, leaes, temerarios poderia considerarem-se os Americanos a encarnação do verbo de liberdade que se-espaneja ao sopro da revolução, como um filhote de aguia aos raios quentes do sol.

Antagonismo implacavel—no forte os Emboabas, grupo de titães do realismo ; no campo os Paulistas, legião de gonfaloneiros da democracia : no forte, o direito dynastico; no campo, os foraes do povo: no

forte, os tempos de Luiz XI; no campo, a aurora de noventa-e-tres.

De um lado—o receio, Ambrosio Caldeira que temia pela filha; o desespero, Antonio Francisco que jurára apunhalar a noiva; o despeito, os Portuguezes que se-viam rebaixados ao nivel do que eram por elles considerados *escravos*: de outro—o furor tribunico, Luiz Pedroso que com sua palavra inflammada trouxera os Paulistas ao Rio-das-Mortes; o sentimento de nacionalidade incipiente, Francisco Bueno enviado á guerra pela heroica esposa, vigiado de perto pelo filho precoce; a vingança, Ruy Gonçalo, unica testemunha paulista do morticiuio do capão infamado...

Como o leão e o tigre nos areas do Sahara a Europa e a America espreitavam-se no Rio-das-Mortes.

Duas idéas iam cruzar-se como duas espadas.

Desse embate tinha de jorrar traduzido em facto o principio que cento e quatorze annos mais tarde apregoou Monroe...

Em ambos os bandos mais de um coração batia açodado...

.
Algumas horas se-tinham passado: a tarde cahia e o sol, proximo do horisonte, dardejava raios obliquos, fazendo de cada sombra um colosso esguio.

O exercito paulista começou de novo a mover-se.

Como si só por isso esperára, deu o forte signaes de vida: no cubello occidental ergneu-se vagarosa branca uma bandeira que, enfunando-se, mostrou as quinas lusitanas; tocaram os clarins uma marcha batida; as folhas do portão abriram-se de par em par, e Ambrosio Caldeira sahiu á frente de cincoenta cavalleiros. e começou a descer a encosta.

De espadas embainhadas e punho no quadril es-

ses bizarros guerreiros atravessaram serenos a povoação.

A cem passos das filas da vanguarda inimiga pararam : os paulistas tambem fizeram alto.

Ambrosio Caldeira adiantou-se dos seus, e a en-contral-os ahiram Luiz Pedroso e Ruy Gonçalo.

—Qual de vossas mercês é o commandante das forças paulistas ? perguntou, elevando a voz o chefe portuguez.

—Que entendes tu por commandante ? volveu-lhe como resposta Luiz Pedroso.

—Quem governa no exercito.

—No exercito paulista ninguem governa.

—Quero fallar ao chefe.

—Os paulistas não tem chefe.

—Quero fazer uma proposta.

—Fallá com qualquer de nós.

—Quem são os senhores ?

—Homens que querem saber tu quem és.

—Chamo-me Ambrosio Caldeira Brant.

—Nunca te-vimos, mas te-conhecemos.

—Sou o representante dos Portuguezes que estão naquelle forte.

—Queres dizer—o substituto de Manoel Nunes Vianna.

—Não sou substituto de ninguem.

—Pretendes ser talvez o continuador das proezas de Bento do Amaral Coutinho ?

—Paulistas, vindes a vingar-vos, vindes sequiosos de sangue, e força é reconhecer-vos razão. Para que ironias ? Não me-ferem. Ouvi : venho, não como chefe, mas como parlamentar. Si bem que determinado á guerra, venho fazer-vos propostas de paz. Adoramos o mesmo Deus, somos da mesma raça, fallamos a mesma lingua : porque seremos inimigos ? De parte a parte errámos no passado : podemos, porém, sanar os erros. E' bello desfazer o

mal. Estaes offendidos? Daremos as satisfacções que exigirdes. Quereis a posse destas zonas auríferas? Nós vol-a cedemos, sahiremos, partiremos para outros sertões, para outras capitánias. Si entendeis que abysmo chama abysmo, que sangue pede sangue, offereço o meu em troca do que derramou Continho; entrego-me nas vossas mãos: fazeis de mim o que entenderdes. Consultem-se os vossos, entremos em negociação, evite-se esta guerra.

—Que gente pacifica, responden sarcastico Luiz Pedroso, e sobretudo prudente! Seriam sempre assim os senhores lá do reino? E' que de certo já lhes-causea engulho o cheiro de sangue: correu tanto no capão... Quem sabe tambem si a vista dos filhos de Piratininga, não mais poucos e indefesos, mas numerosos e bem armado:, faz milagres e muda indoles? Ah! é uma variante das mellurias, das labias de Bento do Amaral? Estás manso, lusitano, nós devemos temer: esconde-se a serpente na herva, o veneno na doçura de tuas palavras, a traição na paz que propões. Volta para teu forte.

—Senhor...

—Nem mais uma palavra, perro portuguez! Não accetamos o teu sangue, que não vale o do mais obscuro paulista assassinado pelos teus! E como o-offereces? Tens acaso direito sobre elle? Não sabes que elle nos-pertence, que havemos de derramal-o á força, bem como o desses miseraveis que trouxeste comtigo, bem como o dos villãos que se-acoutam por traz daquellas muralhas, bem como o de todos os ladrões *emboabas* que polluem com sua presença este solo que descobrimos? Ferro e fogo, eis o que obterás de nós, eis o que concederemos a ti e aos teus, que é isso o que viemos trazer. Volta, desgraçado, volta para o forte, e annuncia á guarnição que se-apreste para ir ter com Satanaz.

—Não o-conheço, senhor, ponderou Ambrosio

Caideira em tom brando, porém firme e digno, não sei quem é, mas, seja quem fôr, permitta-me observar-lhe que me-não-comprehende. Responde com insultos e ameaças a uma proposta que lhe-não-é dirigida individualmente. Eu não peço, eu não de-sejo que responda por si só : insisto para que consulte seus patricios. Talvez que não estejam no mesmo azedume de espirito em que se-acha vossa-mercê. Olhe, até seu companheiro tem se-conser-vado em silencio : quem sabe si já elle é de opinião diversa ? Não é de razão, não é de justiça, não é de direito que um só decida por todos sobre um alvitre inesperado.

—Inesperado ?

—Inesperado, sim. Os paulistas suppunham encontrar-nos dispostos á guerra a todo transe, e acham-nos resignados a fazer tudo que fôr compati-vel com a honra para evital-a ; tinham por certo que persistiriamos em antigas pretensões, e vem dar comnosco resolvidos a tudo ceder. Ha-de-confessar que nunca lhes-passou pela mente estarmos de tal accôrdo.

—Queres, pois...

—Que exponha aos paulistas o que propuz.

—E si não acceitarem ?

—Então...

—Então, que ?

—Combateremos !

—Queres saber mesmo o que pensam os Paulistas a respeito de paz comtigo e com os teus ?

—Quero.

—Mas tu já deves sabel-o. Paulistas são Paulistas. Entre aquelles homens que alli vês ha amigos, ha parentes, ha irmãos, ha paes, ha filhos dos trucidados no capão.

—Mas ha tambem cabeças que pensam, corações que sentem, Christãos que perdoam. Para que a

guerra? Para reivindicar direitos? Podeis reivindicar-os sem effusão de sangue, nós tudo cedemos. Para vingar affrontas? Nós tambem fomos affrontados, e todavia reconhecemos excesso, feroicidade, infamia no procedimento de Bento do Amaral. Pedimos perdão do crime que não praticamos, mas pelo qual nos reconhecemos moralmente responsaveis. E não ha cobardia em nós: sobra-nos animo para combater, coragem para morrer. O que queremos é evitar uma calamidade para estas terras novas, para este paiz nascente. E horrivel é o que vae acontecer a recusarem-se propostas de paz.

— Horrivel foi tambem o que já aconteceu.

— Horror não justifica horror.

— Quem pratica a offensa deve lembrar-se de que sua consequencia necessaria é a vingança.

— A vingança é barbara.

— Mas é logica.

— Jesu-Christo não authorisou a vingança.

— Nem a offensa.

— O sangue mancha.

— E purifica.

— A guerra é uma calamidade.

— Necessaria.

— O incendio devasta.

— E allumia.

— Senhor, o que eu tinha em mente quando resolvi me a sahir do forte, a vir encontrar os Paulistas, era entabolar negociações para evitar a ruína de milhares de homens, de centenaes de familias. Não vim consultar um só homem. A resposta de um só homem, cortez ou descortez, branda ou aspera, caroavel ou desanimadora não me-satisfaz, não me-basta, não dá por preenchida minha missão. Quero a resposta de todos, quero o consenso dos Paulistas, quero a decisão da

maioria. Sem que se-tenha-pronunciado esta decisão não me-retirarei, não terei por terminada minha tarefa. Si vossa-mercê não quer ser o intermediario das propostas, si não quer assumir a responsabilidade de embaixador, deixe-me passar, permitta que falle em pessoa a seus patricios reunidos.

Confiarei na lealdade dos filhos de Piratininga, ficará aqui minha escolta, irei só.

— Vou fazer-te a vontade, obtemperou Luiz Pedroso, vou consultar quem por minha bocca já tinha respondido; não que esteja duvidoso sobre a decisão, mas estimo que ouças da boca de todos os juizes desta causa a condemnação tua e dos teus, que conheças por ti que os sentimentos que me-animam são os de todos os Paulistas.

E, firmando-se nos estribos, voltou-se e em voz retumbante disse :

—Paulistas, alegrae-vos!

Viestes com animo disposto á guerra e depara-se-vos a paz.

Sahem-vos amigos aquelles que tinheis por inimigos.

Não ha mais que combater, é tempo de folgar.

O sr. Ambrosio Caldeira Brant, digno chefe dos legitimos possuidores desta terra, é o portador de novas tão de prezar.

Os Portuguezes dignam-se esquecer os aggravos que contra nós têm, dignam-se conceder-nos generoso perdão, fazem-nos propostas de paz.

Magnanima gente!

Pois não acceitareis?

Vinde, amontoae vossas armas, abri os braços desarmados, que vos-querem estreitar em amistoso amplexo os soldados de Coutinho, a gente do capão.

Já vos-não lembra?

Não seria a vez primeira que Paulistas confiassem em palavra de Portuguezes...

E o resultado dessa confiança ha-de-ser de certo o mesmo, auspicioso, fecundo...

Respondei, accetaes o entabolamento de negociações, como quer o sr. Ambrosio Caldeira Brant?

Tratareis da paz?

E' tempo de decidir, que o sr. Ambrosio Caldeira Brant, não quer, não pôde esperar.

Apressae-vos, não deixeis passar a occasião, não percais o ensejo...

Quem sabe si daqui a pouco já será tarde, si estarão de outro accordo?

—Morte aos *Emboabas*!!! bradon unisono o exercito paulista, e, louco, desatinado, como um só homem precipitou-se sobre os Portuguezes.

Os da escolta de Ambrosio Caldeira desembainharam as espadas, e, dando de espóras aos cavallos, uniram-se a seu chefe.

Foi pavoroso o recontro.

Travados, misturados, confundidos, sem poder servirem-se das carabinas e pistolas, começaram de bater-se a arma branca cincoenta contra mil.

Os cavalleiros portuguezes, volteando rapidos, curvados sobre os pescoços dos cavallos, floreteavam as espadas, cobriam-se, vibravam botes, defendiam-se, atacavam como pantheras.

Os Paulistas, com os olhos esbrazeados, espumando de cólera, uivavam como lobos, encarnicavam-se na pugna.

Os Portuguezes procuravam guardar livre a retirada: os Paulistas faziam esforços sobre-humanos para envolver o inimigo.

Dir-se-ia a luta do tapir e da sucuryuba.

O sol amortecido reverberava, a cada golpe, nas laminas polidas, parecendo atirar uma chuva de meteoros sobre aquella tempestade de gente.

O retinir do ferro no ferro ouvia-se longe, como

si cem malhos estivessem batendo a um tempo sobre sonoras bigornas.

Luiz Pedroso travára-se desde o começo com Ambrosio Caldeira.

Offegantes, com os dentes cerrados, implacaveis, procuravam ferir-se.

Esquecidos de tudo, insensiveis ao que se-lhes passava em torno, ambos só tinham olhos para procurar no peito do adversario o caminho para a morte.

Conheciam-se havia minutos, e odiavam-se como si de seculos tiveram sido inimigos.

As injurias de Pedroso flammejavam sangrentas na mente de Caldeira.

A moderação, a brandura de que tinha provas Caldeira era mais do que um insulto, era uma humilhação que Pedroso não podia perdoar.

Ambos tinham sede de sangue: eram dous homens, e pareciam dous demonios.

Suas espadas, como si se-tivessem animado, como si se-tivessem convertido em seres intelligentes, como si odeiassem tambem, procuravam-se, adivinhavam-se, entrançavam-se, confundiam-se...

Bote encontrava revez, parada era rebatida por parada...

E faiscas jorravam desse embate crebro; as laminas retiniam plangentes... Dir-se-ia que o ferro blasphemava...

De subito Pedroso, desesperado pela resistencia, pela invulnerabilidade de Caldeira, sentiu atravessar-se-lhe pelo cerebro, como um ferro em brasa, um pensamento desleal...

Um rictus de precito contrahiui-lhe os labios...

Amainando a furia, contentou-se com parar os golpes do contrario, deixou de atacar.

Depois tomou as redeas nos dentes, e poude ter livre a mão esquerda.

Essa mão escorregou mansa ao longo da coxa, e procurou disfarçada o arção da sella.

No arção havia coldres.

Em um intervallo entre golpe e golpe ouviu-se um estalido secco.

A mão esquerda de Pedroso ergueu-se, e uma pistola disparou-se sobre o peito de Caldeira...

Um ferro, porém, metteu-se de permeio, e o cano da arma, levantado violentamente, fez silvar nos ares a bala inutil.

—Nunca te-julguei, traiçoeiro, Luiz Pedroso, troou junto de ambos uma voz grossa e colerica. Não é de Paulista o que fizeste.

Era a voz de Ruy Gonçalo.

No arfar convulso da referta os combatentes se-tinham-insensivelmente-aproximado da povoação.

Era já ao pé das primeiras casas que se-agitava o acceso da pugna.

De subito, como repellido por violento tufão, esse torvelinho de homens começou a recuar...

Ouviu-se um bradar temeroso que cobriu o restugir das armas :

—Portuguezes, ao forte! Não combatem cinco contra cem! Ao forte! Acolhei-vos ao forte!

Era Antonio Francisco que com poderoso reforço viera em soccorro dos seus.

Alentados pela presença do chefe que lhes-merecia toda a confiança, livres do receio de serem julgados covardes por procurarem fugir da peleja, os Portuguezes dobraram de esforços para romper o basto cerrado de inimigos.

Secundados pelo soccorro dos companheiros conseguiram-no.

Como agua que escoa pelos furos do crivo em que a lançou criança travessa, um, muitos, todos os *Emboabas* escaparam-se do cerco em que os-pretendiam abafar os Paulistas.

Cravando as esporas nos ilhaes dos cavallos, galgaram veiozes a encosta, sumiram-se no forte.

—Conheço-te, e sei-te agora o nome, Luiz Pedroso! Até á vista! exclamou Ambrosio Caldeira que foi o ultimo a voltar costas ao inimigo.

Sobre o solo revolvido jaziam mortos apenas alguns cavallos (1).

Os Paulists com gritos de triumpho tomaram conta da povoação.

Era noute.

(*) Inerivel, mas historico.

Divididos—Fracos

Passou-se a noite.

Velada fôra ella para um e para outro bando.

Ao luzir da alva. Antonio Francisco subiu ao cubello occidental, e ahi quedou-se a observar o inimigo.

Viu que os Paulistas não tinham perdido tempo.

Estavam guarneçadas de gente todas as casas da povoação.

As portas conservavam-se cerradas, e cada janella era uma setteira donde saham sinistros e ameaçadores os compridos canos das espingardas.

No valle que circumdava a collina do forte, como carneiros a ruminar deitados, alvejavam tendas de campanha, protegidas por filas irregulares e extensas de gabiões, de fachinas, de tranqueiras de toda a sorte.

Na frente, de flanco, pela retaguarda havia postos paulistas.

O forte estava assediado em regra.

.....

Na sala de uma das mais espaçosas casas da povoação esbatia-se mortiça pelas paredes escuras a luz vacillante de uma candeia espetada em um portal.

A passos lentos ia e vinha pela quadra um homem de avantajada estatura.

Braços cruzados sobre o peito, fronte pendida,

movimentos automaticos, tude nella indicava meditação funda, cuidado roaz.

Decorreu muito tempo.

Quando o rosielér do arrebol matutino começou a avermelhar o firmamento, quando pelas físgas da porta, pelos claros do tecto de folhas de palmeira coaram os primeiros albores da madrugada, amortecendo ainda mais a luz dubia da torcida fumarenta, parou elle, estendeu os braços, endireitou o busto e sacudiu a cabeça, como si quizera expellir do cerebro pensamentos importunos.

Era Amador Bueno.

—João Joaquim l bradou elle.

A porta da sala abriu-se, e no desvão enquadrou-se a figura tisonada do caboclo.

— Que é do sr. Luiz Pedroso ?

— Está em uma casa aqui perto.

— Está só ?

— Não, senhor : está com o sr. Francisco Bueno.

— Ha muito que recolheu-se ?

— Ha pouco. Esteve no campo toda a noute, dirigindo o assentamento das barracas e o levantamento de trincheiras.

— Vae dizer-lhe que me-é-preciso fallar-lhe, que venha aqui immediatamente.

O caboclo sahio, e a porta fechou-se,

Amador Bueno continuou a passear.

Escoaram-se alguns minutos mais.

— A's ordens do sr. Amador Bueno da Veiga, souo fóra uma voz.

— Entra.

Entrou Luiz Pedroso.

— Muito bom dia, disse elle. Estimarei que tenha-passado bem a noute.

— Bom dia, Luiz Pedroso.

— Mandou-me chamar ?

— Mandeí.

— Que se-offerece para o serviço de vossa-senhoria ?

— Deixa-te de cortesias hypocritas, Luiz Pedroso. Ora trata-me por *tu*, ora por *vós*, ora por *senhoria*. Que quer isto dizer sinão que estás em amargor de animo para comigo ; e que procuras por todos os meios dar-me a conhecer esse sentimento que te-domina.

— Ora, está enganado o sr. Amador Bueno da Veiga...

— Luiz Pedroso, deixa-te, já te-disse, de ironias ; são escusadas. Fallemos como dous irmãos, como... como dous... amigos, como dous Paulistas.

— Pois fallemos, Amador Bueno. Serei franco, tratar-te-ei como irmão, reprehender-te-ei como Paulista. Que querias de mim ?

— Fallas em reprehender-me : foi mesmo para reprehender-te que te-mandei-chamar.

— Sim, porque ?

— Porque, Luiz, estás allucinado pelo demonio : dominado por idéas de vingança implacavel, esqueces o bem da patria, esqueces o dever, esqueces até a honra dos Paulistas.

— Esquecer eu a honra ? Si é por amor da honra, si é por conserval-a sempre immaculada aos Paulistas que eu sinto raivarem em meu peito os sentimentos de uma vingança que não perdoa, dura como o aço, inflexivel como o granito.

— Nem sempre no vingar consiste a honra.

— Em que consiste ella então sempre ?

— Em guardar a fé dos tratados, em manter inviolavel a palavra uma vez dada.

— De accordo.

— Esqueces o que se-pactuou em Pouso-Alto ?

— Eu me-lembro do que se-passou no Capão-da-Traição.

— Repito, nada valerá então a palavra empenhada em Pouso-Alto ?

— Não a-empenhei eu, e quem o fez, Amador-fel-o sem direito, fel-o sem pensar, fel-o leviana, mente.

— Luiz...

— Ouve-me, Amador : não se-podia-empenhar em Pouso-Alto palavra de que se-pouparia o inimigo, porque em Piratininga já se-havia jurado exterminal-o. Não ha direito para darem-se palavras em contrario ; quem pensa não-no-faz ; quem no faz obra levianamente.

Amador Bueno morden os beiços.

Luiz Pedroso continuou :

— Sabes que ninguem póde servir a dous senhores, e palavra dada é senhor reconhecido, e palavras em contrario são senhores que ordenam cousas oppostas : na obediencia que se-presta a um envolve-se desrespeito a outro. E' por isso que eu não quiz assentir ao alvitre proposto pelo veneravel padre Belchior de Pontes, foi por isso que eu bradei— não—quando todos diziam—*sim*—; foi por isso que eu disse *que a palavra de honra dos Paulistas ia ser violada pela vez primeira.*

— Mundanamente raciocinas, Luiz : mas força é confessares a exaggeração do pundonor como o-entendes. Não bastaria a desaggravar-nos a humilhação dos contrarios em reconhecer o nosso direito, em ceder-nos a posse de nosso bem, em dar-nos todas as satisfações que exigissemos ? Eu sei, que m'ó contou Ruy Gonçalo, quaes tuas respostas ao que submissamente propoz hontem Ambrosio Caldeira.

— E sabes tambem a historia de um tiro de pistola...

— Sei, e lastimo que teu genio rancoroso te-leve a

empanar o brilho invejavel de teu character honrado.

—Commetti então uma villania em disparar uma arma de fogo sobre meu adversario ?

—E' mister reconhecê-lo, uma vez que elle se-defendia á espada.

—Entendo que contra o inimigo tanto vale uma lamina como uma bala.

—Nem sempre. No teu caso a lamina era a lealdade.

—E o que era a bala ?

—A bala era a traição.

—Subtilezas. No campo da batalha todas as armas são armas.

—Quando empregadas de parte a parte.

—Achas talvez que sou um Judas ?

—Não, mas que impensadamente praticaste uma acção vil.

—Amador...

—Não te-exaltes : olha que devo-te toda a franqueza. Estamos a sós, estamos-conversando como dons irmãos.

—Bem, quererias de certo que eu accitasse as propostas de Caldeira ?

—Queria que consultasses os Paulistas reunidos em conselho.

—Segue-se que errei em regeital-as.

—Sem duvida : por ti só não tinhas direito de rejeição, nem de admissão.

—E accital-as-ia o conselho ?

—E' provavel. Não estavam ellas em harmonia com o que se-pactuou em Pouso-Alto ?

—O pacto de Piratininga foi anterior ao de Pouso-Alto.

—Dize antes o de Araçariguama.

—Vá pela rectificação. O de Araçariguama.

—Levado a effeito no correr de um banquete...

—Levado a effeito no correr de um banquete...

—Quando quasi todas as cabeças...

—Achavam-se avinhadas ! Obrigado, agradeço-te em nome dos Paulistas.

—Eu não ia dizer *avinhadas*, mas dominadas pela exaltação nervosa, pelo transporte, pelo phrenezi que geram as refeições lautas em commum, o cheiro penetrante de aromas exquisitos, o som de musica... Demais...

—Demais...que ?

—O que se-pactou em Araçariguama, o que se-ratificou em Piratininga, não foi o exterminio dos *Emboabas*...

—Então que foi ?

—Foi a guerra.

—Pois é exactamente guerra que estamos-fazendo.

—A guerra já não tem razão de ser desde que estão os contrarios dispostos a sujeitar-se.

—E ficará sem vingança o sangue Paulista derramado ?

—E os nossos não terão tambem derramado sangue portuguez ? A fazerem-se bem as contas, não sei qual terá corrido em maior abundancia.

—Amador Bueno, franqueza pede franqueza, verdades pagam-se com verdades. Qualificaste *vil* uma acção que pratiquei, e eu ouvi-te dizel-o sem que minha mão procurasse as guardas da espada; a palavra soou, e tu estás vivo. Faz-se mister que tenhas a mesma moderação, a mesma paciencia. Em Araçariguama houve quem te-suppozesse vendido ao inimigo, e eu assenti á supposição...

Amador Bueno estremeceu como a verga de aço sobre que cahisse repentina a pancada tremenda de malto pesadissimo; seus dentes bateram uns contra os outros, como em crescimento de césões; seu rosto moreno ficou livido...

E todavia nem um só gesto revelou o soffrimento

atroz dessa alma nobre em que o insulto abrija profunda e incuravel ferida.

Houva momentos de silencio.

—Luiz Pedroso, disse emfim Amador Bueno, sorrindo amargurado, Luiz Pedroso, no fundo, nos ultimos escaninhos de teu coração deve estar escondida a semente do remorso que te-ha-de-envenenar o viver, que quando estiveres a sós contigo te-ha-de fazer subir o rubor ás faces por teres alimentado tão baixo e torpe pensamento a respeito de um homem que te-não-é somenos em amor da patria, que te-não-é somenos em sentimentos de nobreza, que te-não-é somenos em dedicação á honra, ao engrandecimento, ao bom-nome de seus concidadãos.

Si eu desejasse vingança da injuria na voz de tua consciencia tel-a-ia e plena.

Luiz Pedroso, os annos que me-tem-passado por sobre a fronte, embranquecendo-me os cabellos, tambem me-tem-amadurecido a razão para que pense com calma sobre todas as questões duras da vida.

Onde tu enxergas dever e gloria eu vejo consequencias calamitosas de velhas injustiças praticadas pelos nossos.

Os paulistas tem muitos defeitos que são filhos de suas muitas qualidades

Seu valor indomito, sua perseverança tenaz, seu animo inquebrantavel fazem com que se-inchem de um orgulho desmedido, que os-leva a crerem-se mais do que realmente são.

Dahi a intractabilidade de character que converte em inimigo quem poderia ser alliado.

Porque esta guerra, porque esta inimisade, porque este odio entranhado ?

Acaso não chegam estes sertões para opulentarem-se dez povos ? Poderão os Paulistas e os Portuguezes que existem actualmente no Brazil exgo-

tar em mil annos estas minas cuja vastidão, cuja abundancia, cuja riqueza ninguem conhece ao certo ?

Não são alguns punhados de ouro mais, algumas barras menos o que separa dous povos que têm nas veias o mesmo sangue, que fallam a mesma lingua, que adoram o mesmo Deus.

E' a soberba egoistica de nossos irmãos que lhenão-permitte reconhecerem os direitos alheios, que o-cega a ponto de considerarem as aspirações legitimas de outros homens como crimes dignos de punição a ferro e fogo.

Tanto como nós tem os *Emboabus* jus a lavrar estas solidões... Quem se-póde-queixar de espoliada é a população indigena, mas essa, temol-a reduzido á escravidão....

Parou por pouco Amador Bueno, como concentrando o pensamento. Depois continuou :

— Vendido ao inimigo! Cala fundo a injuria n'este coração que é orgulhoso, porque eu tambem sou Paulista... Vendido ao inimigo, eu que só quero o bem da patria? Vendido ao inimigo eu, idolatra do dever? Vendido ao inimigo eu que mais do que a minha prézo a honra dos meus?

Não me-comprehendeste, Luiz. Não me-comprehendeu quem primeiro insuflou-te a insinuação aviltante...

Eu quero o bem da patria, e por isso procuro evitar esta guerra que, a não ser abafada no nascedouro, continuará por annos, por seculos, atravez das gerações ; que, dividindo o povo, se-constituirá em guerra de raças, implacavel, eterna ; que só verá termo com a aniquilação total de um dos partidos.

Sou idolatra do dever, e, para compril-o, arrosto juizos horrorosos que tisnam, que mancham, que infamam como o ferro em braza do algoz... Sanar

males feitos é dever de quem conhece não estar a justiça de seu lado...

Prézo a honra dos meus, e receio por ella o julgamento da posteridade, o veredictum da historia...

— Bem, Amador Bueno, respondeu Luiz Pedroso, quero crêr em tudo que me-disseste a respeito de tuas intenções; peço-te mesmo perdão por ter-te mal-avaliado. Pensas, porém, de um modo que eu não comprehendo, que nunca adoptarei por meu. Mas não é diante do inimigo, quando o tempo urge, quando tarda encetarem-se operações decisivas, que temos folga para gastar horas discreteando como doutores. Responde-me e breve. Estás disposto a ajudar-me em levar por diante o assedio?

— Não.

—Contas retirar-te com os que te-quizerem-acompanhar?

— Por ora não.

— Olha que, não admittindo de novo a supposição de estares bandeado com os *Emboabas*, é impossivel penetrar-te as intenções.

— Vês aquella eminencia? disse Amador Bueno, abrindo uma janella, e apontando para um morro vizinho toucado de neblina.

— Vejo.

— Passo-me para alli com os que me-obedecem.

— Com que fim?

— Com o fim de observar impassivel o curso dos acontecimentos, até que seja necessario intervir.

— Novo enigma.

— Não é enigma. Tens nobre coração, Luiz Pedroso, e é possivel que ouças afinal a voz do direito, o clamor da humanidade, que consintas em entrar com os Portuguezes em accordo de paz. Des-cerei então para, como chefe da maioria, como representante legal dos Paulistas sancconar o trata-

do que assegure a Piratininga uma tranquillidade duradoura.

—Deverias, neste caso, ter-trazido a familia : corres risco de passar alli o resto de teus dias.

Amador Bueno foi por diante sem attender á observação ironica.

—Si, porém, persistires em teus planos, si continuares o assedio, descerei opportunamente a socorrer-te.

—Que quer dizer *opportunamente* ?

—Quer dizer que não levará muito a que passes de sitiante a sitiado. Aquelle forte está bem collocado, aquelle forte resiste, aquelle forte é inexpugnável. Só a fome o poderá render.

—Questão de perseverança.

—Não. Antes que o-consigas os Portuguezes todos que se-acham derramados pelas Geraes aqui virão ter a descercar os companheiros. Serás mettido entre dous fogos, e então, si eu não accudir com tropas frescas e bem apercebidas a proteger-te a retirada, serás batido, aprisionado, e...

—Acaba.

—E renovar-se-á por tua culpa a scena sem nome do capão.

—Amador Bueno, mostraste-me um morro, quero mostrar-te outro. Vês aquella collina ?

—Vejo.

—Não está a cavalleiro do forte ?

—Está.

—Pois hoje mesmo começará João Falcão a erguer alli uma guarita de pedras...

—Sim ?

—Que tornará facil incendiarem-se as casas do forte.

—E permittil-o-á o fogo inimigo.

—João Falcão é excellente castrametador : seguirá com trabalhos cobertos.

—Faze lá o que entenderes. Vou partir com minha gente.

—Para teu posto de observação ?

—Para meu posto de observação.

—Pois mandar-te-ei convidar, quando o forte render-se, para entrarmos juntos.

—Si quizeres ser humano nas condições o forte se-renderá hoje.

—Minha condição unica é não dar quartel.

—A ninguem ?

—Velhos, mulheres e crianças, serão todos passados a espada.

—Decididamente estás louco, Luiz.

—Não estou ; lembro-me do capão.

—Si são esses realmente teus planos, embora os não-possas levar a effeito, és um monstro.

—Sou um Paulista que vingá Paulistas. Adeus.

Luiz Pedroso sahiu.

In sagitta spes

Antonio Francisco não arredára do cubello.

Sem sentir fome, sem desejar descanso após noute não dormida, o logar-tenente de Caldeira procurava, observando por si, sondar as intenções do inimigo, adivinhar-lhe os planos.

Immovel, a meio escondido pelo mastro em que se-arvorára a bandeira, mal era possível distinguirem-lhe de longe a cabeça: dir-se-ia esta uma saliência, um nó da madeira, uma ponta de pedra em que luzia alguma cousa que eram dous olhos.

E o tempo passava sem que se-abrissem hostilidades.

Aprestos de refeições, troca de sentinellas, um ou outro cavalleiro a ir de posto a posto, eis tudo o que Antonio Francisco notava no campo paulista.

Pela volta do meio-dia ouviu-se um teque de reunir, e em um dos vastos claros da povoação começaram a entrar em fórma varias hostes de sitiantes.

Antonio Francisco, certo de que estava a guarnição em armas, apercebida, prompta á primeira voz, não deu signal algum, e continuou a observar.

Não tardou, e ao som de clarins e tambores começou essa gente a mover-se.

Não se-encaminhavam para o forte, afastavam-se da povoação.

Não avançavam, retiravam.

Bagageiros, serventes, animaes soltos, bestas carregadas, tudo partia.

Antonio Francisco pasmava, não podendo atinar com o fim de semelhante evolução.

Teriam-levantado o cerco ?

Não, que metade dos expedicionarios conservavam-se na povoação, que os postos volantes continuavam a vigiar o forte.

Seria uma cilada, um plano de ataque ?

Improvavel, que essas forças encaminhavam-se para um morro distante, donde se-podia-vêr, sim, os cercados, mas não aggredil-os.

Perplexo, o joven chefe portuguez combinava todas as hypotheses imaginaveis, quando foi sua attenção chamada para outra parte.

Da eminencia visinha, da collina que dominava o forte vinha um ruido surdo, irregular, intermitente.

Era como si-rodasse um carretão pela encosta acima, quebrando aqui seixos, calcando alli grama ; era como o roer de um rato gigantesco.

Antonio Francisco olhou para a esplanada que se-aiargava no alto do comoro, para as faldas, para a base.

Nada viu.

A gente que partira tinha chegado ao alto do outro morro, e já se-ahi-via alvejarem barracas, erguerem-se columnas de fumo...

O ruido continuava, cada vez mais distincto, parecendo approximar-se.

De subito na colina surgiu como um phantasma uma cousa immensa, endireitou-se, avançou e queudou-se ameaçadora no centroo do cume.

Era um como catafalco de madeira, uma especie de caixão descommunal, tecido de paus roliços ainda com casca.

Antonio Francisco entendeu o que era.

Ergueu-se, voltou-se para a praça de armas e ordenou :

—Uma linha de atiradores no alarve da cortina occidental ! Presto, marchem !

—Preparar ! Apontar ! bradou um voz no campo paulista. E de todas as janellas, de todos os desvãos das casas da povoação endireitaram-se para o forte centenaes de espingardas.

—Fogo ! tornou a voz a bradar, e troou uma detonacão tremenda, e um silvar sinistro rechinou por sobre o forte.

A sentinella do cubello oriental largou a arma, estendeu os braços, vacillou um instante, e cahiu desamparada.

Duas balas lhe-tinham-despedaçado a fronte.

No alvadio da manga esquerda da japona de Antonio Francisco alargava-se uma mancha vermelha : um projectil inimigo lhe-tinha-atravesado as carnes do braço.

Sem se-importar com a ferida, triste, pezaroso pela morte da sentinella, do primeiro Portuguez que tombára victima do rancor paulista, o joven chefe correu ligeiro pelos adarves á cortina occidental.

Já ahi estava a linha de atiradores.

—Suas ordens, sr. Antonio Francisco ! disse o commandante dessa gente.

—Aquillo que vê alli no alto é a ameaça, é o inimigo, é uma manta de guerra (1).

Por traz daquelle arcabouço de madeira estão os Paulistas, e estão trabalhando.

Não tardará muito a que surja alli uma torriinha, uma guarita de pedras...

Apontem cautelosamente as espingardas, olho vivo, e qualquer inimigo que se-mostror, qualquer

(1) *Manta de guerra* é um engenho militar que cahiu em desuso desde que Vauban subsittuiu-lhe o *gabião*. É exactamente como acima se-descreve.

cabeça que descobrir-se seja avisada por uma bala de que nós estamos alerta.

—E' tudo ?

—E' tudo. Do cumprimento exacto desta ordem, da vigilancia destes atiradores depende a segurança do forte. A' fidelidade da sua pontaria está commettida a tarefa de impedir que dahi nos-dizimem a salvo, com escolha até de victimas.

Uma escada de mão achava-se encostada á aresta do adarve : por ella começou a descer Antonio Francisco.

Já no ultimo degráo, sentiu um desfallecimento : a circulação affrouxou-se-lhe zuniram-lhe os ouvidos, furtaram-se-lhe os joelhos ao peso do corpo...

Agarrou-se aos bauzos... Debalde : a fraqueza physica ocasionada pelo jejum e pela perda de sangue desmentiu a energia do espirito.

Antonio Francisco baqueou em terra, não desmaiado, mas completamente exhausto de forças.

Acudiram-lhe varios homens da guarnição.

De subito souu um grito estridente :

—Ferido ! Antonio Francisco está ferido !

E Guiomar com os labios brancos de susto, desatinada atravessou como um raio a praça de armas.

Desprendidos na carreira vertiginosa, esvoaçavam-lhe os cabellos : seu roupão escuro, enfunado pelo ar em movimento, vestia-a como uma nuvem de procella...

Um crente do falso propheta de Medina dil-a-ia Israfil, o anjo da resurreição, voando pressuroso a fazer soar aos ouvidos do guerreiro prostrado o clangor vivificante de sua -rombeta immortal.

Chegando junto de Antonio Francisco já sustido por dous homens, ella passou-lhe tremula um braço por sobre o pescoço e perguntou-lhe anciosa, balbuciante, maternal quasi :

—Estás ferido, Antonio Francisco, onde, onde ?

—Cousa de nonada, Guiomar, um arranhão, neste braco.

—No braço! Deus seja louvado! E solícita, delicada como só o-sabem-ser mulheres, tomou a parte ferida e com os dedos roseos, com os alvos dentinhos rasgou a roupa, desnudou a carne...

E os labios e o mento da moça ficaram tiutos de sangue.

Não eram de gravidade os ferimentos: a bala atravessára o braço por entre o grande-musculo-redondo e o triceps-brachial; o osso estava intacto, e illesas as arterias e veias principaes. Comtudo era abundante a hemorrhagia.

—Agua, fios! pediu anciosa a moça.

—Aqui está o que se-faz mister, minha filha, acudiu Ambrosio Caldeira que chegava. Deixa-me ver a ferida.

E depondo em terra uma pequena caixa que trouxera, tomou o braço de Antonio Francisco, e examinou-o como entendido.

Abrindo em seguida a caixa tirou d'ella pannos de linho, fios, pinças, vulnerarios; com pericia summa, lavou as duas feridas, endireitou os tegumentos dilacerados, collocou o primeiro apparelho.

—Não é nada, disse, lavando as mãos; um calix de vinho generoso, uma costelleta, duas horas de repouso, e meu logar-tenente poderá continuar no posto... Com um pouco mais de prudencia, porém, que os Paulistas atiram a primor.

—Vão buscar vinhol ordenou Guiomar.

—Aqui o-tem, disse um dos homens do grupo, apresantando uma garrafa e um calix.

A moça encheu o calix e deu-o a Antonio Francisco.

Reanimado pela bebida cordial, ergueu-se elle e deu alguns passos.

—Encosta-te a meu hombro, ainda estás fraco, perdeste muito sangue, disse Ambrosio Caldeira.

—Sinto forças bastantes para caminhar só. Aco-de ao cubello, observa o inimigo até que depois de algum descanso possa eu ir render-te. O que eu previ realisou-se: na eminencia que nos-domina já está uma manta de guerra, e dentro em pouco estará uma guarita de pedras.

Cumpre que os atiradores não dêem tempo a que o inimigo nos-faça pontaria.

E é indispensavel haver toda a cautela, que se descubram o menos possivel: já perdemos um hom-m.

—Quem quer fallar de cautela? Meio palmo á direita viesse a bala, e terias a espinha dorsal parti-da... Si não te-tivesses-descoberto...

--Descobri-me, porque foi necessario para me-fazer-ouvir: tive de erguer-me para dar ordens.

Tractemos, porém, do que urge: os Paulistas vão procurar queimar-nos as casas...

Ouviu-se um silvo, e uma flecha, vinda do alto, espetou-se no solo e quedou-se vibrando.

—O inimigo varia de armas, gritou Ambrosio Caldeira, asseteia-nos.

—Aquillo não é uma simples flecha, observou Antonio Francisco.

—Que é então?

—E' uma mensagem.

—Uma mensagem?

—Sim.

—Não a-comprehando.

—Porque não queres.

—Como?

—Nada vês na haste daquella flecha?

—Na haste?

—Sim, junto das pennas da empunhadura.

—Vejo uma cousa branca.

—E' uma carta. Vae buscal-a.

Ambrosio Caldeira foi, e arrancou do chão o arremço. De facto, no logar indicado enrolava-se um papel preso pelas voltas de um fio de linha. Desdeu os nós, e tirou-a.

—E' mesmo uma carta, disse.

—Lê.

O chefe portuguez leu :

« Ao sr. Ambrosio Caldeira Brant e aos Portuguezes que defendem o forte do Rio-das-Mortes—
« saude !

« Estais envolvidos em apertado cerco, escasseiam-vos os recursos, vossas propostas de paz foram recusadas.

« Parece terrivel a vossa posição, e effectivamente o é.

« Luiz Pedroso, caudilho influente, vota-vos odio sem treguas, odio de morte.

« Não-ha esperar d'elle nem dos que por elle se deixam dominar misericordia ou sentimentos de humanidade.

« Tem sêde de vingança, quer sangue, sangue de velhos, de mulheres, de meninos, de todos.

« Inutil será tentardes entrar em tratado de entregar o forte : sua condição unica é que vos rendais á discrição.

« Si o-fizerdes sereis todos passados pelas armas.

« Todavia entre nós ha quem pensa de modo diverso.

« Amador Bueno da Veiga, chefe ostensivo da expedição, não está do mesmo accordo.

« Deseja, aneia por entrar comvosco em arranjos que assegurem uma paz duradoura entre Portuguezes e Paulistas.

« Mas nada póde fazer.

« Mais de metade de nossas forças está dominada por Luiz Pedroso, e, vendo por seus olhos, pen-

«sando por sua cabeça, quer o exterminio total dos
«Portuguezes que vivem nesta capitania.

« Profundamente maguado com o que se-passou
« hontem, considerando como desrespeito à sua au-
« thoridade o facto de ter Luiz Pedroso chamado a
« si o direito de responder a vossas propostas, Ama-
« dor Bueno resolveu-se a não tomar parte na lucta,
« e com todos os que têm sua voz passou-se para
« uma alta atalaia, onde pretende limitar-se ao pa-
« pel de observador.

« Já notastes de certo a sua retirada.

« Quem vos-assedia, pois, é sómente Luiz Pedroso.

« Mas Amador Bueno, si não quer hostilisar-vos,
« tambem não póde soccorrer-vos.

« E Luiz Pedroso não se-poupará a esforços para
« vos-reduzir ao extremo de metterdes o pescoço de-
baixo do cutelo.

« Hoje mesmo começarão a cahir sobre as casas
« do forte artificios de fogo que as-incendiarão.

« Aconteça, porém, o que acontecer, não capitu-
« leis: resisti sempre.

« Virão talvez por fim patricios vossos a descer-
« car-vos.

« Agora a razão desta missiva: vae nella huma-
« nidade e patriotismo.

« *Humanidade* porque pezar-me-ia ver trucidados
« a sangue frio tantos centos de homens: *patriotis-*
« *mo* porque o exterminio que de todos vós projecta
« Luiz Pedroso seria mancha indelevel que infama-
« ria para sempre o nome de *Paulista*.

« Cumpro duplo dever: procuro salvar-vos, pro-
« curo salvar a honra dos meus.

« Do que houver continuarei a dar-vos parte.

« Confiae em mim, e não tenteis erguer o véo que
« me-encobre: seria inutil. Sou uma voz que avisa.
« baste-vos isso. ».

—E então? perguntou Antonio Francisco.

—Então...

—Que julgas desta carta?

—Será uma cilada?

—Não arma ciladas quem aconselha resistencia.

—Nem sei o que pensar.

—E' que realisam-se todas as minhas previsões.

—O que nunca previste foi que se-vesse-metter a discordia no campo paulista.

—Mais uma probabilidade de salvação para nós.

—Que responderemos a quem nos-escreve?

—Nada.

—Nada?

—A fazel-o seria tambem por meio de flechas...

—Pois será por meio de flechas.

—Que, apanhadas por qualquer homem de Luiz Pedroso, só servirão para fazer com que se-torne vigilante, impossibilitando de communicar connosco a voz que nos avisa.

—Tens razão.

—Bem, vou descançar. Creio que hoje não sere-mos mais hostilizados.

—Sim?

—O unico meio efficaz actualmente é o incendio, e esse só poderá ser tentado amanhã.

—Porque?

—Porque só amanhã ficará prompta a guarita de pedras no alto da collina.

Fogo contra fogo

Cahira a noute, segunda já do cerco.

As sentinellas velavam no campo e no forte.

Succediam-se os gritos de *alerta*.

Ha quer que é de mysterioso, de indefinivel nessas vozes humanas que, appellidando-se pela calada das horas mortas, levantam-se, dominam, repetem-se, esmorecem, morrem, resurgem : o bradar de *alerta* é como o gallicinio alliado ao bramir da panthera, um mixto de desconfiança e de força, alguma cousa de regular e inflexivel como o estourar medido do rolo em praia alcantilada.

Interrogações e respostas, dialogo travado nas azas da viração, vigilia que assegura o somno dos acampamentos.

O soldado encanecido nos labores da guerra, entregue á modorra de chumbo produzida pelo cansaço, si lhe-falta no quarto avezado o clamor que desperta os bisonhos, acorda a meio, e procura instinctivamente as armas.

Paulistas e Portuguezes, confiados nas vedetas, refocillavam se da vigilia da vespera.

Reinava essa tregua tacita que impõe sempre a natureza depois dos grandes esforços.

Os cercados não recejavam assalto ; os sitiadores não temiam sortida.

A presença do inimigo durante um dia gera uma especie de segurança.

Entre exercitos contrarios acampados frente a frente, estabelece-se uma como amizade odienta.

Na cabana que servia de quartel-general ao forte, sobre o esprigueiro de couro, estava Ambrosio Caldeira profundamente adormecido.

Antonio Francisco de braço ao peito, mas já revigorado por succulenta refeição e por uma tarde de reponso, lia junto á mesa, á luz de uma vela, a *Vida de D. João de Castro*.

O tempo passava e tudo parecia tranquillo.

Por volta das onze horas ouviu-se uma voz :

—Senhor commandante ?

—Entre, ordenou Antonio Francisco.

Entrou um homem da guarnição.

Ambrosio Caldeira acordou, sentou se e perguntou, esfregando os olhos :

—Que temos ?

—Sou eu e mais quatro camaradas que dese jamos fallar a vossa-senhoria.

—Onde estão os outros ?

—Ahi fóra. Permite que entrem ?

—Certamente. Cheguem, senhores.

Entraram quatro Portuguez es mais.

—Que querem ?

—Temos um plano que submetter á approvação de vossa-senhoria.

—Diga.

—E' sabido, senhor, commandante, que os Paulistas pretendem incendiar-nos as casas.

—Sim.

—Elles pensam bem : as casas, cobertas de folhas de palmeira como são, apresentam optimo alimento ao fogo.

Isto, porém, não é o que importa : o que para remedial-o era possivel fazer-se, fel-o o senhor logar-tenente.

—Bem, prosiga.

—A idéa dos Paulistas suggeria-nos uma idéa ; seu plano deu-nos um plano.

—Qual ?

—Antes de expol-lo são precisas algumas considerações preliminares.

—Faça-as.

—Em campo raso a nossa frente, pouco seriam para temer os Paulistas : entrincheirados nas casas da povoação, são formidaveis.

—Em campo raso levantariam tranqueiras.

—Tranqueiras levantam-se com difficuldade ; tranqueiras não são casas. Em campo raso, digo, dizimal-os-íamos das muralhas a tiros de espingarda. As casas deveria terem sido destruidas.

Antonio Francisco e Ambrosio Caldeira entreolharam-se e sorriram.

O homem continuou :

—Mas o que não foi-feito póde-se ainda fazer : a idéa que tiveram os Paulistas de atacar-nos com fogo despertou-nos a idéa de empregarmos fogo contra elles.

—Quer que se-procure queimar a povoação ?

—Exactamente.

—Atirando-lhe flechas inflammadas ?

—Isso incendiaria uma ou outra casa sómente.

—Como então ?

—Indo lá cinco homens resolutos que pegassem fogo a um tempo a todas as casas, ao passo que uma sortida vigorosa, apoiada por viva fuzilaria das muralhas, desorientasse o inimigo.

—Sabe a historia dos ratos que determinaram pendurar um cascavel ao pescoço do gato que os assolava ?

—Sei, mas não acho paridade.

—Quem irá deitar fogo á povoação ?

—Eu e meus quatro companheiros.

—Quem ?

—Meus quatro companheiros e eu.

—Tal tentativa é uma loucura.

—Não, senhor.

—E' a morte dos que a procurarem-levar a cabo.

—E'.

—Querem então votar-se a exicio certo?

—Não temos paes, não temos irmãos, não temos esposas, não temos filhos, somos sós no mundo. A patria para nós é tudo: por ella nos-sacrificamos.

Demais, perdemos apenas alguns dias de vida: este plano é a unica probabilidade de egualarem-se as forças. Si elle não for-tentado, ou si não vingar, os Paulistas tomarão o forte, e a guarnição será passada a fio de espada.

—Mas é inutil assim mesmo tal commettimento: antes de incendiarem uma só casa serão presos e mortos.

—Dar-nos-emos por Paulistas prisioneiros, fugidos do forte.

—Logo e logo os-conhecerão.

—Vivemos muito tempo com os primeiros exploradores destes sertões, conhecemos de nomes todas as familias paulistas, nenhum costume colonial nos é extranho, fallamos até a lingua sem sotaque patrio.

—Admiro-o, senhor, disse Ambrosio Caldeira, e confesso-lhe que me-causa tanto assombro a resolução que tomaram, como a linguagem de que se serve para fundamental-a. Não o-conheço, morava no arraial?

—Não, senhor: vim para o forte um destes dias.

—Nasceu no reino?

—Nasci.

—A que familia pertence?

—A uma familia obscura.

—Teve estudos?

—Tive, senhor, mas este interrogatorio é desue-

cessario, e vexa-me. Desejo saber si approva o nosso plano, si permite que o-ponhamos em execução, si o-secundará ordenando a sortida ?

—Que dizes, Antonio Francisco ?

—Que digo ? Que estes homens são dignos filhos de Portugal, que o plano é soberbo, que eu proprio dirigirei a sortida.

—Não o-farás, que teu ferimento não o-permite. Agora, senhores, quando querem que os-auxilie-mos ?

—O signal para a sortida, respondeu o homem que fallára, será o incendio da povoação : quando queimar-se a primeira casa poderão atacar o inimigo.

—Hoje ou amanhã ?

—Não o-sabemos. Será quando houver occasião propicia. Esteja vossa-senhoria com gente prompta á espera do signal.

—Ben, podem seguir. Vou comsigo, vou dar as ordens precisas, disse Ambrosio Caldeira.

—Um abraço, meus bravos, um abraço antes de partir, exclamou Antonio Francisco, e com o braço livre cingiu ao peito cada um dos compatriotas.

—Até breve, disse ao ouvido do chefe da expedição, que, em que peze a Ambrosio Caldeira, eu estarei á testa da sortida.

—Até o dia de juizo, sr. Antonio Francisco, porque eu e meus companheiros não o-veremos mais : nós vamos morrer.

Moriuntur et in media arma ruunt

Sem que rangesse nos quícios, manso e manso, em silencio tredo abriu-se a meio o portão.

Como condoída dos cercados, a natureza enviáralhes um auxiliar—a neblina : espesso nevoeiro toldava a athmosphera.

Envoltos, sumidos na brama, os cinco Portuguezes desceram a ladeira e, sem serem presentidos, tomaram pela cangosta que dizia para a povoação.

Perto já das primeiras casas pararam e, muito de adrede para se-fazerem-notados, entraram a cochichar.

Debalde: os Paulistas em plena segurança não davam fé de que alguém se-aproximava. Tudo continuava quieto.

Elevaram o tom, fallaram mesmo alto e então uma voz alterada pela surpresa bradou-lhes :

—Quem vem lá?

—Gente de paz, responderam.

—Façam alto!

—Estamos parados.

—Quem são?

—Camaradas.

—Donde vêm?

—Do forte.

—Que pretendem?

—Fallar ao commandante.

—Vou chamar a guarda para reconhecêl-os ; an-

tes disso não se-mecham, que faço fogo. Cabo da guarda!

—Prompto!

—Ha gente viuda do forte, e que quer fallar ao commandante.

—Brade ás armas.

—A's armas!

Fez-se grande reboliço de homens, tiniram ferros, estalaram armas, aperrando-se : lutando com a cerração, brilharam as luzes de alguns archotes.

—Aproximem-se.

Os Portuguezes obedeceram, e em um momento viram-se-rodoados por numeroso troço de Paulistas.

—Quem são vocês, e o que desejam? perguntaram-lhes.

O homem que expuzera a Antonio Caldeira o plano seu e de seus companheiros encarregou-se ainda de responder. Com a falla descançada, com a pronuncia distincta, com o tom levemente ironico que caracteriza a linguagem paulista elle disse:

—Ih! que de ceremonias para receber cinco pessoas desarmadas! Quem somos nós, e o que queremos? Somos Paulistas e queremos o logar que nos compete no meio dos nossos patricios.

—Paulistas vocês?

—Legitimos da beira do Anhemby, e por signal baptisados em Taquacocetyba.

—Dizem que vem do forte?

—E é verdade.

—O que faziam lá?

—O que nos-mandavam-fazer?

—Eram criados?

—Eramos prisioneiros.

—Como prisioneiros?

—E' uma historia comprida. Levem-nos ao commandante que lhe-queremos-fallar.

—Eil-o que chega.

Luiz Pedroso, acordado pelo brado de armas, vinha em pessoa saber do que havia.

—Que temos de novo? perguntou elle.

—São estes homens que dizem-se patricios nossos.

—Os senhores são Paulistas?

—Sim, senhor.

—E donde vêm?

—Do forte.

—Paulistas, e vêm do forte?!

—E' como lhe-dizemos: estavamos lá prisioneiros, e hoje, aproveitando uma occasião, escapámos.

—São de São Paulo de Piratininga?

—Não, senhor; somos de Taquacocetyba.

—Ha tempos que andam pelo sertão?

—Já lá vae um horror de annos: quando viemos eramos ainda rapazotes.

—Com quem vieram?

—Com o sr. Carlos Pedroso da Silveira. Elle veio caçar Indios, mas depois, encontrando com a *bandeira* do sr. Bartholomeu Bueno de Siqueira, mudou de plano e associou-se com elle para lavrar *catas*. Estivemos sempre occupados nesse serviço até que rompeu a guerra, e os *emboabas* nos-prenderam.

—Conheceram a José Pardo?

—Muito: os *emboabas* o-mataram por causa de um *mameluco* criminoso a que elle deu escapúla.

—E Jeronymo Pedroso?

—Ora! Até nós estavamos á espera da missa no adro da egreja do Caheté quando elle e mais o sr. Julio Cesar tiveram com Manuel Nunes Vianna uma rixa que ia fazendo com que tudo pegasse em armas no arraial.

—Como foi isso?

—Estava o povo reunido para a missa quando passou um *emboaba* com um clavinote: o sr. Julio Cesar conheceu a arma que tinha desapparecido de sua casa e, auxiliado pelo sr. Jeronymo Pedroso

quiz tomal-a. O *emboaba* resistiu. Começou logo a ajuntar-se gente, e Manoel Nunes Vianna acudiu em defeza do patricio. Palavras puxam palavras: o caso esquentou-se, e seguiu-se um desafio de parte a parte. Se não-tivesse-havido quem apartasse a briga que já ia-principiando, teria sido um dia de juizo.

—E depois?

—Homem aquillo foi faisca que não ficou apagada. Os parentes e amigos dos srs. Julio Cesar e Jeronymo Pedroso entraram a juntar gente para punir pela honra paulista que julgavam offendida. Por sua parte os *emboabas* de Sabaraboçu, de Caheté e do Rio-das-Velhas armaram-se tambem para resistir. Todavia ambos os partidos tinham receio das consequencias de uma guerra, e procuravam conciliação. A morte de José Pardo, de que ha-pouco fallei, deitou fogo á mina: Manuel Nunes Vianna foi aclamado governador e, unindo-se com Bento do Amaral Coutinho, veio aqui para o Rio-das-Mortes, e no Capão-da-Traição fez o que fez.

—E' verdade que Manuel Nunes Vianna retirou-se por causa de Coutinho?

—Manuel Nunes Vlanna retirou-se por causa de umas desavenças antigas que tinha com alguns moradores do arraial do Rio-das-Velhas: demais elle, que chegou em Congonhas a apresentar batalha ao antigo governador, Fernando de Mascarenhas, reconheceu a authoridade de Antonio de Albuquerque.

—Antonio de Albuquerque esteve em Caheté?

—Esteve, mas retirou-se logo, deixando instrucções a Ambrosio Caldeira Brant.

—O commandante daquelle forte?

—Exactamente.

—E os senhores como foram alli parar?

—Nós tinhamos-vindo para o arraial de S. João

de El-Rei, e pouco depois da matança do Capão-da-Traição fomos presos, trazidos para aqui e obrigados a trabalhar na construcção de muralhas.

—Então escaparam-se hoje?

—E' verdade.

—E como o-puderam-levar a effeito?

—A sentinella do portão dava-se comnosco, e mais ainda com uma garrafa ou duas de boa pinga.

—Compreendo. De que familia são?

—Somos gente pobre, de familia pouco conhecida.

—São parentes uns dos outros?

—Sim, senhor ; somos primos.

—Mas qual é o nome de sua familia?

—Os Britavaldos.

—Os Britavaldos de Taquacocetyba, sei, sei.

Com que querem ficar comnosco?

—Até o fim da guerra : depois, si formos vivos, iremos para nossa terra. Já estamos fartos disto por aqui.

—Bem : pódem recolher-se por hoje áquella casa defronte. Vão comer alguma cousa e descansar : amanhã far-lhes-ei algumas perguntas sobre cousas que me-interessa saber. Adeus.

—Muito boa noute. Deus o-acompanhe.

—Amen.

E Luiz Pedroso, ao retirar-se, disse baixinho ao ouvido do commandante da guarda ;

—Desconfio destes homens : vigie-os de perto.

—Ficam a meu cuidado.

.
Eram duas horas da madrugada.

Excepto as vozes das sentinellas tudo era silencio na povoação.

Luiz Pedroso dormia.

De subito á porta da cabana que elle occupava ouviu-se um murmurinho de vozes.

Acordou elle, e perguntou estremunhado :

—Quem está ahí ?

—Sou eu, sr. Luiz Pedroso, e mais alguns companheiros.

—Eu quem ?

—O commandante da guarda.

—Lá vou.

O caudilho paulista ergueu-se e abriu a porta.

—Que temos ? inquiriu.

—Os homens que se-diziam Paulistas...

—Acabe.

—São *Emboabas*.

—Isso sabia eu.

—E queriam incendiar a povoação.

—Bem me-estava parecendo.

—Assim que vossa-mercê ausentou-se, mandei-os para a casa que lhes-tinha sido designada.

—Bem.

—Mas, de accordo com sua ordem, tratei de vigiar-os : dispuz uma escolta que, por olheiros praticados nas paredes, observasse tudo quanto fizessem, e ouvisse tudo quanto dissessem. Não levou muito a ter eu noticias dos melros.

—Continue.

—Quando, depois de algum tempo de espera, julgaram-se em solidão e em perfeita segurança, tiraram das algibeiras fuzis, pedras, isqueiros, mechas sulphureas e torcidas enresinadas. Um delles determinou em voz baixa o caminho que cada qual devia tomar. Abriram a porta e iam sahir, mas...

—Mas...

—Mas encontraram-se com a escolta que em um abrir e fechar de olhos embiron-os como a cevados.

—Que disseram para justificar-se ?

—Nada, que não havia justificação possível depois do que a escolta viu e ouviu.

—Então confessaram ?

—Abertamente, e até riram-se.

—Sabem que vão morrer.

—Si sabem !

—E estão sem medo ?

—Nenhum : aquillo é gente brava.

—E' pena.

—Porque será pena, sr. Luiz Pedroso ?

—Gosto da valentia e da coragem onde quer que se-achem. Mande cá os homens.

O commandante da guarda sahio e voltou dentro em pouco com os cinco Portuguezes.

—Então vocês que se-diziam Paulistas são *Emboabas* ? perguntou-lhes Luiz Pedroso.

—Somos Portuguezes, respondeu o chefe da expedição mallograda, e disso nos-houramos immenso.

—Queriam deitar fogo á povoação ?

—Não querem os Paulistas deitar fogo ás casas do forte ?

—Sabem que são réos do crime de traição.

—Na guerra todos os meios são legaes.

—Pois então com toda a legalidade vou mandal-os enforcar.

—Está no seu direito, no direito do mais forte.

—E não leva muito ; dou-lhes apenas um quarto de hora para se-arrependerem de seus peccados.

—Ficamos-lhe obrigados pela fineza, mas dispensamol-a.

—Dispensam ?

—Quando sahimos do forte, sahimos dispostos a tudo.

—Leve os homens, commandante da guarda, e mande-os enforcar todos cinco em lugar onde os possa-vêr do forte quem cá os-mandou.

—Viemos cá de motu-proprio, carrasco *mameluco* ; ninguem nos mandou.

—Leve-os.

—Sim, que nos-levem, e fica tu, condemnado, que tua vez ha-de-chegar.

O commandante da guarda e seus homens rodearam os prisioneiros e ausentaram-se com elles.

Luiz Pedroso entrou para a cabana.

A sortida

Por uma, por duas vezes já tinha-soado o gallocinio da floresta, o canto sonoro e melancholico do *urú*.

O nevoeiro, varrera-o essa aura fria e vivificante das antemanhãs tropicaes.

A espaços sentia-se derramado nos ares o perfume activo e mysterioso da matta virgem, somma indefnida de mil aromas, de mil fragrancias que transudam de cortices balsamicos, que exhalam-se de flores desconhecidas.

Gotta a gotta cahia o orvalho da folhagem...

Vinha chegando a madrugada.

Na praça de armas do forte Antonio Francisco e mais quinze companheiros, promptos á espera do signal, sofreavam o brio inquieto dos ginetes que impacientes escarvavam o solo...

De armas aperradas, com o olho em mira, estavam filas de atiradores no adarve da muralha que defrontava com a povoação.

O forte vivia: regorgitando de gente, desperto e todavia silencioso, preparava-se para responder pela bocca das espingardas, pelo fio das espadas á aggressão dos Paulistas.

Mas a collina tambem vigiava; e no seu topo esplanado avultava uma massa negra, de cujos flancos jorrava um clarão dubio: era a guarita de pedras que se-tinha-erguido presto, implacavel, e que,

como nuvem que esconde o sol, encobria a luz de uma fogueira.

E o tempo passava, e a natureza murmurava o hymno titanico da morte, como sem dar fé das paixões pequeninas que turbilhonavam em tantos peitos.

Repentinamente ergueu-se da guarita quer que era como serpente de fogo que, silvando, descreveu nos ares uma parabola, e foi cahir sobre o forte...

Sucedeu outro e outro arremesso, centenares: dir-se-ia uma chuva de meteoros.

Realisavam-se as apprehensões de Antonio Francisco, executavam-se planos de Luiz Pedroso: settas inflammadas levavam o incendio aos cercados.

Debalde os atiradores da cortina occidental, ahí postados para impedir tal commettimento, deram uma descarga cerrada: as balas foram apenas encravar-se nos troncos da *manta-de-guerra*, foram apenas lascar algumas pedras da guarita que por traz della se-levantára.

Os Paulistas abrigados atiravam por elevação, perfeitamente a salvo.

E surtia effeito a idéa: as settas envoltas em algodão alcatroado e acceso cahiam como saraiva em todo recinto do forte, feriam e queimavam homens, espantavam animaes, mettiam-se pelos tectos das choupanas...

E a chamma ateava-se nesses tectos de palha, lambia-os voraz, erguia-se aos ares dividida em mil linguas farpadas, rubras, crepitantes...

O sol despontou e, como para sandalo, despontava tambem o sol do incendio.

Ardiam a um tempo quasi todas as casas do forte: a guarnição atropellava-se desatinada, os cavallos corcoveavam de terror, procurando saculir os cavalheiros.

Brados, clamores, ululatos femineos, vagidos

infantís, nitridos de cavallos, tinnir de ferros, estrondear de detonações, rumorejar de chammas, tudo casava-se em assonancia horrenda, subindo ao céu e troando ao longe como grita descomposta.

Era a imagem viva do chaos, o reinado da confusão.

Sobrelevando ao estrupido medonho, ouviu-se uma voz sonora, metalica como um toque de clarim :

—Acolham-se as mulheres com as crianças ás casas da cortina occidental ! Conservem-se em seu posto os atiradores ! Saia a cavallaria e ataque a povoação ! Todos os outros aos baldes ! Apagar o incendio !

Era a voz de Ambrosio Caldeira.

Fez-se um tumulto indescritivel : abalroando-se, procuravam obedecer. Abriu-se o portão de par em par, e Antonio Francisco com seus cavalleiros precipitaram-se pela encosta.

A meio caminho da povoação entrepararam.

Erriçaram-se-lhes os cabellos, gelido suor banhoulhes as temporas, um como nó constringiu-lhes as gargantas, e um rugido estrangulado de indignação irrompeu-lhes dos peitos...

Sinistro, medouho, horroroso era com effeito o que se-lhes-antolhava.

Uma *gamelleira* vetusta erguia aos ares suas franças verde-luzentes, como que mergulhadas em um banho de ouro pelo sol que nascia : dos galhos robustos que se-espalmavam por largo espaço pendiam, embalados mollemente pelo sôpro da viração, os cadaveres dos cinco Portuguezes, horas antes tão cheios de vida no forte.

—Morramos e vinguemol-os ! bramiu Antonio Francisco, dando de esporas ao cavallo.

—Vinguemol-os, repetiu a turba com os dentes cerrados.

E todos, apertando com mais força os punhos das espadas, que levavam nuas, atiraram-se como um furacão.

Ao som cavo que tirava o bater quadrupedo das patas dos corredores respondeu som egual do lado do arraial.

Ao encontro dos Portuguezes vinha um basto esquadrão de cavallaria paulista: Luiz Pedroso e Francisco Bueno galopavam na frente.

O espaço que medeava entre um e outro grupo estreitava-se rapidamente... Sumiu-se.

Foi pavoroso o choque.

Levantou-se uma nuvem de pó, e mais de um guerreiro de Piratininga rolou no chão derruido pelo impeto irresistivel dos cavalleiros do forte, lançados morro abaixo; mais de uma cabeça voou cortada cerce por um revez que fazia lembrar os golpes tremendos do *espadeiro* de Béja.

O odio, o desejo de vingança convertera um pugillo de Portuguezes em uma legião de demonios.

Com as feições contrahidas, faiscando-lhes os olhos, sem proferir palavra atacavam, recuavam, feriam, matavam: era uma *tromba* humana.

Os Paulistas, cinco vezes superiores em numero, deram de recuar, de ceder terreno.

Por fim em sua quasi totalidade fugiram de ordenadamente e, apeando-se, abrigaram-se nas casas.

Debalde Luiz Pedroso, Francisco Bueno e poucos mais os-animavam com o exemplo, os-chamavam em altos brados, os-apodavam de «covardes»: não voltaram.

E o combate continuava encarniçado.

Do forte cahia sobre a povoação uma saraiva de balas: sem effeito, porém, que os atiradores portuguezes, receosos de offender os seus, desviavam a pontaria da arena em que ia acceso o pelejar.

Não assim os Paulistas: os fugidos do campo,

acolhendo-se ás casas, tinham-enfiado por buracos praticados nas paredes os canos das espingardas; e, assim que um cavalleiro inimigo desgarrava-se um pouco do travado da pugna, logo uma bala certeira prostrava-o inanimado.

Reduzidos a menos metade, os Portuguezes não esmoreciam: seu esforço parecia antes crescer com o desespero.

De subito souo do lado da povoação um correr de cavallo a redea solta.

Era um cavalleiro só, um menino que com as faces incendidas, com os olhos coruscantes, com os cabellos soltos ao vento, brandia uma espada e, soltando gritos estridentes, fazia voar o seu animal; era Vicentinho que se-vinha unir com o pae.

Os atiradores do forte viram-no, suas espingar-convergeram para elle, troou uma descarga.

A espada saltou da mão de Vicentinho, pendeu-lhe inerte o braço, e seu cavallo, dando um salto mais, estacou, dobrou os joelhos e afocinou arras-tando-o na queda.

Uma bala quebrára o punho ao menino Paulista e outra matára-lhe o cavallo.

Francisco Bueno, volvendo de relance os olhos, deu com o filho, conhecer-o, viu-o cahir.

—Vicentinho! murmurou, e desatinado, quasi louco, atirou-se para o logar do sinistro.

—Ai, menino dos meus peccados! Lá morreu elle! bradou meio engasgada uma voz de Stentor.

Era a de Ruy Gonçalo.

Abandonando tambem o combate, o herculeo sertanejo precipitou-se na trilha do amigo.

Sem cuidar dos perigos a que se-expunham, surdos aos zunidos das balas que viuham do forte crebras como granizo, os dous paulistas chegaram junto do menino, apearam-se, desembaraçaram-no do

cavallo que, tombando ferido de morte, prendera-lhe uma perna.

Vicentinho levantou-se pallido, mas com sorriso nos labios.

Agarral-o, soerguel-o como a uma penna, e disparar a correr para o arraial foi um acto só de Ruy Gonçalo, instinctivo, rapido como o relampago.

Francisco Bueno seguiu-o.

Chegados á primeira casa, entraram de roldão.

Ahi, ao abrigo já de todo o risco, depoz Ruy Gonçalo em terra o fardo precioso.

—Meu filho, gaguejou Francisco Bueno, attendando no punho quebrado do menino, eis o resultado da desobediencia... Não te-tinha-eu-dito que não sahisses a campo!

—Meu pae, para sahir a campo vim eu de Piratininga (1)!

.
Cessára o combate.

O terreno em vasto tracto estava revolvido como pela relha do arado; aqui e ali fumegavam poços de sangue; desangrados, pallidos, lugubres, de bruços uns, resupinos outros, jaziam muitos cada-veres.

Doze dos cavalleiros do forte ahi dormiam o ultimo somno, o somno tetico da morte.

Antonio Francisco e os tres companheiros que lhe-restavam, comprehendendo que era mais do que temeridade, mais do que loucura, que era crime o sacrificio inutil das vidas, tinham virado de redeas, tinham se-acolhido aos seus.

Do forte ascendiam lento espessas columnas de fumo.

O sol brilhava magestoso em um céu limpo de nuvens

(1) Historico.

Fulsêre ignes et conscius æther connubii

O incendio é um amante pavoroso : beija e devora, acaricia e consome.

O forte estava devastado.

A' excepção das choupanas abrigadas pela cortina occidental, todas as suas construcções tinham servido de pabulo ás chammas.

Paredes derruidas, torrões ennegrecidos, traves meio carbonizadas, montes de cinza, eis o que se via em todo o vasto recinto.

No centro da praça de armas avultava uma mole indiscriptivel, horrorosa, em que se-distinguiam braços, pernas, cabeças empastadas de sangue, doude exhalava-se um cheiro nauseabundo...

Era um acervo de cadaveres.

Os Paulistas, avançando protegidos por trincheiras volantes, feitas de *ligaes* juxtapostos, tinham-se-extendido em linhas de atiradores, tinham apertado o cerco.

Proximos das muralhas, vigilantes como caçadores em *ceva*, mal surdia uma cabeça, logo a-faziavam-tombar com um pelouro dirigido por pontaria infallivel.

Mais de trinta Portuguezes já tinham-pago com a vida a temeridade de relancear uma vista de olhos pela campanha.

Para responder ao fogo os do forte viam-se-obrigados a pôr as armas sobre os parapeitos, e a disparar ao acaso.

Mulheres e crianças espavoridas, com o idiotismo do medo pintado nas feições, agglomeravam-se em desordem dentro e junto da linha de choupanas que restavam intactas.

Sentado em um tronco ao pé do portão, tendo junto de si a filha cujas mãos apertava nas suas, Ambrosio Caldeira deixava errar o olhar distraído por sobre os destroços calcinados.

Todos os homens da guarnição, de armas em punho, agrupados, silenciosos, immoveis quasi, conservavam as vistas baixadas para o solo: dir-se-ia que chefes e soldados tinham medo de encararem-se...

A espaços rompia daqui e dalli um soluço abafado, seguido logo de mil outros...

Por mais de uma face crestada corriam lagrymas em fio...

Era uma scena dolorosa, tetrica, que cortava o coração: era o sombrio do desalento em toda a sua plenitude.

Nuncias de tanta miseria volitavam pelos ares moinhas sapecadas...

—Antonio Francisco? Onde está Antonio Francisco? perguntou Ambrosio Caldeira, levantando-se de subito,

—Eis-me aqui, respondeu o mancebo, sahindo de um grupo e avançando a passos lentos.

—Antonio Francisco, lembras-te do nosso pacto?

—Lembro-me.

—A respeito de Guiomar?

—A respeito de Guiomar.

—Então...

—O que prometti será cumprido.

—Minha filha não cahirá viva nas mãos dos Paulistas?

—Não.

—Em derradeiro extremo...

—Matal-a-ei.

—Bem ; ouve-me agora.

—Falla.

—Vou tentar o ultimo recurso, vou fazer ainda uma proposta aos inimigos.

—Que proposta ?

—A do sacrificio da vida de todos nós, homens válidos que estamos em armas neste forte, uma vez que sejam poupadas as mulheres e as crianças. Si a-acceitarem, morreremos ; si a-não-acceitarem sa-hiremos e morreremos ainda, mas em campo aberto, á sombra de nossas bandeiras, com as armas na mão, matando... Neste ultimo caso tu ficarás...

—Ficar, eu ?!

—Sim, e quando o primeiro Paulista transpuzer o limiar do portão...

—Cravarei o punhal no peito de Guiomar...

—Não.

—Não ?!

—Acolher-te-ás com ella á cabana em que está a nossa polvora. Ha lá dez barris.

—Prosegue.

—Fechar-te-ás por dentro...

—E depois ?

—Desafiarás os inimigos, insultal-os-ás. Elles ro-dearão a choupana para te-apanhar vivo. Então...

—Então ?

—Chegarás fogo á polvora e voarás com Guiomar, com as mulheres e filhos destes bravos, com os restos do forte e com os Paulistas.

—Adopto o plano, e garanto-te que será fria e pontualmente executado.

—Não é tudo, ouve mais : Guiomar é minha filha, e em circumstancias como estas, partindo para morrer, eu só a-poderei-deixar viva, si a-deixar em poder de seu marido.

—De seu marido ?!

—Ainda o-não-és, mas vaes sel-o.

—Que dizes, Ambrosio Caldeira ? Onde está o padre para unir-nos ?

—Está aqui : sou eu.

Antonio Francisco encarou o amigo com expressão indicivel de dó : julgava-o louco.

Ambrosio Caldeira foi por diante :

—Pensas que estou a tresvariar, e enganas-te. Quem com mais direito do que um pae póde presidir e abençoar a união de uma filha com o escolhido de seu coração ? A validade do casamento, desse contracto santo repousa sobre a inteireza de animo com que proferem os votos aquelles que se-ligam : o sentimento religioso de ambos é a sua sanção. Deus instituiu o matrimonio no paraiso, mas não o-sujeitou a cerimonia religiosa ; Moysés, o legislador inspirado tão minucioso até em cousas triviaes, não falla da presença do sacerdote como necessaria para legalisal-o ; o Salvador, na parabola sublime das bodas, nos-mostra um rei celebrando em pessoa o casamento de seu filho. Não vou de encontro aos estatutos da Egreja, mas, como não ha ministro, sel-o-ei eu proprio, na qualidade de pae.

Estou certo de teus sentimentos, Antonio Francisco, estou certo dos de minha filha; e em presença de todos estes leaes companheiros de infortunio vou dar-ta por esposa.

Guiomar estava pallida, mas calma.

Erecto, grave, solemne como um patriarcha, começou o chefe portuguez ;

—Antonio Francisco, declaras tu em presença de Deus que te-ouve, e de todas estas testemunhas que nada tens em tua vida passada que se-opponha á tua união com esta mulher ?

—Declaro, respondeu o moço.

—E ainda perante Deus e as mesmas testemunhas declaras que, sem constrangimento algum, de

livre vontade, a-recebes por unica e legitima esposa ?

—Declaro.

—Promettes ser para com ella amoroso e fiel em todas as circumstancias da vida, tanto em saude como em molestia, tanto em prosperidade como em miseria ?

—Prometto.

—E tu, Guiomar Caldeira Brant, perante Deus e estas testemunhas, declaras que sem constrangimento algum, de livre vontade acceitas a este homem por teu unico e legitimo esposo ?

—Sim, murmurou a moça enrubecendo.

—Promettes ser para com elle dedicada e fiel em todas as circumstancias da vida, tanto em saude como em molestia, tanto em prosperidade como em miseria ? Promettes mais honral-o e obedecer-lhe em tudo que fôr compativel com a Lei santa de Deus ?

—Prometto.

Ambrosio Caldeira tomou a dextra de Antonio Francisco e pôl-a sobre a ds filha.

Eu, na qualidade de pae, disse, proclamo-vos marido e mulher, ligados indissoluvelmente até a morte, de accordo com a Ordenação Divina. O que Deus ouviu não o-separe o homem.

Havia quer que era de magestoso e lugubre nessa união celebrada a céu aberto, em uma praça sitiada, em um forte assolado pelo incendio, em frente a um montão de cadaveres...

Parecia que a vida osculava a morte, que o thalamo sorria-se á sepultura ..

—Senhor Martim de Carvalho ! gritou Antonio Caldeira.

—Prompto, senhor commandante, accudiu um homem já edoso.

—Vá á cabana do angulo da muralha, e lá en-

contrará papel, penna e tinta. Lavre a acta deste casamento; e, quando estiver prompta, chame-nos para assignal-a.

O homem fez um signal de aquiescencia e affastou-se.

Como saudando o connubio, ouviu-se uma descarga.

Uma sentinella que se-mostrára das muralhas cahiu ferida de morte.

Dos lados da povoação soou um toqua de corneta; depois pouco e pouco foi-se-erguendo um murmurio que converteu-se em confusa vozeria.

Mene incepto desistere victum ?

Cessára o combate, mas apertára-se o cerco.

O forte estava constringido por um circulo vivo que estreitava-se cada vez mais, dizimando-lhe a guarnição com pontarias certeiras.

Luiz Pedroso multiplicava-se : tendo dirigido em pessoa os trabalhos de aproximação, voltára para o arraial, e, depois de se-ter assegurado de que nada faltava aos feridos, mandára enterrar os cadaveres.

Sentimentos tradicionaes de respeito para com os marcados na fronte pelo dedo frio da morte tinham-obviado a distincções : Portuguezes e Paulistas jaziam na mesma valla : juntos tinham-cabido, e juntos dormiam esse somno que dura até hoje, e que só ha-de-ser-interrompido pela trombeta final.

Sem procurar descanso depois de tão cru a lida, o caudilho paulista ia e vinha agitado pela sala da casa que occupava.

Seus sobrolhos franzidos, seus labios crispados, tudo indicava que era elle torturado por pensamentos acerbos.

De subito estacou.

A' porta achava-se um homem coberto de suor e poeira.

—Então ?

—Estou de volta.

—Amador Bueno ?

—Leu a sua carta...

—E que disse ?

—Encolheu sómente os hombros.

—Ah ! E não escreveu ?

—Escreveu.

—Que é da carta ?

—Está aqui no bolso da japona.

—Dê-m'a, dê-m'a.

O homem apresentou-lhe uma missiva lacrada cujo sello elle quebrou com as mãos tremulas.

Abrin, leu-a rapidamente e, amarrotando-a raivoso, exclamou :

—Traidor ! Miseravel Amador Bueno ! Mas não importa, estou en aqui, e basta.

Depois dirigindo-se ao homem :

—Vá, ordenou-lhe, diga ao corneta que toque a reunir no largo do arraial.

O homem ausentou-se, e logo ouviu-se o som do instrumento bellico a estrepitar pressuroso.

Os Paulistas acudiram á chamada e dentro em pouco o largo, o claro maior da povoação coalhou-se de gente armada.

Appareceu Luiz Pedroso.

Estava pallido, e a ruga funda das resoluções inflexiveis sulcava-lhe a fronte.

—Paulistas, disse, convoquei-vos para que decidais uma questão de vida ou de morte.

Feridos no que tinham de mais sagrado, na honra, na honra de Paulistas, levantamo-nos como um só homem, atiramo-nos ao deserto, á matta virgem, á montanha, ao rio ; e o deserto, e a matta virgem, e a montanha e o rio abriram-se, abaixaram, arredaram para dar passagem ao nosso desforço...

Chegámos, e já começou a desaffronta sangrentas, temerosa como devem, como soem ser desaffronta de Paulistas...

Alli, naquelle forte, dentro daquellas muralhas, encurralados como bestas feras, raivando impotentes, torcendo-se em desespero, estão os que nos-

lançaram a vilita, os que conculcaram nosso direito, os que assassinaram nossos irmãos...

Um esforço mais, e seria vingado o morticínio do Capão ! Um esforço mais, e aquelle baluarte, derruindo-se, sepultaria em ruínas fumegantes quem se-atreveu a provocar-nos ! Um esforço, um só esforço mais, e a historia registraria com assombro quanto custava no seculo XVIII uma offensa a Piratininga !

Não quero occultar-vol-o, e porque o-faria eu ? Estamos baldos de recursos, nossas munições estão quasi exhaustos.

A victoria de hoje foi cara : pagamol-a com as vidas de muitos bravos...

Mandei pedir soccorros a Amader Bueno...

Paulista degenerado, covarde que do alto de uma atalaia vê impassivel combaterem seus irmãos, Judas que atraiçôa na hora suprema, que havia-elle-de-responder ?

Ouvi, ouvi vós mesmos. Eis a sua carta.

E o candilho paulista, com a voz intercortada por colera surda e crescente leu, tartamudeando :

« Senhor Luiz Pedroso.

« A vossa-mercê e a sua gente envio muito sauda-
« dar.

« Tenho daqui observado e admirado suas proe-
« zas, e sinto realmente não poder felicital-o.

« Não vou soccorrel-o com os meus, porque a sua
« causa deixou de ser a nossa ; porque a empreza a
« cuja testa se-acha, nós a-condemnamos.

« Tambem não lhe-po-iso-mandar munições : con-
« to por-me em marcha no sabbado, e o que ha de
« polvora e balas é-me indispensavel para atraves-
« sar o sertão.

« Cumpre-me ora declarar-lhe que resolvi a não

« tomar por fôrma alguma parte na luta, nem mesmo no caso de ser vossa-mercê atacado por forças superiores.

« Julgo todavia de meu dever prevenil-o de que sahiu de Ouro Preto e para aqui se-dirige um corpo de mil e trezentos Portuguezes.

« Aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos de minha alta consideração.

« AMADOR BUENO DA VEIGA. »

Profundo silencio acolheu a leitura da carta.

Visivel era o desanimo dos companheiros de Luiz Pedroso.

Entreolhavam-se, trocavam em voz baixa phrases truncadas...

— Senhor Luiz Pedroso, disse um por fim, não sabemos que alvitre tomar; mas, uma vez que nossas munições se-acham quasi exaustas, que não podemos mais contar com o sr. Amador Bueno, e que o inimigo marcha sobre nós, talvez fosse mais prudente levantar o cerco...

Um murmurio approvador percorreu a multidão.

Luiz Pedroso deixou cahir a carta, e escondeu nas mãos a fronte esbrazeada.

Lagrymas de indignação borbulhavam-lhe dos olhos chispeantes.

— Mais prudente levantar o cerco! disse em tom de fundo amargor, pendendo os braços.

E é um Paulista quem o-diz, e são Paulistas os que o-soffrem!

José Pardo, Julio Cesar, Jeronymo Pedroso, Lourenço Vaz, Francisco de Almeida, Manuel Velloso, Antonio Monteiro, ficareis inultos, que os Paulistas já não são Paulistas!

Os Paulistas de hoje fogem do inimigo...

Mas que estou eu dizendo? Ninguem fallou em

levantar o cerco, ninguem o-poderia-ter-feito, que não seria soffrido...

Ouvi mal, estou talvez louco...

Como mesmo fallar em levantar o cerco? Porque? Porque nos-abandona Amador Bueno? Nós sabemos vencer sem Amador Bueno, e a prova, eil-a no estado miseravel a que se-acha reduzida a guarnição daquelle forte...

Marcha sobre nós o inimigo?... Pois si foi para encontral-o que viemos de Piratininga!

Quem fallaria em levantar o cerco, estando os *Emboabas* prostrados e quasi rendidos?

Interpretei mal as vossas palavras, não comprehendí o que dissestes... Definitivamente eu estou louco.

Hoje ou amanhã tem o forte de capitular.

Amador Bueno não está comnosco: maior será a nossa gloria.

Um exforço, já vos-disse; um exforço mais, repetido, e colheremos a palma do triumpho.

Soubemos bloquear o inimigo, soubemos combatel-o quando válido, e não saberíamos vencel-o ora que está desangrado pela lucta, quando já pe-leja por nossa parte a experiencia do passado?

Oh! mas eu não estou louco... Houve quem suggerisse a idéa de levantar o cerco, e houve quem a-approvasse...

Esqueceria a esse malaventurado que tal idéa é uma vileza, que é uma covardia, que é uma infamia?

Levantae, levantae o cerco vós outros muito embora!

Ide, os caminhos estão abertos: ide depressa, que vos-não-alcancem os *Emboabas* ..

Ide, chegae a Piratininga e, quando virdes nas ruas, esmolando o pão da caridade, os velhos paes, as viúvas desconsoladas, os filhinhos orphams das

victimas do Capão, dizei-lhes que obraram mal em esperar de vós a sua vingança... Dizei-lhes que fugistes, que tivestes medo, que faltou-vos coragem para cumprir a missão sancta de que vos-tinheis-encarregado .. Mas contaê-lhes tambem que houve um Paulista que ficou, que ficou sósinho, que preferiu morrer como valente junto ao Rio-das-Mortes a apresentar-s em S. Paulo com o labéo de fugitivo... Contaê-lhes que esse Paulista se-chamava Luiz Pedroso...

—Ao forte! Ao forte com escadas! Levemol-o de assalto! urrou a turba enfurecida.

—Bravo, meus Paulistas! Assim é que vos-que-ro-ver! Ao forte, ao forte! Dizeis bem; levemol-o de assalto!

E Luiz Pedroso desembainhando a espada, poz-se á testa do bando que em grita pavorosa encaminhou-se para o forte.

Investida e parlamentação

Ambrosio Caldeira prestou ouvidos á vozzeria que se-levantára dos lados da povoação.

Ella crescia, acercava-se, restrugiu, dominava tudo: misturava-se-lhe um salvar nutrido de mosquetaria, que estrondeava crebro como um taquaral incendiado: rufos de caixas e toques de clarins mais ainda augmentavam o espanto.

As quebradas e valles retumbavam com pavoroso fragor.

—A's armas! bradou uma sentinella, que, protegida pelo páu da bandeira, investigava a campanha. A's armas! O inimigo aproxima-se! Vem com escadas, vem assaltar o forte.

Ambrosio Caldeira, desembainhando a espada, subiu para os adarves.

—A postos, Portuguezes! Saibamos morrer! gritou elle de cima. Antonio Francisco, chegou de certo o momento, leva tua mulher: tu sabes o teu lugar!

Em um abrir e fechar de olhos coroaram-se de homens os parapeitos, e um fogo vivissimo respondeu ao ataque dos Paulistas.

Envolto em bulções de fumo, vomitando chamas, o forte do Rio-das-Mortes assemelhava-se nessa hora a uma nuvem negra, prenhe de procella, em cujos flancos scintilla continuo o raio.

Guerreiros paulistas e portuguezes tombavam

pela ladeira, cahiam das muralhas, feridos pela sa-raiva de balas.

O ataque vigorosamente sustentado era tambem vigorosamente repellido.

Em poucos minutos a gente da povoação, os atiradores dos postos, todos os sitiantes acharam-se ao pé das muralhas, revolvendo-se, mechendo-se, agitando-se...

Era um formigueiro humano.

Nos cancellos robustos do portão, afundando-se surdos na madeira, tinindo nas ferragens, amiudavam-se golpes de machado.

Doas escadas compridas tinham sido arrimadas aos parapeitos, e curvavam-se gementes ao pezo dos que, agarrando-se aos degraus e içando-se pelos escambos, procuravam subir...

Dir-se-hiam, atonetadas de gente, cachos gigantescos de fructas animadas.

Essa ascenção arriscada era lenta, mas progressiva : as cabeças dos mais adiantados estavam já quasi ao nivel dos parapeitos...

Os Portuguezes alçaram as espingardas para recebêl-os a coronhaços.

Tomados de anciedade indicivel sitiantes e sitiados continham a respiração.

Era solemne o momento : o fogo cessára ; á arma branca, corpo a corpo, arca por arca ia decidir-se o destino do forte...

De subito uma idéa terrivel illuminou como um relampago o cerebro de Ambrosio Caldeira.

—Acudam ao portão ! gritou elle e, traçando nos dentes o ferro que brandia, pulou sobre o parapeito, agarrou a escada pelos escambos, ergueu-a, librou-a por um instante e, com impulso titanico, fêl-a tombar desamparada.

Um grito atroz de dôr levantou-se daquella mole

de homens contundidos, quebrados, esmagados pela quêda.

Os da outra escada, apavorados, largaram-se e ruíram por terra como os fructos de uma pinha madura ferida por pedrada certaíra.

Ambrosio Caldeira desceu de um salto.

Uma só espingarda não se tinha levantado contra elle : os Paulistas permaneciam assombrados do feito.

Houve minutos de silencio interrompido apenas pelo gemer dos moribundos...

Soou alfim do alto das muralhas um toque de corneta : de baixo, da parte de fóra ouviu-se um toque de clarim.

Era uma pergunta e uma replica, uma proposta e um assenso : a corneta abria a parlamentação, o clarim accitava-a.

Ao cubello occidental assomou um homem, sacudindo um lenço branco.

—Paulistas que nos-atacaís, quereís ouvir-nos ? perguntou.

—A' pergunta de tua corneta já respondeu nosso clarim ; queremos, volveu Luiz Pedroso, acercando-se.

O homem do cubello continnou :

—O commandante do forte está aqui junto de mim : elle dicta-me o que vos-digo e ouve as vossas respostas. Queremos capitular.

—Ainda bem.

—Mas antes cumpre ouçais o que temos a dizer-vos.

—Estamos ouvindo.

—Já vos-não-assiste o direito : a guerra que nos-moveis deixou de ser justa.

Offendidos, tomastes armas, viestes a desforçar-vos : fizestes bem.

Recusando entrar em negociações, repellindo to-

das as propostas, querendo á fina força o exterminio de todos nós, obrais mal.

Deus vos-observa e condemna, o mundo vos-observa e condemna, vossos proprios patricios vos-observam e condemnam.

Lá está naquelle morro fronteiro vosso legitimo commandante que, com a gente que o-segne, não quer tomar parte nos horrores que meditais.

Vós que nos-onví; vos-apoderastes da nossa povoação, talastes as nossas searas, queimastes as miseraveis choupanas que aqui nos-abrigavam, matastes nossos irmãos, e nos-ten-les-encurralados entre estas quatro maralhas, como a uma vara de porcos montezes.

Nós queremos sahir.

Para que o-consintais, nós vos-entregaremos o forte, vos-cederemos todos os direitos de posse que temos ás minas destes sertões, e nos-compromette-mos desde já a fazer com que seja cumprido a risca o tratado que assignarmos.

Si acceitais, acaba-se a guerra.

Si vos-obstinais, ella continúa.

Nós ainda temos viveres e muitas munições, temos de sobresalente dez barris de polvora, e temos coragem bastante para fazer voar o forte, envolvendo-vos na nossa ruina.

Agora escolhei.

—Recusamos, respondeu de baixo Luiz Pedroso. Já tivemos proposta melhor.

Ambrosio Caldeira Brant já nos-offereceu pela vossa a sua vida, e nós não a-acceitámos.

—Bem, elle que aqui está, como já vos-disse, junto de mim a-offerece ainda.

—E nós ainda recusamos.

—Que quereis, pois, de nós?

—Que vos-rendais á discrição.

—E uma vez rendidos?

—Só a nós competirá decidir do vosso destino.

—Tal rendição seria uma loucura.

—Não vos-rendais.

—Uma ultima proposta.

—Estamos ouvindo.

—Assegurar-nos-eis por documento escripto e juramentado que serão poupadas as mulheres e as crianças?

—Nada asseguraremos.

—Nem a vida das mulheres e das crianças?

—Nada.

—Então ataca de novo.

—Ainda não: é tempo de nos-ouvirdes vós por vosso turno.

—Fallae.

—De dizer a obrar vae muito: quando chegar a hora de fazer voar o forte, faltar-vos-a a coragem. Não haveis de querer ser em pessoa os algozes de vossas esposas e de vossos filhinhos.

E' cousa assentada: ou render-vos-eis á discreção, ou levar-vos-emos de assalto.

Paulistas são sempre francos: em um e em outro caso não deveis contar com indulgencia de nossa parte. Não podemos ser indulgentes.

Agora uma ultima palavra: nós vos-concedemos dois dias inteiros de treguas, não para que reflitais, mas porque precisamos de descanso.

E' hoje terça-feira: si sexta pela manhã vos-não-tiverdes-rendido, atacaremos.

E havemos de tomar o forte: nossa honra o-requer, nosso brio o-exige, nosso dever o-impõe.

E' tudo.—

O caudilho paulista mandou tocar a retirar. As forças sitiadas, levando consigo mortos e feridos, desceram a ladeira e acolheram-se á povoação.

No ceo azul e puro começavam a brilhar as primeiras estrellas do anoitecer.

Ainda combatem

Cheias de cuidados, angustiosas, lentas, contadas uma a uma se-tinham-escoado as horas dos dous dias concedidos, ou antes reclamados por Luiz Pedroso.

Portuguezes e Paulistas contorcidos, torturados, uns pelo requeimar de odio implacavel, outros pelo phrenesi do desespero, miravam-se como si se-quissem entredevorar, e computavam os minutos.

Ao expirar do praso, ao amanhecer de sexta-feira a viração agitou por sobre o forte uma cousa que parecia a aza nivea de uma garça, e que era uma bandeira branca.

Luiz Pedroso estava demudado no aspecto: a febre da impaciencia queimava-lhe o sangue; seus olhos afogueados por vigilia continua tinham um brilho sinistro.

Sem tomar alimento, sem buscar repouso, descerrando os labios sómente para dar algumas ordens em tom imperioso e incisivo, passára elle os dous dias e as tres noutes a espreitar o forte, como o gato faminto junto á lura do murganho.

Uma cousa assombrava-o, era que os Portuguezes não tivessem irrompido em nova sortida.

De facto nada os-obrigava a respeitar um armisticio que não tinham-pedido, que lhes-não-aproveitava e, após o qual, se-achariam nas mesmas ou ainda em peiores circumstancias.

Ao attentar no signal de paz, na bandeira de

rendição que elevou-se alvejante ao romper da madrugada, o caudilho paulista exultou: seus dentes bateram em um calafrio de júbilo, e espalhou-se-lhe pelas feições uma expressão horrível de triumpho.

Sentia elle o que deveria ter sentido Satan ao fraquear, ao cahir a mãe do genero humano.

—Entregam-se, entregam-se os *Emboabas*! exclamou. Oh! o morticínio do Capão vae ter o seu contrapeso na historia, vão ser vingadas as victimas! Amador Bueno, paulista vilissimo, ahi da tua atalaia tu vais ver que Piratininga não ha mister dos teus exforços, que para desaffrontal-a basta Luiz Pedroso... Ruy Gonçalo!

—Prompto!

—Escolhe um companheiro e apresenta-te. Ireis ambos ao forte.

—Aqui está comigo Manuel Landim que irá de certo contente.

—Tem seus conformes, observou o bodegueiro, fazendo uma careta. Que vamos lá fazer?

—Os *Emboabas* rendem-se, que já arvoraram bandeira branca. Direis a Ambrosio Caldeira que ao despontar do sol deverá elle começar a fazer sahir a sua gente: as mulheres e crianças primeiro, os homens depois.

—E virão aqui para o arraial?

—Os Paulistas irão lá recebê-los junto do portão.

—E qual será o destino de toda essa gente?

—Isso será decidido mais tarde.

—Si elles perguntarem...

—Respondereis que essa questão é comigo.

—Bem, vamos, Manuel Landim.

—Vamos, vamos, mas tenho cá minha scisma de que, apezar da bandeira branca, desceremos o morro mais depressa do que o-imos-subir, si descermos.

Minutos depois estavam os dous paulistas ao alcance de falla com os cercados.

—O' do forte? bradou Ruy Gonçalo.

—Quem vem lá?

—Emissarios paulistas.

—Que querem?

—Fallar ao commandante.

—Quantos são?

—Dous.

—Esperem.

Após curto espaço abriu-se o portão, e a sentinella gritou:

—Podem chegar ao portão os emissarios paulistas: consente o commandante em recebê-los no forte.

—Esta agora é que não está má, disse Manuel Landim a Ruy Gonçalo. Pois vamos nos-metter naquella vespeira?

—E então?

—E então já não era pouco darmos daqui mesmo o nosso recado.

—Mas si o commandante do forte consente em receber-nos...

—Podera não consentir! tenho cá um receio...

—Receio de que? de não poder entrar?

—Qual entrar? Entrar não me-dá cuidado: tenho receio de não poder sair.

—Pois avia-te, não vão os *Emboubas* suppôr que estamos a hesitar, cheios de medo..

—E não suppunham nenhuma asneira... Ora, pelo que rezam os autos, tenho por força de ser herói, cousa que nunca ambicionei, para que não não tenho geito... Quem me-mandou sair de Piratininga!

—Deixa-te de lamurias! Vamos!

—Vamos...

E os dous paulistas chegaram ao portão, e foram

recebidos pela guarda que sem formalidades os-introduziu no forte.

A guarnição estava desperta e como que apercebida para qualquer commettimento.

Formada, com clarins á frente, estanceava na praça de armas uma escolta fortissima, commandada por Ambrosio Caldeira em pessoa.

Ruy Gonçalo relanceou os olhos pelos destroços ennegrecidos das casas, indistinctamente allumiados pelo albor tenue da arraiada.

—Que carvoeira! murmurou elle. E cheira a carne assada que tresanda! Querem vêr que queimaram os mortos? Pobre gente!

Acertada era a conjectura do sertanejo: tinham cahido alguns homens com febre, e Antonio Francisco, para desempear o forte, mandára proceder á cremação dos cadaveres.

Manuel Landim, esse dava-se a perros. O facto de estar a guarnição em armas augmentára-lhe os sustos: tiritando, olhando a socapa para uma e outra parte, enfeixava elle mentalmente jaculatorias de todo o genero a todos os nomes que lhe-lembravam do agiologio romano, ao passo que votava cordialmente aos quintos infernos Ruy Gonçalo e Luiz Pedroso, Portuguezes e Paulistas, affrontas e desaffrontas, tudo emfim que elle considerava causa e occasião de se-ver a sua estimavel pessoa mettida em semelhantes andanças.

Ambrosio Caldeira adiantou-se.

—São os senhores os emissarios que se-fizeram annunciar? interrogou elle.

—Sim, senhor, confirmou Ruy Gonçalo.

—A que vêm?

—Vimos, mandados pelo sr. Luiz Pedroso, intimal-o para que ao despontar do sol faça evacuar o forte.

—Sim?

—Deverão sahir primeiro as mulheres e as crianças ; depois os homens...

—Desarmados ?

—Provavelmente, uma vez que se rendem...

—E quem foi imbuir nos cascos ao sr. Luiz Pedroso que nós nos-rendemos ?

—Pois a bandeira branca...

—Ah ! a bandeira !...

E o chefe portuguez soltou uma gargalhada intercadente, sarcastica, atroz...

Manoel Landim teve um deslumbramento : sua fronte inundou-se de suor, seus joelhos entrechocaram-se... Por entrescintillações extranhas, como em um kaleidoscopio gigante, viu elle simultaneamente S. Paulo de Piratininga, os *pousos* do sertão, o arraial do Rio-das-Mortes... Sentiu no pescoço uma sensação analoga á que produziria o apertar de uma corda de linho...

—Senhores emissarios, disse Ambrosio Caldeira em tom pausado e grave, é branca na verdade aquella bandeira, mas tem no centro as quinas lusitanas... Aquella bandeira só se-arriará quando, mortos todos nós, cortar-lhe a corda o ferro inimigo... Não tarda o sol a despontar, não tarda a expirar o prazo : vou, como deseja o sr. Luiz Pedroso, mandar sahir a minha gente ; porém não irão primeiro mulheres e crianças, irão os meus mais resolutos soldados, irei eu mesmo... Que vêm os senhores emissarios neste recinto devastado ? Destroços, ruinas, cinzas... E' contristador, não ? Pois ainda não é tudo. Eu disse na terça-feira que tinhamos viveres : hoje já nos-vão elles escasseando, e dentro em pouco estaremos a braços com a fome. Com a peste já o-estamos : naquella choupana que vêm acolá cinco dos nossos agonisam prostrados pela febre podre... E nós não nos-rendemos : cahiremos todos um a um, e o ultimo que ficar fará

voar o forte... Podem ir, senhores. Vão dizer ao seu chefe que os *Emboabas* não se rendem, que ao despontar do sol elles lá estarão, porém de armas em punho para morrer e para matar... Partam, senhores, partam, que eu só espero que cheguem ao arraial, para sahir com estes valentes em arrancada de vida ou de morte...

—Senhor, podemos mesmo partir? perguntou Ruy Gonçalo. Não nos-retem?

—Retêl-os?

—Sim, como refens.

—Os senhores livres aqui entraram, e livres hão-de-sahir: Ambrosio Caldeira Brant é leal, e leal conta morrer.

—Senhor, vê em mim um inimigo.

—Bem o-sei.

—Muitos dos seus cahiram nestes dias ás balas certeiras de minha espingarda.

—Estamos em guerra.

—Trabalhei muito por concitar ás armas a gente que hoje o-cerca.

—Não me-compete a mim julgal-o.

—Eu sou o unico paulista que assistiu a matança do Capão, e que della poude escapar.

Ambrosio Caldeira fitou com pasmo seu interlocutor.

—Pareça, senhor, disse elle, haver de sua parte proposito tenaz de despertar em mim sentimentos de odio contra a sua pessoa. Não sei, nem quero saber de suas intenções. Violencias contra parlamentarios, nunca as-farei. É mesmo, quando não estivesse-eu-resolvido a respeitar a todo o transe os direitos de guerra, esta ultima circumstancia que relatou tornal-o-ia a meus olhos inviolavel e sagrado. Já o-disse, o senhor e seu companheiro hão de sahir do forte sãos e salvos.

Manoel Laudim, que tinha estado a deitar para

Ruy Gonçalo olhares de basilisco, respirou ruidosamente, como si se-lhe-tivessem-tirado de sobre o peito um peso de cem arrobas.

—Permitte agora uma observação? perguntou Ruy Gonçalo.

—Certamente.

—Não sei, não posso conciliar o seu modo de proceder com o de que usaram seus patricios no Capão.

—Entre estes homens que vê e a gente que seguia a Bento do Amaral Coutinho só ha de common a nacionalidade. Todos nós reprovamos esse acto infame que, embora praticado por um Brasileiro, deslustrou para sempre o nome portuguez.

—Bem, senhor, julga que me-apavorei, vendome entre suas mãos, a mercê do que lhe-aprouvesse decidir sobre minha vida?

—Por fórma nenhuma: julgo-o homem franco e destemido de animo.

—Sou-o realmente. Agora posso dizer-lho: eu que o-combatia á face do sol, que o-teria morto, si tivesse podido, era quem lhe-aconselhava a resistencia...

—Então a carta que recebi...

—Escrevi-a eu, e outras teria escripto, si o-visse fraquear.

—Com que fim, senhor?

—Mencionei-o na carta. Queria principalmente poupar aos meus a vergonha que ora sentem os Portuguezes pelo morticínio do Capão. Sei que Luiz Pedroso é implacavel; que, generoso por indole, é mais do que uma fera, é um energumeno quando estimulado pela vingança. Si o forte se-rendesse seria toda a guarnição passada a fio de espada. E nem só a guarnição: velhos, mulheres e meninos, todos seriam immolados...

—Ha muito que o-sei; é horrivel!

—Horriavel, sim... Mas resisti ainda por um pouco, e o cerco será infallivelmente levantado. Mil e trezentos homens marcham em vosso soccorro...

—Que diz, senhor?

—A verdade, e adeus, sr. Ambrosio Caldeira, eu vou-me. Póde contar com um inimigo menos: Ruy Gonçalo não mais levantará sua espingarda contra o forte do Rio-das-Mortes.

—Nem eu, acudiu comicamente Manuel Landim, pela minha honra o juro!

Ambrosio Caldeira parecia sentir quer que era que não ousava manifestar: dava-se e visivelmente uma luta em seu animo.

Ruy Gonçalo tambem hesitava...

De subito, como movidos por impulso commum, atiraram-se aos braços um do outro...

Portuguez e Paulista tinham-desapparecido: havia apertados em fraternal amplexo dous homens de sentimentos nobres, dous varões de grande coração.

.
Despontou o sol e o portão abriu-se,

Commandados por Ambrosio Caldeira sahiram cem homens armados de espadas e pistolas.

Ordenando-se em um só pelotão, começaram a descer a ladeira a passo acelerado, ao som de dous clarins que estrepitavam-lhes na frente.

As primeiras casas do arraial estavam atopetadas de Paulistas: pelas paredes de adrede esburacadas surgiam centenares de canos de espingardas.

Irregularmente dispostas, essas casas formavam umas com outras linhas que se-cortavam em angulos reintrantes, disposição terrivel que permittia fazer converger os fogos de todos os lados.

Os Portuguezes sabiam-no, e avançavam sem afrouxar a marcha.

Chegaram a alcance de tiro.

—Viva S. Paulo de Piratininga! trovejou uma voz conhecida, a voz terrível de Luiz Pedroso.

As paredes das casas cobriram-se de relampagos, e o chão tremeu a um estampido medonho, acompanhado pelo silvar sinistro de uma *avalancha* de balas.

—Viva o forte do Rio-das Mortes! responderam os Portuguezes, disparando as pistolas,

O ar toldou-se de fumo a que se-misturavam bulções de pó, levantados do solo pelo escabujar estertoroso dos que cahiam feridos.

Era uma cousa pavorosa, atroz, sem nome...

Os Portuguezes atiravam-se contra uma casa, eram recebidos por uma descarga mortifera; retrocediam e, desatinados, ruíam contra outra, novo chuveiro de balas os-dizimava.

Os cadaveres amontoavam-se, e pelos regueiros de enxurro corria um riacho de sangue.

As detonações succediam-se rapidas: tiro respondia a tiro, bala replicava a bala, a pistola altercava com a espingarda. Dir-se-ia a disputa incisiva e violenta de duas regateiras enfurecidas.

Em breve, porém, o fogo dos Portuguezes esmoreceu, cessou. Suas cartuxeias estavam exaustas.

Atacar a espada casas defendidas por inimigos cinco vezes superiores em numero, providos de largas munições para as armas de fogo, era mais do que temeridade, era estulticia.

Ambrosio Caldeira comprehendeu-o e bradou:

—Retirar, camaradas! Não ha lutar com o impossivel.

—Cessar o fogo, Paulistas! ordenou como um echo Luiz Pedroso. Nada de precipitações! O forte ha-de-render-se. Não estraguemos a vingança, não matemos mais á bala quem deve morrer pela corda!

Em boa ordem, sem que fossem perseguidos, effectuaram os Portuguezes a sua retirada.

Cerca de cincoenta mortos ficaram no campo.

Emfim...

Terrível é a lucta de dous adversarios que não cedem.

A vingança que não perdoa luctava com desespero que não recúa.

O implacavel arcava com o inquebrantavel.

E todavia estava a chegar o momento do desenlace: a victoria tinha de decidir-se.

A guarnição do forte, dizimada, alquebrada, abatida, já mal se-podia-suster.

Faltavam balas.

Grassava o typho.

A fome apresentara-se como um epilogo sinistro a esse drama de sangue. Apesar de todas as cautelas o incendio devorára a mór parte dos viveres: o resto exaurira-se.

O dia tinha-passado: a noute já caminhava em meio, brusca, ameaçadora.

Ambrosio Caldeira ia e vinha pela praça de armas.

O que se-passava no abysmo de seu cogitar era o horror indscriptivel.

Não tinha ideias, tinha deslumbramentos.

Discos pallidos de fogo arredondavam-se-lhe diante dos olhos, protrahiam-se, alargavam-se, cambiavam de cores.

Apertava as palpebras para não vê-los, e elles mais se-accentuavam...

Retumbava-lhe nos ouvidos um concerto estranho de gargalhadas dolorosas, de gemidos sarcásticos.

O cerebro chocalhava-lhe no craneo como um badalo em um sino.

Faltava-lhe ar.

Com as mãos crispadas excoriava, escalavrava a fronte.

De subito parou, cruzou os braços, ergueu o busto e bradou :

—Reunam-se todos aqui, todos, homens e mulheres, velhos e meninos.

No tom de sua voz havia quer que era do dobrar lugubre de agonia.

Obedeceram-lhe.

Em um momento a espaçosa área coalhou-se de sombras negras que, agglomerando-se, formaram uma massa compacta e indistincta.

Dessa massa partiam vagidos, soluços, prantos.

Ouvia-se, mas não se-via : era como si a propria escuridão se-lamentasse.

Ambrosio Caldeira quiz fallar, e travou-se-lhe a voz estrangulada pelo pungir da angustia.

Alfim, dominando-se por violento esforço, começou :

—Portuguezes, luctámos muito, luctámos mais do que luctam homens, luctámos como bestas feras...

Si houvera salvação tel-a-íamos-conseguido.

Em frente do impossivel baixa-se a cabeça, cahe-se...

Nós estamos em frente do impossivel.

Morreram muitos dos nossos; muitos agonizam feridos pelo chumbo, prostrados pela doença; vós que me-escutais mal vos-tendes de pé: os viveres acabaram-se esta ultima tarde; já não temos balas.

Ouvi fallar de um soccorro que diziam vir-nos de Ouro-Preto.

Não creio. Daqui a Ouro-Preto só ha vinte-e-quatro leguas : si tivessem-partido já teriam-chegado.

Não ha mesmo esperança : tudo é negro, fechado está tudo.

Que fazer?

Entregar-nos?

Mas entregar-nos seria a morte, a morte com infamia, a morte ás mãos do carrasco.

Luiz Pedroso é um carrasco.

Elle quer sangue : sangue de velhos, sangue de mulheres, sangue de criancinhas.

Não podemos entregar-nos.

Mas podemos morrer.

Sim, podemos morrer como morreram ainda hoje nossos irmãos, de armas em punho, procurando matar.

Eis o que proponho :

Ao amanhecer sahiremos todos, todos a excepção de um só, e atacaremos o arraial.

Far-nos-emos matar do primeiro até o ultimo, e mataremos tambem.

Nem um só de nós voltará ao forte.

Exceptuei um homem, Antonio Francisco.

Esse ficará aqui como guarda da honra de vossas mulheres, da virgindade de vossas filhas.

Quando os Paulistas, depois de terem-passado por sobre nossos cadaveres, transpuzerem aquelle portão, elle chegará fogo á polvora...

O forte saltará e com elle, pura e immaculada, saltará para a posteridade a nossa fama.

Para o que ainda se-pode-salvar é a unica salvação que se-nos-antolha.

O portão será fechado por fóra: levaremos a chave.

Uma mulher fraca poderia desatinada preferir a morte com deshonna á morte com heroismo. Assim não.

Morramos, morram comnosco nossas mulheres e nossos filhos, e viva nosso nome.

E' horrivel o meio, confesso-o. Mas não ha outro.

E para vós já não é novo, já mo-ouvistes ha dias, já o-tendes-examinado no vosso foro intimo, já o-revirastes em todos os sentidos, como quem revira o instrumento de que se-vae servir...

Chegou o momento.

Acceitais?

—Acceitamos, respondeu cava, sombria, como uma voz só, uma assonancia de vozes que parecia murmurio sahido das entranhas da terra, e que era assenzo de homens curvados pelo destino.

—Despedi-vos de vossas mulheres, de vossos filhinhos... balbuciou o chefe portuguez.

Seguiu-se uma cousa indescriptivel, um remoinhar de sombras na sombra que só acharia simile no revolver desordenado dos elementos cosmicos antes da creação.

Ouvia-se estuarem peitos, estalarem beijos famelicos, trocaram-se soluços, cruzaram-se adeuses...

O ululato, o pranto levantava-se a espaços, troava como o bramir do oceano, sinão como o uivar de uma alcateia de lobos...

A dor excessiva tem não sei que de voluptuosidade feroz: compraz-se em protelar a duração do padecer, gosa-se em retorcer na chaga o ferro que a-causou.

Essa doçura horrivel do soffrimento, só a-conhece quem muito soffreu.

A despedida foi longa.

• • • • •
Ambrosio Caldeira dirigiu-se para uma das choupanas abrigadas pela cortina occidental.

Essa choupana não tinha divisões, formava uma só quadra. Allumiava-a uma bugia resguardada por uma lanterna de chifre.

A um canto amontoavam-se dez barrís enervados de couro crú. Era a *ultima ratio* dos vencidos, era a polvora.

No angulo opposto, á beira de uma camilla estavam sentados Antonio Francisco e Guiomar.

Ambrosio Caldeira entrou e, sem dizer palavra, sentou-se tambem junto delles.

Passaram-se horas, e essas tres creaturas não articularam um som, não mudaram de posição.

A não arfarem-lhes os peitos, a não scintillarem-lhes as pupillas, dir-se-iam tres petrificações da dor, tres simulacros arrancados de um *heroum*.

A bugia foi-se-gastando e por fim, quasi consumida, começou a bruxolear, creando a cada desmaio de luz uma alluvião de phantasmas!..

No intervallo desses clarões agonizantes distinguia-se um albor tenuissimo.

Era o dia que vinha-chegando.

Ambrosio Caldeira ergueu-se.

Não estava pallido, não estava livido. Estava uma e outra cousa: tinha manchas côr de chumbo no rosto côr de terra.

Movia-se sem tremer, mas tambem não respirava.

O metal que se-dissolve deve experimentar o que elle sentia.

Approximou-se da filha, tomou-lhe a cabeça entre as mãos, curvou-se, pousou-lhe na testa um osculo demorado.

Apertou a dextra do moço.

Ia sahir.

Antonio Francisco levantou-se por seu turno.

—Um momento, meu pae, disse elle. Quero que, antes de partir vejas-me no meu posto.

E, enlaçando Guiomar pela cintura, levou-a para junto da polvora, atirou por terra o capote que trazia, fel-a sentar em cima.

Puxou depois uma pistola da cinta, examinou-lhe a escorva, engatilhou-a.

Do bojo de um dos barrís protrahia-se um ba-taque.

Arrancou-o, e, pela abertura, introduziu o cano da arma que ali ficou encravada.

Saliencia sinistra!

Essa arma parecia ter uma vontade, uma vontade que odiava.

O cão elevado sobre a caçoleta, ameaçando-a com a pedreira, era como uma serpente de bote feito, como um labio que se-arregaçava em sorriso medonho, esperando o instante de cuspir a explosão.

—Podes partir, meu pae, murmurou o moço. Estou no lugar que me assignaste. Serei digno de Guiomar, serei digno de ti, serei digno de mim proprio.

A bugia extinguiu-se.

Sua ultima crepitação espelhou-se em duas lagrymas que rolavam vagarosas pelas faces do chefe portuguez.

Elle sahio grave, hirto, sombrio, mudo como tinha-entrado.

Pela porta da choupana, do angulo mesmo em que se-achava a polvora avistava-se o portão.

Restrugiu o toque de reunir, soaram as vozes de commando.

Antonio Francisco e Guiomar viram, a esse luzir incerto que já não era noute e que ainda não era dia, agitarem-se os homens na praça de armas, formarem-se, porem-se em marcha e, como uma cobra que some por um buraco, desaparecerem pelo portão.

Esse fechou-se. Ouviu-se correrem ferrolhos, ouviu-se ranger a chave enorme, ouviu-se um tropel que descia a ladeira e que ia morrer surdamente ao longe...

Ainda por um pouco reboou o alarido das mulheres que ficavam...

Depois tudo afogou-se em um silencio lugubre, abafado, contristador, pavoroso...

Parecia que a morte-já-tinha-extendido suas azas pardacentas sobre o forte abandonado.

.....

Ha momentos que resumem seculos.

Ha horas que são eternidades.

Essas eternidades, percorre-as o pensamento.

O pensamento é para o tempo o que o relampago é para o espaço.

Voeja rapido da infancia á caducidade, é como um hyphen entre o primeiro vagilo e o ultimo suspiro.

E nesse voejar que mundo de ideias, que abysmo de recordações!

O que é a vida?

Uma ponte lançada entre dous infinitos, o elo que prende o não-ser absoluto á existencia sem fim.

Sobre essa ponte vagueia um phantasma—o imprevisto.

Titão impalpavel, acrobata invisivel, ninguem o enxerga, e todos o-sabem presente.

O imprevisto é a sombra do espirito.

O imprevisto traduzido em realidade chama-se acontecimento.

Anceios, esperanças, alegrias, gosos, enlevos, scismas, temores, desillusões, soffrimentos, amarguras, magoas, tudo depende do imprevisto.

O imprevisto é uma estupidez cega que parece ter olhos intelligentes.

Quando não vibra o punhal de Bruto que prostra a Cesar, guia a caravella de Colombo que descobre o novo mundo.

Antonio Francisco estava de braços cruzados e fronte erguida. Pensava.

Seu olhar parecia afundar-se no passado; o passado parecia stereotypar-se-lhe na pupilla.

Era uma especie de dialogo entre a alma e o viver, entre a razão e a memoria. A razão perguntava, a memoria respondia.

Innocencia de menino, saibo suavissimo de beijos maternas, odio de adolescente, amarguras de homem, misanthropia de exilado, descreer de desilludido, avidez de sceptico, tudo isso surgia do nada do passado, erguia-se, vivia, movia-lhe o coração, expandia-o, acabrunhava-o, dessecava-o, esterilisava-o a um tempo só...

E o rejuvenescer de sua alma ao bafo de uma paixão impossivel, e o seu consorcio por entre horrores, e o sentir-se viuvo tendo junto de si a esposa cheia de vida...

Uma só palavra o-exprime — monstruoso.

Guiomar pensava.

Anciára longos annos pelo ideal de sua phantasia, entrevira-o nas allucinações do hysterismo; e, quando já sem esperanças de encontral-o na terra sentia-se nostalgica do infinito, deparára-se-lhe elle encarnado, animado, vivo, perfeito...

Via-o, tinha-o junto de si, e ia ser-lhe arrebatado nas azas inflammadas da explosão...

Antonio Francisco e Guiomar não se-fallavam e comprehendiam-se.

Essas duas almas, vasadas no mesmo molde, não precisavam de sons para trocarem pensamentos, não necessitavam de labios para se-beijarem...

E o tempo passava.

De subito ouviram-se gritos ao longe.

Victorial Victorial bradavam.

Antonio Francisco desencruzou os braços e empunhou a coronha da pistola.

Na lividez calma de seu rosto havia reflexos metallicos.

Sua expressão era indefinível.

Si um busto de bronze pudesse soffrer teria essa expressão.

Relanceou um olhar a Guiomar, outro ao portão.

Os gritos approximavam-se.

—Victorial Victorial continuavam a bradar.

Os labios de Antonio Francisco avincaram-se. Seus olhos orlaram-se de um circulo côr de bistre.

Tocou no gatilho.

—Ainda não, Antonio Francisco, ainda não! balbuciou Guiomar, erguendo-se como tomada de inspiração subita.

—Porque não? Chegou o momento, Guiomar.

—Attende.

Os nossos sahiram armados de pistolas: para uma ou duas descargas ainda tinham balas.

Si tivesse-havido combate, teriamos-ouvido tiros.

Nada ouvimos, é que nada houve.

Cantam victoria, é que o inimigo levantou o cerco.

—Impossivel.

—Victoria! Victoria! bradavam junto do portão.

—Ouves?

Não arrombam...

Mettem a chave na fechadura... volvem-na...

Ah!...

O portão entreabriu-se e tropego, esbaforido, louco de jubilo, entrou Ambrosio Caldeira.

—Victoria! Victoria! bradava elle a correr para a choupana. Estamos salvos! O inimigo levantou o cerco!

Guiomar estendeu os braços, nutou por um instante, cahiu...

Desmaiára.

• • • • •
A' noute a povoação e o forte estavam esplendidamente illuminados.

Pela ladeira fervilhava a gente.

Espalhadas em vasto tracto, brilhavam centenas de fogueiras.

Ouviam-se musicas e folgares.

Os Paulistas antes de amanhecer e sem serem presentidos tinham levantado o assedio: ao meio-dia tinha-chegado o soccorro de Ouro-Preto.

Estava acabada A GUERRA.

Fim da Quarta Parte

PADRE BELCHIOR DE PONTES

EPILOGO

PADRE BELCHIOR DE PONTES

EPILOGO

O MARTYR

Um rei «magnanimo», Paulistas e Jesuitas

Desde 1.º de Janeiro de 1707 até 31 de Julho de 1750 reinou em Portugal D. João V.

Era vaidoso e beato, e a Historia chamou-o *magnanimo*.

Ora a historia...

D. Pedro II tinha feito uma liga offensiva e defensiva com a França e com a Hespanha para collocar no throno de Carlos II o duque d'Anjou. Essa liga desfz-se em 16 de Maio de 1703, e o rei *pacífico*, que melhor se-chamaria *versatil*, bandeou-se com o imperador Leopoldo I, com a Inglaterra e com a Hollanda para guerrear a quem antes havia-sustentado.

Em 1706 o general portuguez Marquez das Minas invadiu a Hespanha, e fez acclamar em Madrid o protegido de seu amo.

Essa chrysalida de rei, esse Carlos III por poucos meses, foi o archi-duque d'Austria.

D. João V, ao subir ao throno de Portugal, abraçou com fervor a causa ultimamente defendida por seu pae.

Pulsava-lhe o coração dilatado por fofices e vaidades: esperava que o Marquez das Minas illustrasse-lhe o reinado com novos feitos de armas, inebriava-se na idéa de que era adversario de Luiz XIV.

Invejava e por isso mesmo aborrecia o monarcha francez.

Parodiava-o em tudo.

Quiz e conseguiu que Lisboa fosse uma nova Paris.

Em Vendas-Novas teve a sua Versalhes.

Augmentou os arsenaes do reino, introduziu nelle fabricas, fundou academias.

Rodeou-se de homens de lettras...

E a fortuna favorecia-o.

Si as victorias de Berwik em Almanza, de Vendôme em Villa-Viçosa, de Villars em Denain trouxeram como sequencia necessaria o tractado de Utrecht, privando-o da gloria de ter-se em frente do filho orgulhoso de Anna d'Austria, ampla compensação, farta messe de louros deu-lhe a batalha naval de Matapan.

D. João V era um rei galopim: andava de noute a correr a coxia pelas betesgas da Alfama.

D. João V era beato e supersticioso: mandava dizer, dentro de poucos meses, setecentas mil missas, pagas a 240 réis cada uma.

D. João V era um rei D. João: que o-digam as santas freiras de Odivellas...

A religião devia-lhe muito, e quem lhe-dava alguma coisa por conta dos capitães e juroes eram essas desempoeiradas monjas.

E com justiça. Quem mais do que *religiosas* deveria responder por dividas da religião?

D. João V arrojava aos ares os campanarios alterosos de Mafra; estendia por montes e valles o magestoso aqueducto das Aguas-Livres, desobstruia

o Tejo, alargava Lisboa, renovava a face de Portugal, assombrava o mundo.

Para isso precisava de dinheiro, de muito dinheiro.

Quem lho fornecia ?

Portugal ?

Portugal estava pobre, estava exausto, não podia.

Era a America, era o Brazil.

E D. João V tinha ciumes do seu Pactolo, da sua *poule aux oeufs d'or*.

Não devia, pois, morrer de amores pelos padres de Loyola que mansa e sorrateiramente se-tinham-tornado senhores de facto nas terras descobertas por Cabral. Não morria mesmo, antes olhava-os de través.

E esses olhares envesgados foram-se-traduzindo em factos, foram-se mostrando ao mundo em fórma de peças monumentaes pregadas ás santas roupetas pelo Camões do Rocio de picaresca memoria, té que alfim, em 1741, desmascararam-se de uma vez na tremenda bulla—*Immensa Pastorum Principis*— que, a instancias talvez da superiora de Odivellas, promulgou Benedicto XIV.

Em 1709, ao chegarem á Côrte noticias do conflicto entre Portuguezes e Paulistas nas Minas do Ouro, já D. João V tinha-começado a desconfiar dos homens de Santo Ignacio.

Mas ainda vivia-lhe na mente a lembrança do Jesuita Francisco da Cruz que fôra seu mestre de latim ; ainda era seu confessor o Jesuita Simão dos Santos ; ainda *privavam nos paços* Luiz Gonzaga, Manuel Dias, Manuel Pires, Antonio Stieff, Francisco da Fonseca, Carlos Gallenfels, Gregorio Barreto, Luiz Alvares, Henrique de Carvalho, Manuel de Oliveira, Ignacio Vieira, Jacyntho da Costa e muitos outros...

O monarcha magnanimo farejou nos movimentos de Piratininga e do Rio-das-Mortes dedo de jesuita, mas calou-se e procurou, como poudes, dar talho no mal.

Para esse fim fez baixar a seguinte carta :

« D. João, por graça de Deus, Rey de Portugal, etc.

« Faço saber aos que esta minha Carta Patente
« virem, que por ter resolutos, para melhor acerto
« da administração da justiça e das Minas do Ouro,
« união entre os moradores de S. Paulo e mais dis-
« trictos das mesmas Minas, haja nellas um Gover-
« nador separado do Governo do Rio de Janeiro,
« sem ter outra subordinação mais que do Governador e Capitão-General da Bahia, como a-têm os
« Governadores do Rio de Janeiro e Pernambuco ;
« e na pessoa de Antonio de Albuquerque Coelho de
« Carvalho, concorrem todos os requisitos necessa-
« rios para o tal Governo, assim pela sua qualidade
« e talento, como pelo bem que me-tem-servido em
« todos os Postos e Governos que tem-occupado, fa-
« zendo-se nelles merecedor de grandes empregos,
« e digno de fiar da sua capacidade e valor negocio
« tanto do serviço de Deus e meu, e conveniente ao
« bem commum de meus Vassallos : Hei por bem de
« o-nomear, como por esta nomeio por Governador
« e Capitão General de S. Paulo e das Minas do Ouro
« de todos aquelles districtos por tempo de tres au-
« nos, e o mais emquanto lhe-não-mandar succes-
« sor, com o qual Governo haverá o soldo de oito
« mil cruzados cada anno, pagos pelos effeitos que
« houver mais promptos na primeira renda real, e
« gosará de todas as honras, poderes, mando, juris-
« dicção e alçada que têm e de que usam os Gover-
« nadores do Rio de Janeiro, e do mais que por mi-

» nha Ordem e Instrucções lhe-fôr-concedido. Pelo
« que mando, etc.

« Dada na Cidade de Lisboa, aos vinte-e-tres dias
« do mez de Novembro. Manoel Pinheiro da Fonse-
« ca, Official-maior da Secretaria a-fez. Anno do
« nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de mil
« setecentos-e-nove. O Secretario *André Lopes de*
« *Lavre* a-fez escrever. — EL-REY. — *D. Miguel*
« *Carlos.* »

E, entendendo que não bastava corou a obra com
uma insigne maravalha : em signal de visita e de
perdão, mandou aos Paulistas sua bragantina effi-
gie que chegou a Piratininga com uma carta de Al-
buquerque escripta no Rio de Janeiro em 26 de
Março de 1710.

Cousas de rei...

Os Paulistas ouviram lêr a epistola, miraram o
retrato, encolheram os hombros ao perdão e come-
çaram a preparar-se para novo commettimento.

Em 1710 foi a *villa* de S. Paulo de Piratininga
elevada á cathegoria de *cidade*.

Os cabeçudos Paulistas ainda se-não-deram por
satisfeitos com gosar sua terra de novos foros, e fo-
ram por diante com suas preparações.

Albuquerque, homem de tino e de consummada
experiencia, viu o caminho que levariam as cou-
sas, si se-lhes-não dêsse um paradeiro : tremeu por
si, tremeu pelos seus oito mil crusados annuaes,
tremeu pela supremacia dos Portuguezes na Ame-
rica, e tanto fez que conseguiu receber, com data de
30 de Maio de 1711, uma ordem régia que o-habili-
tava a reintegrar os Paulistas na posse das fazen-
das e minas de que tinham-sido esbulhados.

Os Paulistas aquietaram-se e entregaram-se de
novo ao fadario de bater sertões.

Assim abafou-se e extinguiu-se essa faisca que,

a não ser a habilidade do delegado portuguez, talvez lavrasse convertida em incendio devastador.

Os jesuitas, esses não paravam com sua obra sinistra:

Humildes, mellifluos, meigos, felinos, astutos, perseverantes, infatigaveis, trabalhavam em silencio, escondidos pela religião, como o polypo pela profundeza das agnas.

Exforçavam-se, como ainda hoje se-exforçam, por levantar á tona do oceano social os coraes da theocracia, esperando vêr quebrarem-se nelles o batel da civilisação e a liberdade do Evangelho.

Como Satanaz a espreitar de uma nuvem carregada as obras da creação, do lobrego *Gesu* espreitava o seculo XVIII o chefe da milicia negra, o terrivel Tamburini.

Quorum Deus venter est

Despontára brusco em S. Paulo de Piratininga o dia 7 de Septembro de 1719.

Os vapores das varzeas alagadiças por onde corre o Tamanduatehy se-tinham-condensado ao amanhecer, envolvendo a *cidade* em um manto espesso de neblina; pelas dez horas a neblina se convertêra em *garôa*; ao meio dia a *garôa* assumira proporções de chuva, mas de uma chuva mansa, miudinha, incessante, impertinente, a que, por apropriada metaphora, dá-se no Brazil o nome de *teima-de-mulher*.

Fazia frio a valer, esse frio tradicional de S. Paulo, que revigora o apparelho digestivo, que aguça o apetite, que transmuta qualquer macillento enfatiado em Gargantua formidavel, em alegre commensal.

E o tempo corria, e a chuva peneirava-se.

Eram já duas horas da tarde.

Os sanctos padres de Jesus, com serem padres e com serem sanctos, não tinham-escapado á acção roaz das influencias athmosphericas. Experimentavam na região gastrica uma tal sensação de vacuo, e nas papillas nervosas da lingua umas titillações tão significativas...

Não era que não tivessem-almoçado bem. Lá isso, tinham.

E com todos os *ff* e *rr*, theologica, casuistica, padresca, jesuiticamente.

Si elles nunca foram dyspepticos! As chronicas

não rezam de que os illustres pimpolhos de Sancto Ignacio tivessem-soffrido em tempo algum de crueldades de estomago ou de anorexia.

Muito pelo contrario, foram sempre considerados como valentes *colheres*, já que sem anachronismo se-não-poderia-dizer *garfos*: ainda o marquez de Pombal, então simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello, não tinha-introduzido nos dominios portuguezes essa heretica innovação.

Em um sala bem agasalhada do Collegio o provincial de Piratininga, sete subordinados seus e quatro visitantes, um dos quaes Portuguez e tres Italianos, bocejavam refastellados em commodas poltronas, ao redor de caroavel fogareiro.

O digno superior, avaliando por si das torturas que curtiam seus confrades, já tinha-relanceado por vezes olhares afflictivos a um alentado relógio-de-parede, em cujo mostrador se-liam os nomes de Barlow, Quare e Tompion.

Alfim não se-poude-mais conter: levantou-se, sahiu, deu uma volta pelo refeitório, e, como visse sobre a mesa a toalha, sobre a toalha pratos, e sobre os pratos nada, desceu, tiritando, a exortar em pessoa os bichos-da-cosinha.

Dentro em pouco voltou, todo paschoas, entrou na sala e, sem dizer palavra, sentou-se no seu lugar.

Ao entrar todas as vistas se-lhe-tinham convergido para o rosto, inquisitivas como pontos de interrogação, parecendo perguntar—Que temos?

—Em breve! affigurava-se que respondera o gesto alegre do provincial.

E foi mesmo em breve.

Sem que tres pancadas do relógio tivessem-anunciado a hora costumeira da refeição, ouviu-se da porta uma voz assucarada que dizia:

—*Pax Christi!* O jantar está na mesa.

Os jesuitas levantaram-se como impellidos por uma mola.

—Vamos, meus irmãos, vamos fazer penitencia, disse o provincial, mostrando a porta com accionado ameno e riso na voz.

Ao entrarem no refeitório deparou-se-lhes a robusta meza de pés torneados, coberta por nevada toalha, ostentando garbosa a sopeira fumegante, a palangana de arroz açafreado, as terrinas de porcellana que serviam de tumbas provisórias a gordos capões afogados em molho-pardo, as travessas em que jaziam alourados presuntos de fiambre, os varios pratos de acepipes finos, as bojudas e pulverulentas botelhas de generoso Bucellas...

Um fremito de gastronomicã voluptua percorreu o dorso dos reverendissimos : cupida saliva reçumou-lhes das glandulas...

Rodeiaram a cabeceira da meza, cabeceira da mesa, deram graças em curta oração, sentaram-se.

—A sopa parece não estar de todo má, disse o provincial, servindo.

—Cheira deliciosamente, respondeu um dos italianos com sotaque carregado.

—Ah ! padre Arnolfini, a sua Italia é que é a terra das ignarias delicadas ! Oh ! uma sopa de *ra-bioli* como se-faz em Tivoli !... Honro-me sobremaneira com a visita que vossa paternidade e seus nheiros dignaram-se fazer ao pobre Collegio de Piratininga ; mas vexo-me pela mesquinha hospitalidade que está nas minhas forças offerecer-lhes...

—Isso acanha nos, padre provincial. E demais é injustiça, acudiu com a boca tumida de sopa um jesuita que se-conhecia ser de Lisboa pelo puro accento alfacinha.

—Não é tanto por si que me-affiijo, padre Manoel Esteves. Vossa paternidade é da terra, e está acostumado ás nossas caldeiradas. Incommodo-me

pelo que deverão soffrer os reverendos Arnolfini, Mazzolani e Barcarelli que, sendo Italianos...

—Devemos estar suspirando pela *polenta* de Milão, ou pelos *macaroni* de Napoles? interrompeu um dos nomeados com ironia cortez.

—*Corpo di Bacco!* protestaram os outros dons.

—Por fallar em Baccho, uma vez deste Bucellas não fará nenhum mal depois da sopa.

—*Vinum bonum lætificat cor hominum*, regou-gou padre Manoel Esteves, apresentando o copo que era de respeitavel capacidade.

Todos o-imitaram e o provincial distribuiu com mão larga o perfumoso liquido.

Ouviram-se os estalos gostosos que davam, saboreando-o, as linguas pias dos santos sybaritas.

—Agora capão ou fiambre? continuou obsequioso o provincial de faca alçada, dispondo-se a trinchar.

—*Si rite recordor*, estamos em sexta-feira observou de olhos devotamente baixos padre Manoel Esteves

—*Quid inde?* Temos dispensa do geral que attenden á fraqueza de nossos corpos minados por este clima. Mas, si vossa paternidade tem escrappulos, accete uma aza de capão. E' ave...

—Pois por ser ave deixa de ser carne?

—O que vôa não é carne; tem natureza de peixe. Não se-quebra mais a abstinencia por chupar os ossos de um capão do que por desnudar as espinhas de uma *piracanjuba*. Aves e peixes são productos das agnas. *Producant aquæ reptile animæ viventis, et volatile super terram sub firmamento cæli*, diz o Genesis.

—Justo, reverendo provincial, accudiu padre Mazzolani, recebendo uma rosea naca do presunto. Essa é a verdadeira doutrina da Egreja, é a doutrina sustentada por S. Basilio e Santo Ambrosio, é a

doutrina seguida até pelas mais austeras ordens religiosas.

—Já que assim é, aceitaroi a titela do capão.

—É tambem uma talhadinha de fiambre...

—Uma vez que nosso santo geral o-permitte...

—Permitte, permitte.

—Padre provincial, dá licença ? impetrou padre Barcarelli.

—Oh ! reverendissimo ! Pois não ? !

—O duque de Berwik, com quem tive a honra de cear por vezes em Barcellona, tinha á meza um costume que muito me-agradava.

—Sim ? Qual ?

—*Help yourselves*, dizia elle sempre aos convivas na barbara algaravia ingleza. Isso traduzido em linguagem queria dizer—*Faça cada um por ser bom cavalleiro*. Proponho que seja de ora em diante adoptada por nós a theoria do duque. Sirvamos nós mesmos, e não occupemos mais o reverendo provincial que ainda não comeu um bocado á satisfação...

—Apoiado ! apoiadissimo ! bradaram todos.

Desappareceu todo o constrangimento : a reserva degenerou em liberdade, e a liberdade em licença.

—Arroz ! gritava um.

—Passe o vinho ! uivava outro.

—Presunto !

—Molho !

—Pão !

—Olhe essas linguças, tem uma apparencia...

—Estão soberbas...

—Deliciosas !

Era uma confusão de pedidos, de observações, de pratos que se-batiam, de copos que talintavam, de queixos que mastigavam...

—*Ventre-saint-gris ! Questa bottiglia non é piena ! Caramba !* exclamou de subito padre Maz-

zolani, erguendo-se com uma garrafa vazia em punho.

O bom do jesuita estava sentindo uns atordoamentos que lhe-faziam vêr os objectos duplicados, ao passo que o-tornavam polyglotta, convertendo-lhe o cerebro em nova Babel.

Balbuccion algumas phrases indistinctas, depois, acariciando a garrafa com ternura infinda, deu de cantarolar em melopéa lamuriosa, com lagrymas na voz :

« Quam dulces,
« Amphora amœna,
« Quam dulces
« Sunt tuæ voces,
« Dum fundis merum in calices !
« Utinam esses semper plena !
« Ah ! ah ! cara mea lagena,
« Vacua cur jaces ? »

Um côro de gargalhadas acolheu a canção bacchica.

Entre jesuitas

Durou muito o jantar pantagruelico.

Por fim, quando os estomagos entouridos de carnes, de legumes, de massas, de conservas, de doces, davam parte de fartos, de cheios até á saturaçào, o provincial, desejoso de ficar só com os visitadores, fez um aceno.

Seus subordinados ergueram-se, cruzaram os braços, baixaram os olhos, penderam a frente, desfilaram vagarosamente, sahiram.

Os alegres commensaes se-tinham-de-novo-convertido em Jesuitas.

Padre Mazzolani, esse havia tempos resomnava beatifico com a cabeça encostada ao espaldar da poltrona.

Os vapores capitosos do Bucellas subiam a po voar-lhe o cerebro de visões extranhas.

Sonhava o sancto homem que era Geral da Ordem, Papa da Christandade, e Grão-Sultão de todas as Turquias.

Via-se trajado de roupeta, com o turbante de kalifa um pouco descaído para o occipicio, dando a beijar a um bando de odaliscas a imagem de S. Pedro, gravada no *annel do pescador*.

Sonhava mais... Lubrica expressão pintava-se-lhe na physionomia...

— Reverendos irmãos, começou o provincial, estamos a sóz, e podemos conversar om toda a liberda-

de. Com que, então, padre João Ribeiro foi mesmo expulso da Companhia?

—*In nomine, in nomine!* acudiu padre Manuel Esteves.

—*In nomine!* Não entendo.

—E' uma cousa que vem de longe.

O Sancto Padre Clemente XI, levado de não sei que espirito, mette-se em quanta questão apparece pela Europa.

São guerras de successão, contestações com Victor Amaden, intrigas com Alberoni, tudo em fim.

Para isso é preciso dinheiro, e elle gasta-o como um Creso...

Ora a Egreja está pobre: as heresias de Luthero, Zwingle e Calvino vão se-extendendo de dia em dia, e cercando-lhe cada vez mais os rendimentos.

Em *romarias, peregrinações, cruzadas e indulgencias* não fallemos: tiveram seu tempo.

Que faz o desprestigiado João Francisco Albani, Papa sob o nome de Clemente XI, para correr com suas fabulosas despesas?

Ordenha a vacca até o sangue, impõe gravame sobre gravame ás pobres communidades religiosas.

Até certo tempo respeitou-nos elle em attenção á pobreza da Ordem; mas por fim entendeu que devia deixar-se de considerações, e exigiu peremptoriamente que lhe pagassemos os foros dos bens ecclesiasticos que possuimos.

Nós em Portugal, que era onde esses bens avultavam, recusámos, o acolhemo-nos sobre a egide da protecção do rei.

Comquanto fraco, D. João V é cioso dos direitos e franquias da corôa.

Ora nós, por meio de padre Simão dos Santos, o-insuflavamos, varriamos-lhe da consciencia todos os escrúpulos, faziamos com que considerasse como negocio de estado o negocio que era sómente nosso.

Tomou, pois, a causa a peito, e resistiu tenazmente.

Mas aconteceu nesse comenos o que ninguem poderia ter-previsto.

O geral aventou a guerra que movia á Ordem Victor Amadeu, e assentou de pôr-se ás boas com a Santa Sé. Mandou que pagassemos. Pagámos.

—Oh !

—Avalie, padre provincial, da situação em que nos-vimos-entaliscados, nós Jesuitas portuguezes.

—*Quocumque adspicias nihil est nisi pontus et aer ;
Fluctibus hic tumidis, nubibus ille minax !*

—Exactamente. Em Roma accusavam-nos de rebeldes á Curia, de só lhe-termos-obedecido por determinação expressa do geral ; em Lisboa arguiam-nos de desleaes para com o rei, de o-termos-desmoralizado, depois que por amor de nós se-malquistára com o papa.

—Dilemma terrível !

—Salvou-nos de suas pontas a dedicação de padre João Ribeiro.

—Sim ?

—Ora attenda : assentámos de fingir-nos divididos nas opiniões, e bandeámo-nos aparentemente, uns com o rei e outros com o papa.

—Soberbo, jesuitico mesmo !

—A' frente dos partidarios do rei collocou-se padre João Ribeiro, e deu de declamar contra Roma... Ai ! era cada verrina !

—O papa então ?...

—Ficou furioso, e mandou que o geral o-expulsasse da Companhia.

—E o geral expulsou ?

—Expulsou, mas em represalias D. João V expulsou tambem de Portugal o visitador que executára o mandado.

—Pobre de padre João Ribeiro.

—Qual pobre ! Entrou de privança com o rei que o-nomeou membro do Tribunal da Consciencia e das Ordens...

—Porém sem fazer mais parte da Companhia ?

—Ora, padre provincial ! Continúa sempre a per-tencer-nos, corresponde-se comnosco, faz o que nós lhe-mandamos.

—Impagavel !

—Homem, toda a medalha tem reverso. O rei não nos-ficou-olhando com muito bons olhos. Por morte de Simão dos Santos tomou elle para director espirital um padre de S. Philippe de Nery. Ultimamente anda com ideias de fundar uma Academia Real de Historia...

—Mas que tem isso ?

—Tem que nós já lhe-lobrigamos as intenções.

—De fundar a Academia ?

—De privar-nos da nossa melhor alavanca, de arrebatat-nos o ensino da mocidade.

—Tá ! Tá ! Tá ! exclamou o provincial, arregalando os olhos. Pois se-atreve ?

—Atreve-se, e atrevem-se tambem seus apanigua-dos. Em todos os conventiculos litterarios fazem-se declamações de arromba contra o nosso methodo de ensino que, na opinião de nossos desaffeitados, só serve para fazer retrogradar a sciencia.

—Estará D. João V maluco ?

—Um militar portuguez está até organisando um livro sobre as oito partes da oração, e nesse livro põe notas ás doutrinas da *Institutio Grammatica* do nosso grande Manuel Alvares.

—Que diz, padre Manuel Esteves ? ! ! !

—A pura verdade : contra os principios de Alvares oppõe elle as theorias de Scoppa.

—*Mirabile dictu !* E que fizeram nossos irmãos

para defender a arca sancta das aggressões immundas desse Philistheu ?

—Incumbiram a nosso melhor humanista, padre João de Moraes Madureira Feijó, de redigir em linguagem uma *Arte Explicada* que servisse de commentario á obra do grande mestre de todos nós.

—Ah ! D. João V, D. João VI !

—Si não fora o ciúme de ordens rivaes e o espirito que domina a côrte portugueza, D. João V não seria muito para temer. Souto-Maior, vulgarmen-te conhecido como o *Camões do Rocío*, o Conde da Ericeira, Alexandre de Gusmão e outros que exercem-lhe sobre o animo influencia desmedida, procuram a todo transe fundar academias e instituições litterarias ; o estudo das sciencias vae tomando pé em Lisbôa e em todo o reino ; de dia em dia a sociedade illustra-se. Ora *sociedade illustrada quer dizer Companhia de Jesus morta*.

—Padre Manuel Esteves...

—O reverendo provincial não póde aventar si-quer a subversão de principios religiosos que começa a lavrar em Portugal ; é um incendio que vae minando tudo ás surdinas : quando se der fé desabará o edificio em que trabalhámos ha perto de duzentos annos. Olhe, um menino, uma criança de dezese-te annos já chegou a dizer em uma roda que o que ensina a Igreja vae de encontro ao Evangelho, que a *Vulgata* está viciada, que ha-de-aprender o Hebraico e o Grego para poder ler a Biblia em sua pureza !

—Sancta Virgem das Dores ! E quem é esse menino ?

—E' um meuino de familia nobre, Francisco Xavier de Oliveira, chamado por todos *Cavalheiro de Oliveira*.

—*Quod medicamenta non sanant ferrum sanat ; quod ferrum non sanat...*

—*Ignis sanat*, bem sei, mas nosso tempo passou.
Non possumus.

—Ah! D. João V! repito.

—E eu tambem repito que não seria perigoso si o-não-rodeasse quem o-rodeia. Deixassem-no fundar em socego os conventos e palacios de Mafra, gastar cinco ou seis milhões de cruzados em capellas dedicadas a S. João Baptista, cevar a sua luxuria com as trezentas sultanas de Odivellas...

—Homem, dizem que ha caras muito bonitas em Odivellas!

—Si ha?! São moças escolhidas a dedo, da melhor nobreza, prendadas, formosissimas as que vão enriquecer o alcouce sagrado do Grão-Senhor bragantino!

—Portugal, pelo que ouço, está corrupto de uma vez.

—Portugal está sobre um abysmo.

—E nós á beira.

—*Ad majorem Dei gloriam!*

Entre padres

Reinou silencio por alguns instantes.

O provincial cerrou os olhos, e exhalou um suspiro maguado.

—Porque suspira, reveren lo provincial? pergunlhe padre Manuel Esteves.

—Estou ruminando cá uma cousa.

—Secreta?

—Homem, não. Estou imaginando os feitos do senhor D. João V.

—Sim?

—E acho-lhe bem bom gosto.

—Ao senhor D. João V?

—Certamente.

—Em fundar egrejas?

—Nada, em cortejar freiras.

—Oh!

—Entre padres deve haver franqueza. Tenho peccados, sou sensual, toda a mulher formosa exerce sobre mim uma attracção nefasta que exforço-me debalde por occultar.

Mas quero o amor velado no mysterio, quero-o recatado, quero-o pudibundo.

No silencio da noite, na solidão da alcôva lubricos anseios, vozes intercortadas, protestos delirantes, beijos famintos em carnes nuas, espasmos febrís, tudo...

A' luz do sol, no bulicio da sociedade, uma phrase

apenas com sentido duplo, um olhar trocado a furto, nada...

Oh! soletrar, perante as turbas e sem que ninguém o-perceba o poema, inteiro de uma noute de volupia nos modos languidos, nas feições abatidas da mulher amada, procurar-lhe no collo o vestigio dos beijos.. E' o requinte do deleite, é a ultima expressão do goso...

Ai! no recolhimento do sanctuario, a essa luz quebrada por longos reposteiros, quando soluçam na atmospheria carregada de perfumes irritantes as notas melancolicas do organ, é que os olhos das mulheres tem mais fogo, é que suas faces são mais pallidas, é que seus contornos são mais suaves...

E as fronteiras que pendem para o solo, e os labios que se-tocam ligeiros no arroubo da oração, e o fremito indefinivel da seda dos vestidos pretos...

Na egreja, ao clarão dos cirios, por entre rolos odoriferos de fumo de incenso é que a mulher é verdadeiramente mulher!

Por uma festa de D. João V em Odivellas eu daria o resto de meus dias, daria a cadeira de S. Pedro!

Feliz monarcha! Do alto de seu regio solio elle espraia as vistas por esse rebanho de religiosas, e murmura orgulhoso: « Aquella estamenha grosseira encobre carnos setinosas cujo contacto macio eu conheço. Aquelles seios mal disfarçados pelo escapulario, senti-os a arfar junto de meu peito. Aquelles olhos que se-erguem piedosos para o ce-lebrante, vi-os velados pelos cilios nos desmaios do prazer... Tudo aquillo foi e é meu, meu só... »

Os visitantes entreolharam-se boquiabertos: estavam attonitos com as manifestações eroticas do provincial.

De feito, o digno padre se-tinha-transfigurado.

Com os olhos faiscantes, com as narinas tremulas,

com a mandíbula inferior alongada, toreia elle violentamente os dedos.

—*Vinum et mulieres faciunt apostatare sapientes*, gaguejou padre Mazzolani nesse tom de voz soturno que têm todos os ebrios.

E continuou a dormir.

O provincial acalmou-se pouco a pouco.

—Reverendos irmãos, disse elle após alguns minutos, parece que viram a cabeça de Medusa! Deixem-se de hypocrisias... E' entre padres, já disse. Qual de entre vossas paternidades quererá câmpar de casto? Será padre Manuel Esteves?

—Eu nada digo, volveu o jesuita portuguez. A carne é fragil.

—Muito fragil, acudiu padre Arnolfini.

—Fragilissima, obtemperou padre Barcarelli.

—Só um padre conheço, por quem eu poria a mão no fogo, continuou o provincial.

—E havia de retiral-a queimada!

—Não, por esse eu fico.

—Quem será essa phenix?

—*Rara avis!*

—Cysne preto!

—Não creio!

—Nem eu!

—Por esse eu fico, intimou o provincial. E' um padre paulista que vive em cheiro de santidade, e que é venerado pelo povo como thaumaturgo. E' PADRE BELCHIOR DE PONTES.

A esse nome conhecido e respeitado em todos os dominios da Ordem os visitantes baixaram as cabeças.

O provincial foi por diante:

—E' um velho de quasi setenta-e-cinco annos; ha quarenta-e-nove que está na Companhia, e por mais que se-o-tenha-sondado, por mais que se-o-

tenha-espiado, por mais que se-o-tenha-tentado mesmo, nunca se-lhe-descobriu uma só macula.

—Pasmoso !

—Tentado, disse eu, e é o termo.

De entre muitos casos, que poderiam servir de illustrações ao que affirmo, escolho para contar um que deu-se em Itapecerica.

Tinha-se-mudado para ali de novo a aldeia, e era padre Belchior de Pontes quem superintendia os trabalhos dos Indios.

Em falta de casa melhor, morava elle em uma palhoça que nem siquer porta tinha.

Ora o provincial de então, querendo pôr em prova a preconisada pureza do bom do padre, chamou uma escrava india, e incumbiu-a de ser, *mutatis mutandis*, a serpente daquelle Eva de roupeta.

A rapariga era de truz : morena, rochonchuda, olhos languidos, dentes magnificos, emfim um bocado appetitoso.

Padre Belchior de Pontes não entendeu a cousa a principio : vistas baixadas com perturbação para a terra, tremores subitos, suspiros profundos, tudo isso passava-lhe desaperecebido.

Uma bella noute, porém, teve de comprehender á força : durante seu somno a India penetrou-lhe na palhoça, e comprimiu-lhe o peito.

O novo José, acordando extremunhado, deu com uma fórma núa de mulher, viu á luz mortica da candeia pularem dous seios tumidos de desejos, e benzeu-se, benzeu-se a valer, suppondo-se ás peras com uma legião de demonios succubos.

Afinal reconheceu elle a escrava, e pespegou-lhe um sermão capaz de converter de uma vez um batalhão inteiro de mulheres de Putiphar.

A India é que se-não-converteu, e em má hora. Muitas e muitas noutes consecutivas voltou ella á

carga : parece que tinba-tomado gosto pelo negocio.

O padre estava cançado : gastára latim, gastára rhetorica, gastára até exorcismos, e tudo de balde.

Por fim appellou para um remedio heroico : munhiu-se de um azorrague, e esperou.

A's horas do costume appareceu a tentadora...

Ai, que sova ! Foi uma cousa nunca vista, monumental, prodigiosa ! Um poema de couro crú, uma epopéa de vergalho !

Por mal ainda de peccados a misera, para mais fazer valerem seus encantos, estava, como das outras vezes, nos trajés do Paraiso... O desapiedado instrumento, tocado por pulso ainda mais desapiedado, cortou sem sembaraços por allifóra, betou costas, sulcou seios...

Tambem o demonio da luxuria fugiu espavorido daquelle corpo ; aquelle coração não palpitou mais ancioso : e, apezar das ordens do provincial, padre Belchior de Pontes poude dormir em socego.

—Que pudicicia feroz !

—Realmente !

—Já ouvimos fallar desse padre como de um verdadeiro sancto.

—Dizem que exerce sobre o povo grande influencia ?

—Exerce, é verdade ; e tem-nos-sido muito util. E mais ainda poderia ser, si não tivesse dado em misanthropo.

—Achaques da velhice.

—Já vem de longe a cousa : elle ser pre foi re-concentrado, mas desde a *guerra dos Emboabus* tornou-se quasi intratavel. Supponho-lhe uma aduel-la de menos.

—Onde está elle actualmente ?

—Aqui no Collegio.

—Ainda o-não-vimos,

—Não sahe da cella. Veiu ha dias de Araçari-guama, doente de dôr de pedra. Soffre horrivelmente, e creio que pouco poderá durar.

—Não se-têm-tentado remedíos ?

—Todos. Até não se-poupou uma ema domesticada que aqui tínhamos.

—Uma ema ?

—Sim, é o avestruz do Brazil. Como essa ave digere pedras, é opinião que o seu bucho cozido aproveita a quem tem calculos biliares.

—E não deu resultado tal meio ?

—Nenhum : tenho para mim que é patranha.

—Estou com curiosidade de vêr o padre.

—Bem, amanhã, padre Manuel Esteves. E' já tarde, e precisamos de rezar o breviario antes da ceia. Vamos para a sala.

—E padre Mazzolani ?

—Vou mandal-o levar para o seu quarto. Dorme que é uma bemaventurança.

E o provincial levantou-se.

Os visitantes o-imitaram, e todos sahiram do refeitório.

A mensagem

A's brumas e garôas da vespera, ao frio e á chuva succedera um tempo magnifico.

O sol que despontára em céo limpo de nuvens brilhava vivido, dardejando feixes de luz pelas varzeas, pelas alagôas, pelas campinas, pelas matas.

Os picos do Jaraguá resplendiam ; a cidade de S. Paulo de Piratininga parecia mergulhada em um banho de ouro.

No Collegio em um quarto, cujas janellas diziam para os immensos almargeaes do Carmo, ia e vinha a passos lentos e tropegos um padre jesuita, cujo aspecto indicava a decrepidez.

A fronte calva desse ancião, amarellenta como marfim velho, estava sulcada de rugas fundas ; a parte inferior do rosto, escondia-lha longa barba branca ; sob espessas sobrancellas luziam-lhe febrís os olhos encovados. Suas mãos emmagrecidas tremiam ; pendia-lhe a cabeça ; o busto estava pronô.

Sentado em um mocho, junto de uma pobre cama, estava outro jesuita que observava solícito o ir e vir do companheiro.

Decorreu largo espaço sem que nem um delles articulasse palavra.

Ouvia-se fóra o chilrear das andorinhas, o pipillar alegre de mil passarinhos que espanejavam-se aos raios têpidos do sol.

O jesuita que estava sentado quebrou por fim o silencio :

—Ha-de sentir-se cansado, padre Belchior de Pontes, disse elle. Olhe que está a andar ha pedaço. Venha sentar-se um pouco.

—Dou-me bem com o exercicio, padre Sebastião Alvares.

—Então sempre acha-se melhorzinho ?

—As dores agora não são muitas. Ouvindo aquellas andorinhas a tagarellar tão folgazans, vendo este sol tão lindo, affigura-se-me que tenho desejos de viver, goso-me em mover estes pobres membros. Tontices de velho...

—Tontices de velho ! Não diga tal. Deve mesmo ter desejos de viver ainda muito, e ha-de viver.

—Ah ! meu amigo, quando falta o azeite apaga-se a lampada.

—Setenta annos não acabrunham assim um homem da sua tempera.

—Setenta-e-quatro e dez mezes completei eu ante-hontem. E são como si fossem setenta-e-quatro seculos. E' já muito, muito mesmo.

—Qual muito ! Espero em Deus que ainda receba as festas do seu centenario, e que seja eu quem lhas apresente.

—Padre Sebastião Alvares, quanto a mim não é possível ; e, quando o-fôra, eu não o-quereria. Para que viver mais ?

—Para trabalhar para a gloria de Deus !

—Para trabalhar para a gloria de Satanaz, deveria ter dito vossa paternidade. Na *Companhia de Jesus* usa-se do nome de Christo, mas serve-se a Belial ; préga-se o Evangelho, mas cultiva-se o atheismo ; celebram-se festas pomposas, mas blasphema-se de Deus !

Ai é tremendo vêr desabarem uma a uma as illusões da vida, sentir esvaiem-se em fumo todos os

sonhos dourados da juventude, e no fim da carreira, ao estender a mão para tocar a meta, ouvir a voz acerba da consciencia bradar, metallica e inflexivel.—Homem vão, malbarataste a tua existencia, perdeste o teu tempo, sacrificaste-te a uma causa condemnada, chama-te o anathema para sobre a tua cabeça...

—Horrivel...

—Horrivel, não ; é mais do que horrivel, é infernal ; é mais do que infernal, não se-póde exprimir !

—Mas tem a Jesu-Christo...

—Tenho-O, tenho-O, e o tel-O é o que mais acendra o remorso que punge-me neste momento. . Oh ! eu vejo-O a Elle, o Author da Creação, o Filho de Deus, o Verbo feito Carne a pender pallido e exanguie dos braços malditos da Cruz... Vejo-O com a pelle lacerada, com o rosto pisado, com o lado aberto, com as mãos e pés traspassados, ardendo em sêle, consumido pela angustia, trahido pelo discipulo, condemnado pela Lei, apupado pelo povo, desamparado de Deus... E sei que a causa desse martyrio sem nome foi Seu amor pela raça decahida de Adão, pela minha raça, por mim... E Elle chama-me ainda, a mim desgraçado, que, servindo a Loyola, trahi-O como Judas, neguei-O como Pedro, persegui-O como Saulo...

Perdão, meu Jesus, perdão para este servo inutil, perdão para este inimigo vil, perdão para este miseravel réprobo !...

E o pobre velho cahiu de joelhos, escondendo nas mãos o rosto banhado de pranto.

—Belchior de Pontes, disse padre Sebastião Alvares, erguendo-se solemne, eu, que como tu tambem tenho-negado o Mestre, que como tu tambem sou fraco, que como tu tambem reconheço a minha vileza ; mas que, apesar de vestir roupeta e de fa-

zer parte da milicia das trevas, creio em Deus e sou
Christão ; eu te-digo :—Encára o céo sem receio :
tens a fé que salva,

—Meus crimes são grandes...

—Maior é a Sua Misericordia.

—Devo perecer...

—O Filho do Homem foi levantado, como a ser-
pente de bronze no deserto, para que todo o que
nelle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

—Meu peccado prevalece contra mim como um
homem armado...

—Elle venceu o peccado.

—A justiça de Deus...

—Elle a-satisfez.

E, soerguendo nos braços o ancião, conduziu-o
para cama, e fêl-o sentar-se.

Houve uma pausa de minutos.

—E' infinita a Misericordia Divina, disse a'fim
padre Belchior de Pontes, e só ella póde salvar-
me...

Annos de soffrimento, sacrificios, penitencias de
que me-valem agora ?

Abafei os affectos de minha alma, atrophiei o co-
ração, abneguei a vontade, tornei-me escravo, fiz-
me machina, e por quem ?

Pela *Companhia de Jesus*, por esse Saturno moral
que devora até os proprios filhos...

Depois, cerrando os olhos como em visão prophe-
tica, continuou :

—Brazil, ó patria, que será de ti ?

A America Ingleza, livre um dia e independente,
eivar-se-á ao apogeu da gloria social ; a Africa
adusta florescerá cheia de vida ; os juncaes da In-
dia coalhar-se-ão de cidades...

E tu ?

Tuas florestas virgens, destruil-as-á o incendio ;
teus campos fertéis esterilizar-se-ão, regados pelo

suor maldito do escravo ; teus rios gigantes rolarão por entre solidões...

Tombarás de abysmo em abysmo ; das mãos de um tyranno passarás para as de outro...

Com um phantasma de liberdade has-de-ser uma sombra de nação...

E' que estás eivado pela lepra hereditaria de Roma ; é que pesa-te na cerviz o pé duro do papa, é que agrilhoa-te o pensamento o theocratismo infame dos parasitas do Christo...

Teus filhos serão egoistas e servís, que energia, patriotismo, virtudes civicas só medram ao sol sagrado da liberdade de consciencia...

Tu serás sceptico, que suffoca-te as crenças o inimigo da sociedade, o homem sem familia, o padre celibatario...

Orange, porque não venceste ? Hollanda, porque não triumphaste ?

Serias livre, Brazil ! Poderias pensar, poderias crêr...

Mas Deus amercear-se-á de ti... Esse jogo, has-de sacudil-o ; essas cadeias, quebral as-ás...

Então os confessores do Filho do Homem não irão mais para o reino expiar nas fogueiras do Campo da Lã o crime de ter fé ; então os Boles pregarão o Evangelho sem que venham os Anchietas apertalhes ao pescoço o garrote fatal...

E a voz do velho extinguiu-se num mormurio confuso ; seus olhos cerraram-se ainda mais, como afundando-se na intuição do futuro ; seu peito alteou-se...

—Belchior de Pontes, meu irmão em Christo, disse padre Sebastião Alvares, apoiando a dextra no hombro do companheiro, dia virá em que eu dispa esta tunica de Nesso que me queima as carnes... Deus dar-me-á forças para proclamar aos quatro ventos o nome sancto de seu Filho, para

prégal-o como elle é ensinado nas Escripturas, para annuncial-o ás turbas como o *unico* verbo de salvação... Mas ainda não posso... Tu, porém, que, a fallar sem cortezias hypocritas, com a franqueza de Christãos, já tens um pé no limiar da eternidade; que, esperando comparecer breve ante o throno de graça do Altissimo, nada deves mais recear dos homens; tu, digo, estás em outro caso... Ainda ha, dependente de ti, um grande serviço...

—Ai...

—Ha uma alma a quem levar o conhecimento de Jesu-Christo...

—Tanto como eu, pódes leval-o tu, meu irmão.

—Só de ti o-receberá ella: trago-te mensagem especial.

—Ai de mim! Não posso.

—Uma mulher, agonisante de certo a esta hora, pediu-me te-dissessemos que não desejava, que não queria morrer sem que a-ouvisses.

—E' tarde, é muito tarde.

—Olha que eu te-não disse o seu nome.

—Que importa o nome? Não posso, não tenho forças.

—Chama-se...

—Para que nomeal-a?

—D. Branca Rodrigues!

Como o cadaver tocado pelos rheophoros da pilha galvanica, saltou padre Belchior de Pontes.

Um côr rosada invadira-lhe as faces; seus membros tinham-readquirido o vigor, a flexibilidade da juventude; seu busto endireitára-se; brilhava-lhe o olhar.

Foi uma quasi resurreição.

A natureza é assim: nas grandes commoções o espirito sobrelava á materia; a *alma* enfreia, domina, subjuga a *besta*.

—E' forçoso, ó Deus, exgotar até as fezes o calix

da angustia, exclamou o velho com voz forte e repassada de amargura. Exgotal-o-ei... Eu vou. Vamos, Sebastião Alvares.

E, tomando a capa e o chapéo, sahiu com o companheiro.

Não levou muito, e soou á porta a voz do provincial :

—*Pax Christi!* Podemos entrar, padre Belchior de Pontes?

Como não obtivesse resposta, penetrou na cella, seguido pelos visitantes.

—Não está aqui o moribundo! disse cheio de espanto. Onde iria elle? Quando eu digo que o homem tem uma aduella de menos!

Sunt lacrymæ rerum...

A Rua de Martim Affonso, já chamada então com o nome que hoje tem de Rua de S. Bento, estava atopetada de gente que iam e vinham como simulacros vivos da mais pungente afflicção.

Cruzavam-se de toda a parte exclamações dolorosas, respostas desanimadoras succediam a interrogações angustiadas.

—Morre a mãe da pobreza! Que será de nós? murmurava um.

—Quem sabe si poderá escapar? acudia outro.

—Qual escapar! Já está com *sororoca*... observava este.

—O que é bom não dura mesmo, volvia aquelle.

—Que mulher!

—Que modelo de bondade!

—Que sancta!

—Por isso Deus a-leva!

E todos lastimavam-se; de todos os olhos marejavam lagrymas.

Era que na mesma casa, donde sessenta-e-tres annos antes sahira vestida de bodas, agonisava mortal D. Branca Rodrigues, a filha do benemerito Paulista Lourenço Castanho Taques, a virtuosa esposa de João Pires Rodrigues.

Sua morte prevista, irremediavel já havia meses, era considerada como uma calamidade publica.

Pelas portas escancaradas do edificio entrava e sahia uma multidão de velhos, de mulheres, de

crianças: a familia deixava que tivessem a triste consolação de vêr ainda uma vez o rosto daquella que chamavam *sua providencia*.

E ella o-fora.

Nunca a viuva indigente implorára de balde a sua caridade; nunca a donzella órphã achára cerrado o seu coração; nunca o pobre opprimido deixára de ter nella uma barreira contra a prepotencia do oppressor.

Tambem o pranto que se-vertia vinha do intimo; a dor era sincera.

No quarto mortuorio, em silencio tetrico, lugubre, estava João Pires Rodrigues, estava toda a familia.

Na sala vizinha apinhava-se uma mó de gente que, sem proferir palavra, abafando os soluços, erguiam-se nas pontas dos pés, procurando enxergar a moribunda pela porta entreaberta do aposento.

D. Branca arquejava com as palpebras descahidas; em suas faces pallidas e rugosas, em molduradas por madeixas côr de neve, já tinha a morte impresso o estigma fatal; a cambracia dos lençóes contornava-lhe as fórmas angulosas do corpo emmagrecido.

De subito um estremecção agitou-lhe os membros.

Abriu frouxamente os olhos, e perguntou com voz alquebrada:

—Ainda não veio o padre, João?

—Ainda não, Branca.

—Quem o-foi-chamar?

—Dei o recado a padre Sebastião Alvares.

—Oxalá venha, e ainda me-encontre viva...

—Padre Belchior de Pontes acha-se tambem muito mal. Si elle não puder vir, não te-servirá outro?

—Não. Quero mesmo confessar-me com elle.

Ouviu-se na sala um bulicio de gente que se-affastava para dar caminho, e no desvão da porta enqua-

drou-se a figura ascetica e severa de padre Belchior de Pontes.

—A paz do Senhor seja comvosco, disse elle, cor-tejando com o sombreiro.

Levantou-se João Pires Rodrigues, levantaram-se todos que estavam sentados ao redor da enferma.

Ella propria com supremo exforço conseguiu er-guer-se sobre o cotovello.

—Deixem-me com o padre por alguns momentos, murmurou em tom sumido. Não tenho tempo a per-der. Sinto que foge-me a vida...

João Pires Rodrigues puxou uma cadeira para jun-to do leito, convidou o jesuita a sentar-se, e sahio soluçando.

Sens filhos e parentes o-acompauharam.

Padre Belchior de Pontes e D. Branca ficaram sés.

Momento solemne !

A' beira dos páramos mysteriosos da eternidade, gastas pelo attrito do viver, sem nada mais a espe-rar da terra, estavam face a face duas creaturas que tinham-nascido uma para a outra, que se-tioham-amado na infancia, e que a mão da sorte separára para sempre.

Entre uma e outra medeava um duplo abysmo incomensuravel, tenebroso, horrifico, desesperador —o *matrimonio e o sacerdocio*...

Sobre uma e outra pairavam as nuvens gélidas da velhice.

O padre e a matrona olharam-se...

Que mundo de acerbas cogitações surgiu a esse olhar, primeiro que trocavam de perto depois do longo lapso de sessenta-e-tres annos...

Devia ser terrivel a scentelha ultima que brotas-se dessas almas ulceradas pelo mesmo espinho...

A derradeira Infada do vulcão que extingue-se é mais ardente, calcina mais...

Sabiam-no, temiam-no, guardavam silencio...

Quebrou-o padre Belchior de Pontes.

—Chamou-me, senhora, disse elle, eu vim. Trouxe-me a obediencia, e não o reconhecimento de uma necessidade. Sente-se peccadora? Confesse-se a Deus, e peça-lhe um perdão que lhe-não-póde dar quem tambem sente a consciencia pungida pelo remorso.

—Padre Belchior de Pontes, pedi-lhe que viesse, veio. Eu lho-agradeço. Queria, quero derramar em seu seio o calix de amargor que envenenou-me a existencia; quero revelar-lhe um segredo que só Deus conhece, e que eu não devo, e que eu não posso levar comigo para a tumba.

Depois seja o interprete do Senhor: condemne-me ou perdoe-me.

A voz de D. Branca era firme e sonora; seus olhos tinham fogo. Dil-a-iam em todo o vigor da saude.

—Falle, senhora, que eu a-escuto, volven o jesuita.

—Sou esposa e mãe, padre Belchior de Pontes. Os deveres arduos desses estados augustos, comprehendidos eu sempre, e, mercê de Deus, sube cumpril-os. Meu marido teve e tem em mim uma amiga dedicada, uma companheira leal.

O affecto intimo, porém, de meu coração, o amor de mulher, eu nunca lho-pude-dar...

Com frieza mal disfarçada recebia as suas caricias; intensa era minha magua ao sentir agitarem-se-me nas entranhas os fructos de sua ternura...

Elle não foi o eleito de minha alma...

D. Branca parou.

Essa confissão exgotára-lhe as forças.

Respirou açodada por momentos; depois, cobrando energia á força de vontade, foi por diante:

—Soffri, soffro muito. Que tortura atroz o ter de empregar esforços constantes, o ter de mentir a to-

das as horas, o ter de chegar até a hypocrisia, para esconder o martyrio de meu viver ao homem generoso que a mim se-ligou... E consegui-o ! Domei meu genio ; mudei minha indole ; de activa que era tornei-me mansa e humilde ; resignei-me ; procurei allivio na pratica da caridade... e todos me-julgaram esposa feliz, mãe ditosa...

Pedi a Deus em incessantes e atribuladas orações que se-amerceiasse de mim, que me abafasse o sentimento... Não fui-ouvida...

A chaga aberta em meu coração pela garra da fatalidade sangrou sempre, sangra agora mesmo...

O padre é um sancto ; a fama de suas virtudes austeras corre de boca em boca : ha-de ter de certo uma palayra de sympathia, um verbo de perdão para a pobre velha que na hora extrema narra-lhe os seus tormentos...

D. Branca interrompeu-se de novo.

Seu rosto incendeu-se ; uma chamma de allucinação brilhou-lhe na pupilla.

Sentou-se na cama, e, extendendo para o jesuita o braço descarnado, exclamou :

—Belchior de Pontes, amei-te, amo-te a ti só !

Não te-pertenci carnalmente, mas minha alma foi tua escrava, voou sempre após ti, seguiu-te por toda a parte como a mariposa segue a luz...

Desde a tarde da tempestade nas margens do Pirajuçara nunca mais tive-te ao pé de mim, nunca mais te-fallei..,

E eu procurava-te, via-te sempre...

Sem o-querer quasi, instinctivamente, foi a tua sombra em todos os passos da vida...

Ouvi-te cantar tremulo a tua primeira missa...

Quando amortalhado na roupeta, de frente pendida, passavas distrahido e indifferente por entre as turbas, meu olhar acompanhava-te, envolvia-te, devorara-te...

E ainda vive, ainda perdura esta paixão criminosa...

Ainda sinto affagarem-me os ouvidos as palavras que me-dizias em criança, ainda ouço as notas do signal com que me-chamavas, ainda vejo o escondouro de folhagem que nos-abrigava ..

Oh ! Belchior de Pontes, amo-te ainda...

Não é que meus cabellos brancos procurem tua fronte calva, que meus labios resequidos anhelem por tua bocca já fria, que minhas carnes flaccidas anceiem pelo contacto de teu corpo desangrado...

Não...

E' que minha alma suspira sequiosa pela tua, é que a parte immaterial de meu ser tende para o espirito que Deus vasou no mesmo molde...

Calou-se. Uma como expressão de idiotismo pintou-se-lhe nas feições; a cabeça pendeu-lhe, e ella cahiu pesadamente sobre os travesseiros...

Padre Belchior de Pontes comprimira a fronte nas mãos.

Estava livido, medonho: parecia um cadaver que mãos profanas tivessem-arrancado da sepultura, e collocado nessa cadeira.

Passaram-se minutos, e D. Branca, voltando do deliquio em que cahira, foi por diante, mas com falla sumida e intercortada:

—Perdoe-me, padre Belchior de Pontes... Desrespeitei o num accesso de tresvario... Faltei com o que devia á sanctidade de seu character... mas disse o que sentia... Perdoar-me-á vossa paternidade?...

--Perdoar-te eu, Branca! disse o jesuita, atuando a matrona com expressão indefinivel. Que tenho eu a perdoar-te? E' este o unico momento de goso, e unico momento de delicias, o unico momento de vida que conheço ha sessenta-e-tres annos...

Oh! quando nas horas de desalento eu maldizia

dos homens e blasphemava de Deus, quando eu suppunha-me só no deserto sáfaro da existencia, tu velavas, tu soffrias por mim...

A que montam annos de martyrio, si ouço agora de teus labios a confissão de teu amor?

O passado é meu futuro, é para elle que volvem-se meus olhos...

Amei-te, Branca, amei-te muito; amo-te ainda...

Que importa sejas a esposa de outro, que importa chame-me o mundo *sacerdote*...

A mão dos homens separou-nos para sempre os corpos, mas nossas almas irmans unem-se neste momento, e ninguem ha que as-possa-separar...

Não são as tuas madeixas encanecidas pela edade o que ora vejo; minhas vistas se-não-apascentam em teu corpo deformado.. Atravez do organismo exaustado eu procuro tua alma... Encontro-a não mudada, aquella mesma alma que animava-te quando nas margens do Pirajuçára sorrias-me virgem, loura, criança, bella...

Perdoar-te, Branca?!!

Nós somos duas hostias sacrificadas no mesmo altar, somos duas plantas crestadas pelo sopro pestilente da mesma ambição...

Amámo-nos, Branca, e nosso amor foi puro demais para que nelle tomasse parte a materia...

A terra negou-se-nos, vamos amar-nos no céu...

No seio immenso de Deus não nos-alcançará a garra venenosa dos discipulos de Loyola...

Crês em Jesu-Christo, Branca?

—Creio, oh! sim!

—Mas crês que só Elle te-póde-salvar, que não ha outro Mediador entre Deus e os homens, que sem Elle as obras boas que effectuaste de nada te-aproveitariam?

—Creio...

—Tens fé de que Elle satisfez por ti todas as exi-

gencias da justiça de Deus ; de que o sangue vertido por Elle no Golgotha alimpou-te de toda a mancha de peccado ; de que é gratuita a salvação que Elle te-offerece ?

—Foi essa a fé... ai... que bebi... na leitnra... dos... Evangelhos...

—Não vacillas então, não duvidas ?

—Não...

—Pois morre em paz, que teu Senhor te-espera... Em breve ver-nos-emos.

—Meu marido... meus filhos...

—Compriste todos os encargos que tinhas para com elles : foste esposa modelo, mãe exemplar... Si o amor que me-votas é um peccado, o sangue de Jesu-Christo já o-expiou... Morre em paz ..

Como si só esperasse por essas palavras, D. Branca agitou-se por um instante ; seu peito arfou, e um alento tenue perpassou-lhe os labios...

Era o ultimo suspiro.

Padre Belchior de Pontes levantou-se, cruzou os braços, contemplou-a por longo espaço...

Depois, tomando o chapéo que largára sobre uma cadeira, sahio para a sala.

—D. Branca Rodrigues está na presença de Deus, disse elle á familia que lhe-corria anciosa ao encontro. Não orem por ella que se-não-faz mister : morreu como serva fiel, entrou no goso de seu Senhor.

E, surdo ao alarido de pranto que inoijera á fatal nova, affastou-se cabisbaixo, lento, solemne como um phantasma.

● martyr

As fortes commoções moraes, os exforços supremos da vontade gastam, devoram o organismo humano.

A excitação violenta do cerebro anima todo o corpo com actividade febril, centuplica-lhe a pujança, electriza-o, mas consome-lhe a energia.

E segue-se o abatimento, a prostração, o coma...

Foi o que aconteceu com padre Belchior de Pontes.

A confissão de D. Branca exaurira-lhe as poucas forças, sugára-lhe o resto de vitalidade.

Chegado ao Collegio, fôra direito á cella e atirára-se ao leito para não mais se-erguer.

Alimentando-se escassamente e a seu pezar, proferindo a custo uma ou outra palavra sumida, em immobildade quasi completa, passou elle treze dias e treze noutes...

Debalde entravam-lhe no aposento as pessoas gradas da cidade, os visitadores italianos, os companheiros, o proprio provincial: conservava-se mudo, inerte, como si já não fizera parte dos vivos...

A' voz, porém, de padre Sebastião Alvares entreabria os olhos, voltava languido a cabeça, e um sorriso triste esfrolava-lhe os labios pallidos...

O passamento de D. Branca fôra uma calamidade para S. Paulo de Piratininga: o de padre Belchior de Pontes o-era para toda a capitania.

E com razão.

Em seu longo viver elle a-percorrera muitas vezes de norte e sul, de leste a oeste, espargindo benefícios, derramando consolações. Não existia nella uma só povoação, um só bairro, em que se não conservassem nos corações vestígios indeleveis de sua passagem. Aqui fulminára elle o seductor, obrigando-o com seu verbo de fogo a reparar a injuria feita á honra da donzellinha inexperiente; alli sustára á borda do abysmo do crime um desgraçado que, impellido das más paixões, estava prestes a despenhar-se; além derramára o balsamo suave da resignação nas ulceras fundas de um coração atribulado; em outra parte rasgára os horisontes da esperança a uma alma que, confrangida pela dôr, amesquinhava-se no desalento...

De Arêas, de Embahú, de Guaratinguetá, de Pindamonhangaba, de Taubaté, de Jacarehy, de Taquacocetyba, de S. Miguel, de Santos, de S. Vicente, de S. Roque, de Parnahyba, de Sorocaba, de toda a parte tinham-vindo a S. Paulo milhares de pessoas que, sabendo da morte proxima do *sancto*, queriam vê-lo pela vez ultima, queriam vê-lo, ainda mesmo entre as taboas do ataude.

Em 22 de Setembro de 1719 pelas duas horas e meia da tarde os sinos do Collegio começaram a tocar á agonia.

Em um abrir e fechar de olhos o vasto pátco converteu-se em um oceano de cabeças...

Tinham-chegado os ultimos momentos de padre Belchior de Pontes...

Com as extremidades frias, com os membros inerteiros, respirava elle estertorosamente...

Padre Sebastião Alvares, debruçado sobre o leito com as faces banhadas de lagrymas, procurava aquecer nas suas as mãos algidas do moribundo...

Por volta de tres horas abriu padre Belchior de Pontes os olhos macerados.

Deu com o amigo, sorriu-se...

—Branca... murmurou em voz tão debil que parecia um sopro tenue de viração.—Jesu-Christo... Esperam-me .. Vou vê-los...

—E, perdôas, perguntou ancioso padre Sebastião Alvares, e amargor de teu viver aos que to-envenenaram?

—De todo... meu coração... Eu tambem... fui... perdoado... pelo... Mes...tre...

Re...ce...be... mi...nha... al...ma... Je...sus...
E calou-se, suas palpebras cerraram-se.

Padre Sebastião Alvares ergueu-se suffocado pelos soluços.

No rosto de seu amigo debuxára-se essa calma horrifica, essa expressão de suprema indiferença, de egoismo quasi, que tem a face de todo o cadaver.

.

Momentos depois o badalar de agonia se-converteu em dobre de finados.

Os jesuitas, pelas linguas de bronze de seu campanario, annunciavam ao povo que tinha-cessado de soffrer mais uma victima posthuma de Loyola, que já não existia PADRE BELCHIOR DE PONTES.

Fim do Epilogo

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
8	13	e cêa	a cêa
»	32	serão, a imagem	serão a imagem
»	37	e nosso	o nosso
10	1	vistado	vista do
16	1	Falta este verso : « Ca- pitão que a governa- va»	
23	14	lhe-é	lhes-é
55	33	coroa	corda
57	11	de paixão formosa, de si	de paixão, formosa de si
63	30-31	vagarosa branca	vagarosa e branca
64	5	adiantou-sedos	adiantou-se dos
68	2	tereí	darei
80	31	—rombeta	trombeta
126	16	escambos	banzos
»	33	escambos	banzos
146	32	Victoria ! Victoria !	—Victoria ! Victo- ria !
159	18	cabeceira da mesa	supprina-se
»	27-28	Leia-se : « Honro-me sobremaneira com a vi- sita que vossa paterni- dade e seus compa- nheiros, etc.»	
164	16	cercando	cerceando
174	Epigraphe	A mensagem	A mensagem

Devido a não ter o author disposto de tempo sufficiente para corrigir as provas, sahem innumerous erros e variações de orthographia : o que poderia alterar o sentido fica correcto acima.



Tid

